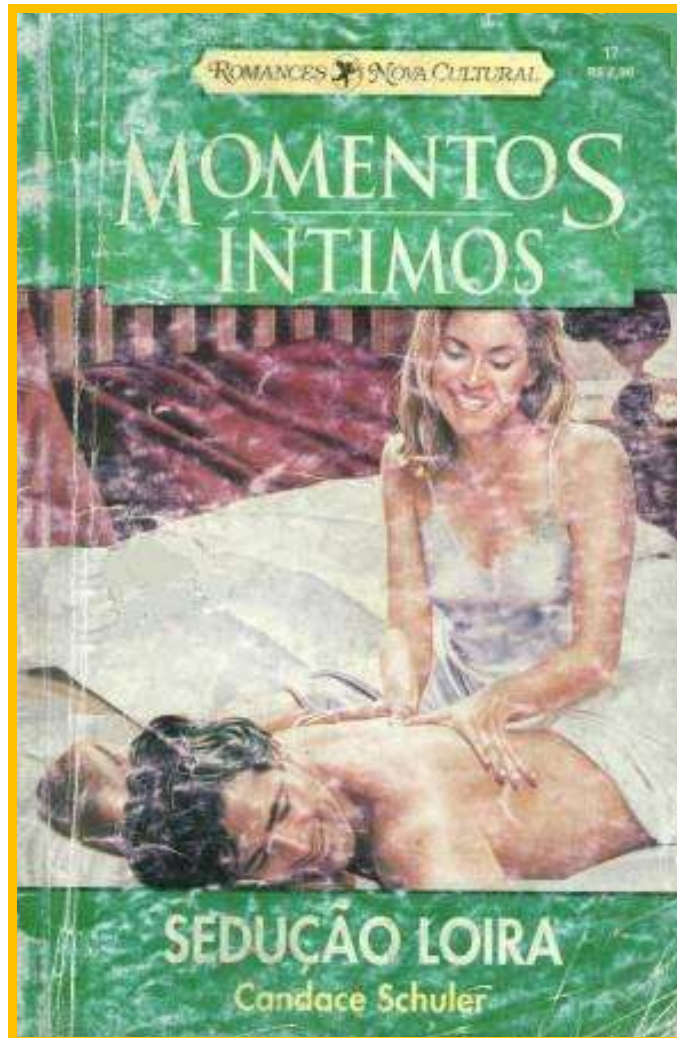


Sedução Loira

Luck of the Draw

Candace Schuler



No instante em que ele a conheceu, soube que não poderia viver sem ela!



Ted tinha vontade de estrangular seu melhor amigo, que mandara publicar um anúncio em seu nome em uma revista feminina. Agora, o mal estava feito: Evelyn chegou à casa de Ted com um bebê nos braços e aceitando se tornar sua esposa, ou, quem sabe, aceitando só o lar e a segurança financeira prometidos pelo anúncio. Em um primeiro impulso, Ted quis mandar Evelyn embora, mas como se livrar de uma loira estonteante, de olhos azuis como o céu e sorriso que sugeria as mais ardentes fantasias?

Disponibilização: Luciana Rezende

Digitalização: Marina Campos

Revisão: Soryu



Copyright © 1996 by Candace Schuler

Originalmente publicado em 1996 pela Silhouette Books,
divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Título original: Luck of the Draw

Tradução: Angela Riccetto

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Copyright para a língua portuguesa: 1997

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO UM

— Diga que você não fez isso. — A voz de Ted estava mais baixa e calma que o normal. Os olhos castanho-escuros traziam uma expressão humilde, dissimulando a irritação em que se encontrava. — Não de novo.

Gus Walter engoliu em seco.

— Não fique irritado antes de saber ao certo o que está acontecendo — disse o amigo, afrouxando o nó do lenço que tinha amarrado no pescoço. Era como se, de repente, ele estivesse apertado demais. — Não é como da última vez.

Ted resmungou, discordando sem precisar dizer nada, e olhou para o próprio retrato nas páginas da revista feminina *Os Homens do Texas*. Era a mesma que serviu de capa para a *Notícias dos Rodeios* dois anos antes.

— É uma bela foto, não acha? — indagou Gus, procurando amenizar a situação. — E muito boa. Sempre gostei de vê-lo montado no velho Vortex.

Diante do comentário, Ted resmungou mais uma vez, porém, não parecia discordar. Era mesmo uma foto bem tirada, ele também gostava. O fotógrafo da revista conseguiu captar o exato momento. Sua forma estava perfeita, o braço esquerdo erguido bem para o alto e curvado sobre a cabeça. O salto da bota próximo à pata dianteira do touro, que tinha o corpo erguido na parte de trás. As franjas da roupa de Ted eram vermelhas e pretas, e davam um efeito especial. O chapéu ainda preso na cabeça emprestava ao olhar de Ted um ar misterioso. Mesmo estando no meio de uma apresentação, ele parecia calmo e com tudo sob controle. Movia-se com destreza e precisão, como se fosse tão fácil montar em um animal bravo quanto embalar-se em uma cadeira de balanço.

As pessoas que estiveram no rodeio dois anos antes, naquele quente mês de julho, em pleno verão, deveriam lembrar-se dos segundos anteriores ao término de uma apresentação perfeita, quando o boi mostrou sua habilidade e a razão de sua fama, jogando o caubói ao chão. Ted caiu dois segundos antes de completar o tempo necessário para a classificação.

No entanto, a fotografia era muito boa. Ted tinha orgulho de ter saído na capa de uma publicação oficial e famosa como a revista da Associação de Caubóis Profissionais de Rodeio.

Ao ver-se olhando para a jarra de plástico sobre a mesa, Ted deixou as lembranças de lado e voltou à realidade. Analisou mais uma vez sua foto ao

lado de vários outros artigos de pessoas solitárias dizendo o quanto ele precisava de uma esposa. Ted olhou para as páginas abertas.

— Diga-me no que essa vez é diferente da outra, Gus.

— Bem... — Gus ergueu a aba do chapéu e o retirou da cabeça. Passou a mão pelos cabelos brancos e voltou a colocá-lo. — Não fiz promessas em seu nome — argumentou, escondendo um pouco da verdade. — Só joguei a isca de forma sutil, como você gosta.

— Sutil? — repetiu Ted, sorrindo, sem dar crédito àquelas palavras e sabendo que o bom amigo não tinha nada de discreto. O próprio artigo na revista era prova disso.

Ted leu mais uma vez:

— "Caras senhoritas, sou Ted Holt, o campeão nacional de rodeios em montadas de touros por quatro anos consecutivos e um tio solteiro com três pequenas sobrinhas para criar. Cinco meses atrás, meu irmão mais velho e sua esposa morreram em um terrível acidente de trânsito e deixaram-me a incumbência de criar suas filhas. A princípio, achei que pudesse dar conta da tarefa sozinho, mas agora vejo o quanto preciso de uma esposa para ajudar-me a educá-las da maneira certa e adequada. A mulher que procuro deve ser do tipo maternal, que tenha jeito com crianças, saiba cozinhar e que tenha disposição para os afazeres domésticos. Não é necessário que seja muito bonita, mas não recusarei nenhuma bela loira que aparecer. Não sou rico, porém, tenho um bom pedaço de terra de onde tiro meu sustento. Posso oferecer à mulher com quem me casar um bom e sólido teto, todo o respeito que uma boa esposa merece e uma noite na Taverna do Doggie de vez em quando para poder dançar e divertir-se um pouco. Tenho ritmo e um corpo em boa condição física, exceto por alguns ferimentos de montaria que incomodam quando o tempo muda. Tenho um coração bom, e espero o mesmo da pessoa que se candidatar". Sem conseguir ler mais uma só palavra do artigo sem antes avançar no autor, Ted fechou a revista e, com cuidado e lentidão, colocou-a de capa virada para baixo sobre a mesa de fórmica.

— Por acaso não lhe ocorreu perguntar-me se eu queria ser usado como isca? — Indagou, incapaz de manter-se calmo ao constatar que nenhuma mulher em sã consciência se importaria em responder a um pedido tão estranho por uma esposa. Apesar de escrito corretamente, o artigo parecia ter sido feito por um caubói idiota. — Mesmo que fosse de maneira sutil.

— Bem, na verdade, pensei sim — respondeu Gus, indignado ao ver Ted

subestimar sua inteligência. — Porém, sabia que não aceitaria a idéia por tudo o que aconteceu com...

Gus tossiu ao dizer as últimas palavras. Revendo o passado e em dúvida por saber se o encontro era mesmo adequado diante dos fatos, ficou em silêncio. Da última vez que procurou por uma noiva para Ted, a candidata, uma das mais belas e prendadas moças de Dallas, chegou a comprar um vestido de noiva. Entretanto, todas as esperanças de casamento desapareceram quando a candidata soube que o campeão de rodeios tinha uma família formada e uma árdua tarefa pela frente.

Gus sabia que Ted precisava de uma mulher diferente das que conhecia. Nenhuma delas queria assumir a responsabilidade de cuidar de uma casa com crianças, e a situação ficava cada dia mais difícil.

Três empregadas tinham passado pela fazenda naqueles cinco meses. Uma delas bebia o tempo todo. Outra passava mais tempo admirando Ted do que tomando conta das meninas, e a terceira desistiu quando o porco de Gus a perseguiu pela cozinha atrás da torta de maçã que ela havia acabado de assar para o lanche. Não era fácil encontrar ajuda, ainda mais quando não se pode pagar um salário alto. Sendo assim, Gus tomou coragem e deu um jeito na situação, concluindo que, naquelas circunstâncias, Deus o perdoaria se omitisse toda a verdade para o amigo.

Contava com o rosto bonito de Ted, com seu charme de caubói, e achou que ele logo esqueceria a decepção com a Miss Rodeio diante da recusa do casamento. Não seria muito difícil. Ted sempre superava as decepções amorosas. Tudo o que ele precisava fazer era sorrir para as candidatas de forma lenta e doce, e elas fariam qualquer coisa por ele.

Porém, daquela vez Ted não sorriu. Estava irritado com a atitude do amigo. Não queria nem lembrar-se da vergonha passada ao considerar casar-se com a Miss Rodeio. Ela não se encaixava nos padrões de uma esposa, dizia ele a si mesmo, procurando convencer-se de que afinal tinha sido melhor não levar o romance adiante. A moça era bonita, mas não dedicada, corajosa ou confiável.

Depois do episódio, Ted recusava-se a discutir o assunto. Ficou mal-humorado por alguns dias, mas depois voltou ao normal.

Assim, Gus tomou cuidado para não cometer outro erro. Primeiro, apresentaria toda a família, e a candidata não poderia dizer que fora enganada.

— Dessa vez a situação é outra, Ted. Será tudo bem diferente. A pessoa que responder ao anúncio não terá expectativas de um casamento comum. Saberá que você é um fazendeiro que trabalha duro, não vive de aventuras. Ela estará a par do que terá pela frente. Vai cooperar.

— Não terá expectativas? Vai cooperar? Você está querendo dizer que alguém já... — Ted cerrou os dentes, furioso.

Se fosse reagir e dar a Gus o que ele merecia, o administrador sairia com um olho roxo. Para alguém que costumava ser durão, Gus tinha muita sensibilidade; então, Ted respirou fundo e controlou seu nervosismo.

— Está querendo dizer que alguma tola respondeu àquele artigo?

— Sim, é isso mesmo. Tenho mais de uma dúzia de cartas. — Gus se mostrava orgulhoso. — É uma revista bem popular entre as mulheres.

De repente, Ted sentiu-se um pouco enjoado.

— Uma dúzia de cartas?

— Talvez um pouco mais. Existem muitas que sempre lêem essa revista. Sorte sua que várias estejam querendo casar-se. Quase todas parecem ser boas pessoas. Foi muito difícil escolher — argumentou, esperando que Ted se mostrasse solidário ao seu dilema. — Difícil, mesmo. Passei várias noites sem dormir, em dúvida se tinha ou não escolhido a pessoa certa para você e para as meninas.

— Escolhido a pessoa certa para mim e para... — Ted encarou-o, incrédulo. — Achei que tinha dito que não havia feito promessas a ninguém, e começo a ter certeza de que você não disse a verdade.

— Bem... Não diria isso. — Era o que ele tinha feito, mas não queria confessar. Não com Ted em pé na sua frente, enfurecido.

— Você escreveu e fez a proposta para essa mulher, não foi? Fez isso, não é, Gus?

Gus afrouxou ainda mais o nó do lenço que tinha no pescoço, recusando-se a encarar o amigo.

— Mais ou menos.

— Oh, meu Deus!

— Não precisa colocar Deus nessa história. Ele não tem nada a ver com isso.

— Nisso você está certo! — esbravejou Ted, perdendo a paciência. — Armou toda a confusão sozinho e vai desfazê-la da mesma forma! Ligará para ela e dirá que o acordo está desfeito. Diga a essa tola que não haverá

casamento algum e que tudo foi um engano.

— Não posso fazer isso!

— O que quer dizer? Como não pode fazer isso?! É só pegar o telefone... — Ted apontou para o aparelho preso na parede ao lado da geladeira. — Ligue para ela.

— Não posso. Ela já está a caminho. Enviei um mapa e cem dólares para a viagem até aqui. Pareceu-me um ato gentil diante da vontade dela em cooperar.

— Você fez o quê?!

— Ted, você me ouviu. Ela está a caminho, vem de um lugar que nunca ouvi falar antes. Ofereci uma passagem de ônibus, mas a moça disse que preferia vir guiando, trazendo sua bagagem e a criança.

— Ela tem um filho?

— Um bebê — informou Gus. — Um menino. Chegarão amanhã, por volta da hora do almoço, suponho.

— Não! Não vou ser manipulado e envolvido em outro encontro embaraçoso com uma mulher que deseja casar-se. De maneira alguma. Você pode muito bem sair do meu caminho, parar de interferir em minha vida e mandá-la embora. Dê-lhe outros cem dólares e diga que sente muito, mas que o casamento foi cancelado.

Ted falou decidido, convencido de que não havia outra saída, dando as ordens da mesma forma como fazia com os peões da fazenda.

— Não vou nem conversar sobre casamento com uma mulher que é louca o bastante para responder a um anúncio bobo procurando por uma esposa publicado em uma revista qualquer, e ainda por cima que é capaz de fazer uma longa viagem atravessando o Texas para casar-se com alguém que nem conhece. Deve ser completamente maluca para fazer isso, e eu não vou fazer parte dessa insensatez.

— Vai sim — respondeu Gus, também mostrando sua teimosia. — E você sabe disso.

Ted balançou a cabeça.

— Ainda não estou tão desesperado. As coisas não chegaram a esse ponto.

Gus o encarou, sério.

— A Sra. Gillespie, do Juizado de Menores, responsável pela proteção das crianças, nos fez outra visita inesperada esta manhã enquanto você foi à

fazenda dos Meyer ver o cavalo xucro que estão vendendo.

Ted sentiu um repentino ardor no estômago. Luise Gillespie era uma assistente social que tinha o direito dado pela lei de interferir na vida dele e das sobrinhas. Costumava vê-los de vez em quando, porém, nos últimos dois meses, as visitas ficaram mais freqüentes, deixando as meninas assustadas e chorando. Inconformado, Ted fez uma reclamação por escrito, o que o fez ir até Dallas para defender-se dos relatórios feitos pela assistente social, que falavam da inabilidade do tio em prover um lar decente para as sobrinhas. Ted procurava lidar com a situação de forma diplomática, e resolvera não responder mal a ela até que a guarda definitiva estivesse acertada.

— O que aquela velha ranzinza queria dessa vez, Gus?

— O mesmo que das outras doze vezes que esteve aqui. Veio observar as meninas, ver se você estava tomando conta delas direito e se não trazia mulheres perdidas para dentro desta casa.

— As crianças estão sendo muito bem tratadas — retrucou Ted —, e eu não tenho nem chegado perto de uma mulher há vários meses. Nem consigo me lembrar da última vez que isso aconteceu.

— Foi o que eu disse a Sra. Gillespie — explicou Gus. — Porém, não acho que ela tenha acreditado, assim como não acreditou das vezes anteriores. Cheirou a louça do café da manhã que estava na pia e disse que a alimentação não era adequada para as crianças, e que era muito anti-higiênico deixar um porco entrar em casa. — Gus parecia insultado com os comentários feitos sobre seu animal de estimação. — Slik é tão limpo quanto qualquer um de nós. Ele toma banho todo sábado à noite junto comigo.

— Então não aconteceu nada de novo — disse Ted aliviado.

— Mas isso não foi tudo — continuou Gus, balançando a cabeça. — Dessa vez, ela falou que as meninas pareciam mais quietas que o normal. Achou-as desanimadas e reservadas.

— Droga! É claro que as meninas ficam reservadas e desanimadas quando essa mulher vem aqui. Não gostam dessa intromissão em nossas vidas. Além do mais, ela as assustou com aquela conversa de mandá-las para morar com os parentes que vivem em Nebraska, os tios de Carolyn. Minhas sobrinhas não conhecem aquelas pessoas e não gostariam de morar lá, mesmo que conhecessem.

— Foi isso o que eu disse a Sra. Gillespie — explicou Gus, mais uma vez.

— Mas ela não deu ouvidos. Só comentou que não era natural a forma como as meninas estavam se comportando.

Algo no olhar do homem idoso transformou-se em um vago mal-estar que deixou Ted ainda mais nervoso. Não era a primeira vez que o amigo mencionava a forma "não natural" da vida da família. Era como se pudesse ser prejudicial o fato das três crianças estarem morando com o tio solteiro e seu antigo amigo de rodeios.

A situação não era ideal, e Ted sabia do fato. As pequenas precisavam da presença de uma mulher por perto, alguém do mesmo sexo com quem elas pudessem fazer confidências e contar seus segredos, que as penteasse com habilidade, que as levasse para a cama e contasse histórias de princesas e fadas, em vez de casos de rodeios, montaria e tombos de touros e cavalos. Alguém que as ensinasse tudo sobre como crescer sendo femininas e se tornarem mulheres de verdade.

E elas teriam essa pessoa. Ted pretendia casar-se assim que encontrasse a mulher certa. Do mesmo modo como seu pai encontrou sua mãe, muitos anos atrás, ou como o irmão Josh, que encontrou Carolyn.

O problema era a dificuldade em encontrar uma mulher especial quando se passa a maior parte do tempo domando cavalos, montando em touros ou viajando para um ou outro rodeio. Ted conhecia muitas mulheres nesses eventos, a maioria delas bonitas e agradáveis, mas nenhuma chamou-lhe a atenção.

Muitas eram competidoras, moças que faziam parte do cenário dos rodeios que não tinham planos para casar-se e ficar tomando conta dos afazeres domésticos. Outras eram esposas ou namoradas de outros caubóis, o que, é claro, colocava-as longe dos olhos de Ted. As que se aproximavam mais eram as que corriam atrás de qualquer homem que tivesse um troféu nas mãos, e Ted vinha ganhando competições desde que tinha dezesseis anos, porém, prudente, não se casaria com uma jovem que tivesse por interesse algo que não fosse a vida familiar.

— Estou fazendo o melhor que posso, Gus. E quando encontrar a mulher certa, vou me casar. Só que isso demora um pouco.

— Só tenho medo de que demore mais tempo do que você tem.

— O que quer dizer?

— A Sra. Gillespie fez perguntas indiscretas a Amanda sobre sua vida pessoal.

Os olhos de Ted se arregalaram, surpresos. Em seguida, se estreitaram.

— E então?

— Não sei, mas ela é criança. Talvez tenha dito algo inocente, mas que, aos olhos de alguém sem escrúpulos, possa não soar bem e até depor contra você. Só sei que a mulher olhou desconfiada e anotou tudo naquele caderno que ela sempre carrega.

— Meu Deus! Essas meninas são minhas sobrinhas! Em que mundo vivemos?!

— Pois é, meu amigo. É com ele que deve aprender a lidar, e rápido.

— Isso quer dizer... casar-me com uma mulher maluca que respondeu a um anúncio de uma revista?

— Ela parece ser uma boa mulher — disse Gus, ignorando, por um momento, o mau humor de Ted. Achou-o compreensível diante das circunstâncias. — Escreve muito bem, por sinal. Parece ter os pés no chão e ser sensata. Educada também. Além do mais, é enfermeira, o que seria ótimo para todos aqui.

Ted meneou a cabeça, surpreso com o que ouvia.

— Sensata — zombou, procurando compreender como Gus podia usar aquela palavra para descrever uma mulher que procurava um marido em uma sessão de anúncios de revista.

— Ela mandou uma foto. Está guardada no meu quarto, mas posso pegá-la se quiser vê-la. Tenho também as cartas. São três ao todo.

— Não quero ver nada. Não vou me envolver nessa história maluca.

— É bem bonita — insistiu Gus, determinado a *convencer* Ted de que tinha razão. — O sorriso é muito simpático. Os cabelos são loiros. Você gosta de mulheres de cabelos avermelhados, e já que tem um filho, cuidar das meninas não será mistério para ela. Essa moça pode ser exatamente o que você está precisando.

Os dois homens ficaram se encarando por um certo tempo, em absoluto silêncio.

— Está bem — disse Ted afinal, cedendo ao inevitável. — Se ela aparecer mesmo por aqui, darei uma olhada. Só uma olhada — repetiu, um pouco desesperado, querendo protestar contra a armadilha que sentia que o destino lhe preparara. — Não estou prometendo nada, além disso.

CAPÍTULO DOIS

Evelyn Reardom sentou-se ao volante de sua caminhonete de segunda mão com os vidros abertos. O banco estava bem puxado para frente para que todos os seus pertences coubessem no espaço atrás dela. Tinha estacionado no trevo quinze minutos antes da entrada para Selina, Texas. Se seus cálculos estivessem corretos, estava a menos de meia hora da Fazenda Rocking e do primeiro encontro com o futuro marido e sua família.

Evelyn virou-se, ficando de costas para a janela do carro, e ajustou a manta sobre o ombro, para proteger o filho contra a luz. Em seguida, desabotoou a blusa e deu o seio à criança, que ficou coberta por um tipo de tenda.

Suspirou e admirou o filho. Ergueu o olhar lembrando-se do que a fizera enfrentar aquela viagem e estar no meio de lugar algum às cinco horas da manhã com um bebê de sete meses de vida.

A paisagem era aberta e plana, coberta por capim baixo, dotada de altas árvores e alguns pinheiros.

Com o carro parado em um dos acostamentos da estrada, viu que as terras estavam delimitadas por arame farpado dos dois lados da pista, por toda sua extensão. O ar estava parado, e não havia barulho algum. O céu, claro e azul, deixava o sol, que nascia belo e sedutor, levar embora o frio do amanhecer prometendo um dia quente e abafado. Não havia, no local, nenhum outro ser vivo, nada que estivesse ao alcance de seus olhos.

— O que estamos fazendo aqui? — murmurou Evelyn, olhando outra vez para o bebê encostado em seu seio.

A criança fitou a mãe com os grandes e inocentes olhos e continuou a mamar.

Evelyn sorriu e o acariciou, satisfeita ao vê-lo sadio e forte, sorvendo com vigor o leite materno.

Ele havia sido internado na unidade de terapia intensiva de recém-nascidos alguns minutos depois do parto prematuro. Era fraco demais então, e não conseguia nem sequer mamar nos primeiros dias de vida. Mais tarde, recuperou-se o suficiente para ser colocado nos braços de Evelyn. No princípio, recusou-se a aceitar o seio, o que tornou o desespero da mãe ainda maior. Evelyn sentiu-se frustrada e ficou em lágrimas até que tudo se ajeitasse. Passados os sete meses, toda vez que ela o amamentava, sentia

uma alegria especial por ver o pequeno milagre que acontecera.

— E então? O que acha disso tudo, meu querido? — indagou, ainda sorrindo para o filho, que sugava sem parar. — Será que sua mãe está agindo certo ou será que ficou completamente louca?

O bebê deu-lhe um chute, com força, e afastou a cabeça de tal forma que quase soltou o bico do seio.

— Sim, é isso mesmo o que eu acho — concordou Evelyn, enquanto ajudava o filho mamar. — Estou louca.

Era o que tinha dito à amiga Bárbara quando ela mostrou pela primeira vez o artigo na revista *Os Homens do Texas*.

— Responda a esse artigo. É um pedido de casamento por correspondência que oferece segurança, um teto e uma família.

— Eu?!— Evelyn balançara a cabeça, pegando uma fralda. — Você deve estar brincando. — Com destreza trocara o filho. — Ou está louca.

— Isso se chama encontros por correspondência — informara Bárbara. — E muitas pessoas usam esse serviço hoje em dia.

— Eu não.

— Por que você não? Pelo que sei, não tem tido muita sorte com os métodos tradicionais.

— Talvez porque não esteja usando métodos tradicionais. Aliás, não estou usando método nenhum. Não me encontro à procura de um marido, Bárbara. Você sabe disso. Estou procurando *um emprego*.

— E também não tem tido sorte nessa área — dissera a amiga, com firmeza. — Isso porque ninguém quer contratar uma enfermeira com uma criança de colo pendurada no pescoço, não importa o quanto seja qualificada para o cargo.

— Vou encontrar algo logo.

— Evelyn, querida, escute. Não quero parecer cruel ou insensível, mas está procurando trabalho desde que Timothy tinha dois meses. Acha mesmo que alguém vai contratá-la quando existem dúzias de enfermeiras tão qualificadas quanto você e que não têm um bebê doente para cuidar, vinte e quatro horas por dia?

— Não. Foi por isso que comecei a responder a anúncios de pessoas que precisam de companhia.

— A mesma explicação cabe nesse caso — retrucara Bárbara, com teimosia. — Encare os fatos, querida. Não precisa de um emprego, mas de

um marido. Esse homem da revista parece ter sido feito sob encomenda para você. Primeiro, ele quer alguém que deseje ficar em casa e que se dedique aos afazeres domésticos. Tudo se encaixa. E com três garotas para cuidar, *não* vai se incomodar em ter também o pequeno e fofo Timothy. Ninguém conseguiria recusar esse bebê. Ele é uma criança tão boa que é difícil notar a presença dele na maioria das vezes. — Bárbara aproximara-se da mesa onde estava a cadeirinha do menino e o apanhara. — Você é o mais doce e bonito nenê de todo este mundo, não é? Sim, é. E tão bonzinho que o caubói vai adorá-lo.

Timothy erguera o braço e tentara alcançar os cabelos de Bárbara, que logo recuara, ficando fora do alcance da mãozinha, prendendo a mecha atrás da orelha. Oferecera a ele um mordedor de borracha vermelho para segurar. No mesmo instante, Timothy segurara o brinquedo, levava-o à boca e começara a mordê-lo.

— Acho que você deveria considerar esse anúncio — dissera Bárbara, olhando de novo para a amiga. — É sério. Esse caubói pode ser a solução de seus problemas.

— Não. — Evelyn balançara a cabeça, — Não quero outro homem em minha vida. Nunca mais. Eles dão mais trabalho do que valem.

— Está dizendo isso só porque Craig era fraco e covarde.

Não valia nada mesmo. Mas nem todos são como seu ex-marido, querida. Alguns deles até são bem interessantes.

— Batera a unha do indicador sobre a foto do homem montando um touro furioso. — Este aqui parece valer muito. Olhe. — Os olhos verdes piscaram ao levantar a revista e colocá-la em frente do rosto de Evelyn. — Os ombros devem ter no mínimo oitenta centímetros de largura. Aposto como tem um belo traseiro. Caubóis sempre têm traseiros bonitos.

— Não estou interessada nem um pouco nesse homem — respondera Evelyn, recusando-se a olhar muito para a foto. — Não estou interessada e pronto!

— Bem, querida, nada posso fazer. Mas ainda acho que deveria tentar. Ele pode ser sua salvação.

— Nenhum homem pode ser a salvação para os problemas de uma mulher — retrucara, séria. — São eles que trazem os problemas.

— Tudo bem — murmurara Bárbara, desanimada, guardando a revista. — Então, não o encare como um homem, veja-o como... uma oportunidade de

emprego. Uma posição disponível — argumentara, relendo trechos do artigo: — "A candidata deve gostar de crianças, saber cozinhar e organizar uma casa. Comida e acomodações incluídas". Se o anúncio estivesse na sessão de Serviços de Acompanhantes para Idosos você aceitaria sem pensar duas vezes.

— Porém, não é o caso. Quem escreveu-o foi algum caubói que quer uma mulher para assumir responsabilidades que são dele. O fato de estar querendo casar-se não o torna um herói. Não para mim. — De repente, sentindo necessidade de apertar o filho contra seu corpo, pegara no colo. — Eu precisaria estar muito desesperada para considerar a hipótese. E não estou — afirmara, encostando a face na cabeça de Timothy. — Pelo menos ainda não.

Uma semana mais tarde Evelyn se viu desesperada.

Em certa manhã, foi recusada para ocupar uma vaga de empregada de um motel recebendo um salário irrisório, porque o gerente achou que ela não poderia fazer o serviço com um bebê ao seu lado. Evelyn ofereceu-se para trabalhar um dia de graça para provar que Timothy não atrapalharia, mas o gerente recusou-se a considerar a idéia, alegando problemas legais e regras dos patrões. Assim, decidiu dar o lugar para outra candidata, uma que não tivesse de levar o filho para o trabalho.

Desanimada com a última rejeição, porém determinada a não desistir, Evelyn voltou para casa, onde encontrou um recado do dono do apartamento que alugava. A conta de luz também estava na caixa de correspondência, assim como a cobrança da parcela do plano de saúde. Ambas venceriam no dia primeiro do mês seguinte.

Evelyn tinha o suficiente no banco para pagar o aluguel e as outras contas, porém, se liquidasse suas dívidas, ficaria sem dinheiro para pagar o seguro de saúde. E o seguro era de suma importância. Sem ele, não poderia pagar o tratamento médico de que Timothy precisaria ou uma operação que ele poderia precisar para recuperar a falha no coração.

Apesar de o bebê parecer gozar de muita saúde, tinha nascido com um problema cardíaco, que impedia que sangue suficiente passasse pelos pulmões para prover o pequeno e frágil corpo com a quantidade de oxigênio necessária. Como resultado da deficiência, seu sistema respiratório era muito delicado. Desse modo, Timothy precisava ser protegido de resfriados e infecções que costumam fazer parte da infância da maioria das crianças.

Era por tal razão que Evelyn precisava de um emprego para onde pudesse levá-lo. Nenhum berçário cuidaria dele da maneira apropriada, e, mesmo que o fizesse, Evelyn não queria arriscar a saúde do filho de forma alguma. Se não encontrasse um emprego, seria forçada a tomar uma atitude mais drástica.

Ela estremeceu ao imaginar-se pedindo ajuda para o serviço social da cidade. Cobriu os olhos procurando não imaginar o que faria naquela situação.

O serviço de assistência social fora uma vergonha para Evelyn durante a adolescência. Quando estava por volta dos treze anos, seu pai largou a família, e para sobreviverem, ela e sua mãe tiveram de aceitar ajuda do Estado, até que Evelyn se formasse. Isso a tornava objeto de piedade na cidade da Louisiana, onde cresceu. E de escárnio também.

Evelyn jurou para si mesma que nunca aquela situação se repetiria em sua vida.

Porém, o que mais poderia fazer? Que outra porta se abria para ela? Craig tinha deixado bem claro que não daria nenhum tipo de ajuda. Ele não só saiu do grande e caro apartamento onde moravam como também mudou-se do Estado sem deixar endereço para contato.

Sozinha, Evelyn fez de tudo para diminuir os custos ao mínimo. Saiu do apartamento que dava vistas para um belo campo de golfe e tinha um aluguel caríssimo e mudou-se para um menor, mais barato e no bairro menos procurado da cidade. Vendeu o carro esporte que tinha e comprou um modelo usado com uma ignição temperamental, mas que foi quitado, deixando-a mais tranqüila. Cancelou sua vaga na academia de ginástica, deixou de freqüentar o salão de beleza ao qual costumava ir semanalmente e cancelou também os cartões de crédito. Quando cortar as despesas passou a não ser mais suficiente, vendeu o aparelho de som, a televisão e a maior parte de sua mobília, incluindo um dormitório antigo que tinha levado quase dois anos para pagar. E se não encontrasse um emprego logo, nenhuma dessas medidas fariam qualquer diferença.

O advogado que consultara para saber da possibilidade de conseguir que Craig pagasse uma pensão para o filho explicou que custaria muito caro procurá-lo e fazê-lo assumir suas responsabilidades. Aconselhou-a a procurar a assistência social do Estado. Era claro que Evelyn teria de esperar até ficar sem dinheiro algum na conta do banco; caso contrário, seu

pedido não seria aceito. Uma vez qualificada para receber ajuda, demoraria algumas semanas para que os papéis fossem processados. Sem recursos e sem emprego, como Timothy e ela iriam viver até que o primeiro cheque chegasse?

Era uma questão fora de cogitação, e Evelyn não queria esperar pela resposta do advogado. Era assim que funcionava o sistema.

Evelyn saiu do escritório sentindo que o mundo caíra sobre sua cabeça, forçando-a a tomar uma decisão que não queria.

"Essa é a consequência de confiar em um homem", pensou, com amargura. Acreditar em Craig quando ele jurara amor e tornar-se dependente do marido foram os grandes erros de Evelyn, que acabou sozinha e desesperada.

Ainda no prédio do escritório do advogado, lutava contra as lágrimas que teimavam em escorrer-lhe pelo rosto. Sentia-se frustrada e cansada, mas procurava não entregar-se ao crescente desespero. Ergueu o filho e checkou a fralda para certificar-se de que não precisaria ser trocada, e o cobriu com carinho e delicadeza para não acordá-lo. Acomodou-o no carrinho e ficou a observá-lo por alguns minutos, com a ponta dos dedos sobre o peito, que se movia com a respiração. Em seguida, saiu do prédio.

Apesar do treinamento em enfermagem, a forma como o bebê amolecia ao dormir a preocupava muito quando chegaram da maternidade. Evelyn sabia que as mães novatas tinham tendência a ser super-protetoras com os recém-nascidos, imaginando crises quando não havia nada. Mas as mães de crianças prematuras se preocupavam ainda mais.

Timothy, ao nascer, foi chamado de "bebê azul", e apresentara sintomas que iam de respiração curta até o estado de inconsciência. Não enfrentara nenhuma crise séria desde que fora levado à unidade de terapia intensiva minutos após seu nascimento, mas, mesmo assim, Evelyn, não conseguia esquecer que a possibilidade de ocorrer algo sério ainda existia.

No princípio, ficava de vigília, ao lado do berço enquanto ele dormia, prendendo a respiração para poder ouvir a dele. Aos poucos, foi ficando menos tensa e passou a vê-lo a cada duas horas ou três horas, e não mais de cinco em cinco minutos.

Satisfeita por ver que o filho se recuperara bem durante os sete últimos meses, tranqüilizou-se ao vê-lo dormindo e puxou uma das cadeiras que estava encostada na mesa da cozinha estreita. Sentou-se. Abriu o jornal

que comprara no caminho para casa e começou a procurar emprego nos classificados.

Deveria haver algo. Algum anúncio que passara despercebido ou algo novo que fora publicado naquele dia. Porém, não havia nada para ela.

Ficou sentada por mais algum tempo, os dedos amassando as pontas do jornal que ainda tinha nas mãos. Procuraria pensar em uma solução, qualquer uma que a tirasse de seu dilema.

Levantou-se e foi procurar a revista com o artigo sobre o caubói que estava procurando por uma mãe para as três sobrinhas. Leu, devagar e com atenção, tentando analisar que tipo de homem poderia estar por trás daquelas palavras. Ele parecia sincero e honesto, não muito instruído, mas com boas intenções, com coragem para enfrentar os desafios e determinado a conseguir o que queria e dizer o que esperava em troca. Tinha um bom coração, como ele próprio se definia no artigo, e aquele era um bom sinal. Se fosse verdade, que importância teria o fato de não ter bom grau de escolaridade? Era óbvio que se importava com o bem-estar das sobrinhas, assim como Evelyn se preocupava com o de Timothy. Com o tempo, uma ligação como aquela poderia tornar-se forte o bastante para que as diferenças superficiais fossem superadas.

Evelyn olhou com atenção a foto colorida exposta na revista. Estudando-a com olhar crítico, ficou a pensar o que faria com que vivesse intimamente com o homem da foto.

Ele era mesmo bonito. Não era musculoso como um halterofilista, mas tinha os ombros largos e quadris estreitos, como tinha salientado Bárbara. As pernas eram longas, e as coxas pareciam fortes, tanto que Evelyn associou-a à de todos os caubóis. Apesar de ser difícil julgar pela foto, aquele homem parecia ser alto e bem formado. Os cabelos eram castanho-claros, lisos e curtos. Fez Evelyn se lembrar de Clint Eastwood quando ainda era jovem e não havia desenvolvido o olhar ameaçador tão evidente nos últimos filmes de faroeste. Tinha aparência inocente e doce, como uma pessoa de gênio bom.

Evelyn chegou a desejar que ele também fosse um pouco tímido com mulheres. Mas havia algo diferente no maxilar. Era forte e quadrado, e os dentes cerrados não escondiam sua força e esperança. No retrato, montando um touro, estava concentrado, com os olhos fixos em algum ponto da orelha do animal. Não dava para ver a expressão do olhar, porém Evelyn

achou que deveria refletir a mesma determinação do restante do rosto.

De repente, Evelyn teve a sensação de estar experimentando a mesma emoção que o homem no momento da montaria. A vontade de vencer, dominar o animal a qualquer custo, se estampava na posição de todo o corpo.

Estremeceu e fechou os olhos, evitando pensar mais naquele desconhecido. Aquele homem não era Clint Eastwood, e ela não poderia se ligar ou ter sonhos com um personagem de sua imaginação. Não poderia casar-se e deitar ao lado de um rapaz que mal conhecia e esperar todos os privilégios que desejava ter através de um marido. Precisava encontrar outra saída para seus problemas. Tinha de haver outra solução.

Porém, ao abrir os olhos mais uma vez, viu que as contas para pagar ainda estavam sobre a mesa e também o anúncio em busca de uma esposa sem restrições à presença de um bebê com problemas de saúde. E Timothy, o belo e frágil filho, dormia, calmo no carrinho.

Evelyn pegou uma caneta e começou a escrever a resposta ao pedido de Ted Holt.

— Está tudo bem, senhora?

Assustada, Evelyn olhou para cima e viu o motorista de uma picape verde-escura que estava parada ao lado de sua caminhonete. O motorista adolescente estava inclinado na janela com uma expressão amável e preocupada no rosto bronzeado.

— Está tudo bem, senhora? — perguntou mais uma vez.

— Precisa de ajuda?

— Não, obrigada. — Evelyn procurou a ponta da manta do bebê, tentando esconder ainda mais o seio. — Está tudo bem. Só parei para descansar um pouco — assegurou, sorrindo e apontando para um copo que deixara sobre o painel do carro. — Tive vontade de tomar um café e admirar o pôr-do-sol.

O jovem concordou com um gesto de cabeça e, batendo dois dedos na aba do chapéu, cumprimentou-a e foi embora.

Evelyn voltou a olhar o filho. Apesar de ele ainda estar com o seio na boca, não mamava mais.

— De que adianta ficar me lembrando do passado? Acho que está na hora de seguirmos nosso caminho, meu querido.

— Evelyn puxou a manta e afastou o bebê do peito. — Não podemos ficar aqui a vida inteira, não é?

Colocou o bebê no banco e trocou-lhe a fralda, conversando com ele:

— Além do mais, não iremos acordar ninguém. As pessoas do campo se levantam cedo, assim como as enfermeiras e seus filhinhos — brincou, beijando os pequenos pés.

Continuou balbuciando bobagens e gracinhas para o filho, enquanto o vestia com roupas limpas e o acomodava na cadeirinha. Timothy fechou os olhos assim que encostou a cabeça na lateral da cadeira, e dormiu no mesmo instante, como fazia sempre que estava satisfeito e limpo.

Em seguida, Evelyn sentou-se no banco de trás para ter mais privacidade e limpou o rosto e as mãos com um dos lenços umedecidos de Timothy. Refrescou a boca escovando os dentes com água mineral e trocou a blusa amassada por outra em estado um pouco melhor. Após colocá-la para dentro da calça jeans, voltou para o assento da frente e ajustou o espelho para ver o efeito da longa viagem em seu rosto.

Evelyn inclinou-se com cuidado para não acordar o filho adormecido e pegou a bolsa de maquiagem que estava dentro de uma enorme sacola de lona. Passou pó no rosto, batom e rímel, para dar mais vida aos olhos. O *blush* cor de pêssego deu cor à face pálida. Porém, nada, segundo ela, conseguiria dar um jeito nos cabelos, a não ser um cabeleireiro armado com bom secador e gel. Eles estavam soltos em desalinho pelos ombros, um pouco embaraçados pelo vento. Escovou-os após alisá-los com os dedos. Tendo feito todo o possível para melhorar sua aparência, colocou a maquiagem na bolsa, ajustou o espelho e o banco, respirou fundo e ligou a ignição do carro.

— Gostaria de saber se o fato de o motor ter funcionado no mesmo instante, sem nenhum traço de hesitação, é um sinal de que estou fazendo a coisa certa — murmurou, olhando para o bebê como se estivesse esperando por uma resposta.

Timothy dormia com o corpo relaxado e a boca semi-aberta, às vezes movimentando os lábios como se estivesse mamando. As pequenas pernas, uma de cada lado da cadeirinha, davam a impressão de completo abandono. A pele delicada, clara como leite, tinha o mesmo rosado da maioria dos bebês que não sofriam de problemas cardíacos.

Aquilo era o que Evelyn precisava ver: o filho saudável e feliz. Aquele era o sinal que queria.

Colocou a mão no peito de Timothy como se quisesse ter mais uma vez a

certeza de que ele estava bem. Em seguida, segurou a direção com as duas mãos e tirou o carro do acostamento, dirigindo-se para a Fazenda Rocking, onde enfrentaria o que quer que o destino estivesse lhe preparando. A sorte estava lançada.

CAPÍTULO TRÊS

A casa da fazenda foi uma surpresa para Evelyn. Ficava no centro de várias árvores altas no final de um longo caminho de terra batida. Não era nada parecido com o que imaginara. Em vez de uma estrutura pesada de pedras, a casa tinha um estilo vitoriano e era toda pintada de branco, com uma espaçosa varanda na frente, onde estavam colocadas duas cadeiras de balanço e alguns bancos de madeira.

A residência era toda cercada por um gramado verde um pouco ressecado pelo forte calor do verão. Pedras, também pintadas de branco, traziam mãos de crianças estampadas em cores mais alegres, formando uma borda entre o gramado e a fundação da casa, definindo o que deveria ter sido um jardim de flores e que estava tomado por ervas daninhas. No outro lado, uma horta que também precisava de mais atenção e que estava sendo visitada por um pequeno ganso branco, que se encontrava amarrado com uma corda, mas o animal, puxando-a no seu limite, pegava com o bico tudo o que estava ao seu alcance, o que incluía algumas verduras da horta.

Do lado norte, perto dos fundos, um balanço feito de corda e um velho pneu de trator pendurado em um antigo carvalho. Uma cabana suspensa ficava quase toda escondida entre os galhos. Havia também uma enorme mesa de piquenique posicionada sobre a árvore. Duas caminhonetes, uma já velha, azul, e outra num vermelho brilhante, com a estampa de cavalos empinando em sua carroceria, estacam estacionadas perto da casa onde o caminho era mais largo e fazia uma curva para outro lado.

Atrás do quintal, havia um celeiro e outras construções que ficavam em um semicírculo, conectadas umas às outras por uma série de currais e cercados.

Evelyn ouviu um mugido distante, bem como um relinchar, e, de dentro da casa, um latido.

Quando ia sair do carro, a porta da casa se abriu, e o cachorro saiu correndo pelo portão, atravessando o gramado. Ele foi seguido por uma criança de pijama e botas vermelhas.

Ambos pararam ao lado do carro. O cão ainda latia, furioso. Parecia uma cruz de pastor alemão com vira-lata. Evelyn olhou para ele com cautela, com os dedos ainda segurando a maçaneta da porta e em dúvida se deveria ou não subir o vidro, ligar o motor e voltar para a estrada. O cão feroz era a desculpa apropriada que precisava para dar meia-volta e sair dali, apesar do fato de não ter para onde ir.

Após algum tempo, a criança disse:

— Está tudo bem. — E puxou o cachorro pela coleira. — Ele não morde, é só um cão de guarda. Urso gosta de nos avisar quando alguém está chegando. — A menina voltou a puxar o animal. — Agora chega. Fique quieto e sente-se!

O cão obedeceu-a. Sentado, tinha a mesma altura da garota em pé. A boca aberta mostrava a língua rosada e as presas afiadas.

— Isso mesmo. Você é um bom cachorro — elogiou a menina, beijando o focinho do cão.

Ele retribuiu o gesto deixando uma marca de saliva no rosto dela. Com as costas das mãos, a criança enxugou a face úmida.

— Eu sou Gracie — disse ela, aproximando-se de Evelyn com um sorriso.

Os olhos azuis traziam uma expressão de amabilidade inocente e muita curiosidade. Os cabelos longos e cheios de cachos emolduravam os traços graciosos, enquanto a franja comprida atrapalhava e a forçava a todo momento a passar a mão para colocá-la para trás.

— E este é Urso.

O cachorro abanou a cauda ao ouvir seu nome, mas continuou sentado.

— Agora você pode sair. Ele não vai mais latir para você.

Mantendo os olhos em Urso, Evelyn abriu a porta e saiu do carro depressa, fechando-a, para proteger Timothy, no caso de o cachorro decidir assustá-la mais uma vez.

— Olá, Urso — disse Evelyn, esticando a mão para ele. O cão cheirou-a e pareceu satisfeito com o que sentiu, porque passou o focinho sob a mão de Evelyn, pedindo que ela o acariciasse.

— Ele gostou de você — disse Gracie, enquanto Evelyn alisava a cabeça do animal. — Urso gosta de todo o mundo, ainda mais quando alguém lhe toca atrás das orelhas.

Gracie olhou para Evelyn, que, obediente, passou os dedos no local indicado.

Urso mostrou-se satisfeito e encostou-se nas pernas da visitante.

— Você será nossa próxima empregada? — perguntou Gracie.

— Empregada? — repetiu Evelyn, parando aos poucos de acariciar Urso.

— A última que veio desistiu de trabalhar aqui porque tinha medo de Slik. Slik é o porco de Gus. Você não tem medo de porcos, tem? Não precisa, não — afirmou, antes de esperar pela resposta. — Slik costumava ir aos rodeios com Gus. O bichinho sabe fazer truques. E muito esperto. Tio Ted diz que ele é até mais esperto que Gus. Então, acho que é muito esperto, porque Gus sabe quase tudo.

— Onde está seu tio? — perguntou Evelyn, olhando, nervosa, para a casa, como se esperasse vê-lo sair pela porta da frente apressado sobre as costas de um touro.

— No curral com Gus colocando remédio em Furacão. Tio Ted disse que a próxima vez que aquele touro estourar uma cerca de arame farpado ele vai transformá-lo em hambúrguer. Mas não precisa se preocupar — disse Gracie, vendo que Evelyn se assustou com o destino que levaria o animal. — Tio Ted não falava sério. Só estava bravo porque teve de ir trabalhar sem nem ao menos tomar o café. Titio precisa de muito café pela manhã.

— Graciella Lorraine! — gritou alguém do portão. Ambas, Gracie e Evelyn, viraram-se para a direção da voz. Uma menina de aproximadamente doze anos, vestindo um avental florido amarelo sobre a calça jeans e a camiseta branca, estava em pé à porta da casa com as mãos na cintura.

— O que mamãe sempre dizia sobre deixar as visitas debaixo do sol quente enquanto você não pára de falar? E tire Urso daí. Nem todos gostam de ficar cheio de pêlos de cachorro. — Após dar as ordens, a garota bateu palmas com força. — Vamos, deixe-a em paz e tire Urso logo daí. Vá deitar-se, Urso!

O cachorro olhou para Gracie como se perguntasse se precisava mesmo ir embora.

— Vá deitar-se, Urso — repetiu a mais velha, sem dar chance de a irmã menor intervir.

Evelyn podia jurar que o cachorro suspirou antes de obedecer às ordens recebidas e ir deitar-se sob as árvores.

— Por favor, desculpe os modos de Gracie, senhora — disse a garota, descendo as escadas. — Ela recebeu uma boa educação... Oh, pelo amor de Deus! Clara, pare já com isso. — Ela mudou de direção de forma abrupta e

saiu correndo pelo gramado, pegando a corda que estava amarrada no ganso.
— Você deveria comer a grama, e não as hortalças.

A garota tirou o animal da horta e amarrou-o no local apropriado. Em seguida, diminuiu a corda para que o ganso não alcançasse mais os vegetais. Ao terminar, passou uma mão na outra e ajeitou os cabelos longos e loiros preso em um rabo-de-cavalo. Depois, voltou-se em direção do carro.

— Sinto muito, senhora. Alguém deixou muita corda solta para ela. — disse, olhando, acusadora, para a irmã menor. Então, estendeu a mão para Evelyn, compenetrada e séria como se tivesse três vezes sua idade. — Eu sou Amanda Holt. É um prazer conhecê-la.

— Evelyn Reardom. Prazer em conhecê-la, também.

— Espero que tenha vindo aqui para falar com tio Ted.

— Todas as mulheres que vêm aqui querem ver tio Ted — informou Gracie, com ar travesso. — Gus diz que é porque ele é bonito e as moças gostam do que é belo.

Amanda ignorou a irmã menor.

— Pedi a Laura que fosse ao curral avisá-lo que temos companhia — disse ela, educada, determinada a mostrar-se uma perfeita anfitriã. — Gostaria de entrar e tomar uma xícara de café?

— Adoraria — mentiu Evelyn, procurando ser simpática. Sentia um nó no estômago tão forte que não conseguiu nem terminar o café que trouxera na garrafa térmica. Porém, não tinha coragem de recusar a hospitalidade da garota.

— Deixe-me tirar meu filho do carro e logo às acompanharei.

— Oh! — As duas meninas suspiraram juntas quando Evelyn inclinou-se e pegou Timothy no colo. — Um bebê!

Vendo a fascinação das duas com o menino, Evelyn abaixou-se para que elas pudessem vê-lo melhor.

Timothy piscou depressa algumas vezes, procurando focalizar os novos rostos. Em seguida, sorriu e começou a mexer os braços e as pernas.

Atraída pelo que via, Gracie estendeu a mão para tocá-lo.

— Não. Não o toque. — Preveniu Evelyn, áspera, fazendo com que Gracie recuasse no meio do caminho, assustada.

— Suas mãos estão sujas, querida — explicou, depressa, tentando desfazer a forma rude que usara. — Mãos sujas têm germes, e precisamos ter cuidado com os bebês.

Gracie considerou a explicação por um momento.

— E depois que eu lavar as mãos, posso tocá-lo? — indagou esperançosa.

Evelyn hesitou por um segundo.

— Sim — respondeu, sabendo que teria de expor Timothy, mais cedo ou mais tarde, às outras pessoas. Não poderia mantê-lo protegido em seus braços por toda a vida, mesmo que essa fosse sua vontade. — Se lavar as mãos direitinho, deixo você até segurá-lo, está bem?

Gracie pulou, satisfeita, virou-se saltitando e saiu correndo em direção à pia mais próxima.

— Pode me acompanhar, senhora — disse Amanda, Parando apenas para apanhar a sacola de Timothy, Evelyn seguiu a menina, que andava determinada pelo gramado e pelas escadas.

O interior da casa era fresco e um pouco escuro, protegido pelas sombras das árvores plantadas anos atrás. Um tapete colorido feito à mão estava estendido na frente da porta de entrada, dando uma calorosa recepção aos convidados. Uma mesa de madeira, coberta por uma fina camada de pó e uma toalha de crochê com um vaso de cobre, com flores meio secas, ficava encostada na parede oposta às escadas.

Evelyn deu uma olhada na sala de visitas, que tinha cortinas pesadas nas janelas e uma chapeleira antiga com espelho. Na sala de jantar, uma enorme mesa de carvalho com oito cadeiras no mesmo estilo que tomava conta da maior parte do espaço. Teria adorado parar ali para analisar a mobília, mas Amanda queria cumprir suas obrigações como anfitriã e continuou andando para os fundos da casa sem diminuir o passo.

Entraram no lugar onde todos da casa deveriam ficar, a cozinha, que era clara, alegre e espaçosa.

As cortinas amarelas drapeadas cobriam as vidraças sobre as duas pias. O chão tinha piso de linhas quadradas, branco e amarelo, e o azulejo com detalhes nas mesmas cores combinava com o ambiente. A arte das crianças em forma de pirulitos e biscoitinhos era colocada com ímãs na porta da geladeira. Várias panelas e potes ficavam pendurados em prateleiras suspensas, e sobre o fogão a gás havia um latão de leite. No teto, um ventilador espalhava ar fresco por todo o ambiente.

Gracie, sentada de costas em uma banqueta, lavava as mãos com entusiasmo.

— E lave o resto da geléia que deixou em seu rosto também — ordenou Amanda à irmã, antes de virar-se sorrindo para Evelyn. — Por favor, sente-se, senhora. — Apontando com a mão, indicou a cadeira ao lado da mesa de fórmica.

— Vou pegar seu café. Temos um bolo de banana também. Se quiser... Não é feito aqui, mas está fresquinho. Tio Ted o comprou no mercado ontem.

— Ele comprou um monte de coisas no mercado ontem — informou Gracie ao terminar de lavar as mãos e pular do banco. Aproximou-se da mesa, na ponta dos pés, debruçando-se na direção de Timothy. — Isso tudo porque a senhora do Juizado de Menores não gosta que comamos feijão no café da manhã.

Olhando com esperança de pegar o bebê e sem se importar com a expressão de reprovação da irmã, continuou:

— Eu gosto de feijão, ainda mais quando Gus é quem cozinha, mas aquela senhora disse que não é apropriado para crianças em crescimento. Isso deixou tio Ted tão bravo que fomos todos ao mercado para que ela não nos surpreenda mais.

O dedo de Gracie passeava pelo ar sem atingir seu alvo. Ao passar perto da mão do bebê parou, esperando por permissão para tocá-lo.

— Seja bem gentil — aconselhou Evelyn. — Os bebês têm uma pele muito delicada.

Gracie concordou com um gesto de cabeça. Com cuidado tocou a mão de Timothy com a ponta do dedo indicador.

— Mamãe ia nos dar um irmãozinho, mas ela morreu — disse, enquanto acariciava o braço do bebê. — Meu pai morreu também. Em um acidente de carro.

Gracie falava dos fatos de forma natural, como se já houvesse repetido aquelas frases tantas vezes que já tivesse perdido o significado. Porém, Evelyn percebeu a tristeza no tom de voz, uma estranha melancolia e confusão diante dos fatos da vida. Evelyn ia oferecer algum tipo de conforto àquele pequeno ser humano, quando Timothy deu uma gargalhada e pegou o dedo de Gracie.

— Ele gostou de mim! — gritou a menina, alegre, deixando a tristeza para trás. — Posso segurá-lo agora?

Evelyn hesitou por um momento.

— Você teve algum resfriado recentemente? Espirros? Ou nariz entupido?

Gracie balançou a cabeça com vigor, negando cada uma das perguntas, com os olhos azuis cheios de esperança.

— Está bem. Sente-se nessa cadeira. — Evelyn levantou-se e inclinou-se. — Está pronta?

Gracie estendeu os braços. Com cuidado, Evelyn colocou o filho no colo da menina.

— Ele é mais pesado do que parece — advertiu Evelyn, mantendo a mão sobre o bebê até ter certeza de que Gracie o segurava com firmeza. — E às vezes, fica todo mole, assim como gelatina; então, é preciso ter cuidado e...

Uma das vidraças da porta bateu forte no batente de madeira, e Evelyn assustou-se. Virou-se, nervosa, com o barulho. Porém, era outra menina, e não o alto e magro caubói que ela estava esperando. A criança entrou correndo pela cozinha e parou perto das outras duas. Loira como as irmãs, os longos e lisos cabelos caíam sob um chapéu de vaqueiro com um laço cor-de-rosa amarrado perto da aba.

— Tio Ted mandou dizer que estará aqui assim que puder — anunciou a menina, andando apressada para ver o que todos estavam fazendo. — Furacão se cortou muito e... Olhe! Um bebê! — exclamou, olhando, animada, para as irmãs.

— Posso segurá-lo, depois? Por favor?

Foi assim que Ted as encontrou. As quatro olhando, fascinadas, para o bebê. Ele ficou em pé por bastante tempo, sem que ninguém notasse sua presença. Não conseguia tirar os olhos da mulher que tinha respondido ao anúncio de Gus procurando por uma noiva e que, naquele momento, fazia as vezes de mãe para as sobrinhas.

Seria uma cena terna, parecida com as do calendário sobre as típicas famílias americanas, se não fosse pela jovem que estava junto às sobrinhas protegendo o bebê: ela não parecia em nada com as mães que Ted já tinha visto.

A imagem que tinha era de mulheres que pareciam pertencer à cozinha, sempre rodeadas de crianças. Competentes e maternais. Não deveriam ser atraentes, com quadris arredondados e seios grandes, firmes ou ter cabelos avermelhados e brilhantes. Não deveriam fazer com que se lembrasse de quanto tempo havia que não se aproximava do sexo oposto.

"Ela é bonita", tinha dito Gus, fazendo Ted imaginar alguém que parecesse com sua falecida cunhada Carolyn, que também era bela. No entanto, a mulher que estava a sua frente era... maravilhosa! Se quisesse casar-se com uma mulher linda que despertasse todos os seus instintos naturais, teria se casado com a Miss Rodeio.

Em silêncio, Ted amaldiçoou Gus por colocá-lo em uma situação complicada e ter de dizer a outra moça que não se casaria sem antes ter certeza de que havia feito a escolha certa.

Foi naquele instante que ela olhou para cima, como se tivesse ouvido os pensamentos de Ted. Tinha um rosto exótico, a pele clara e delicada, uma boca larga e sensual, e os olhos tão azuis quanto os das sobrinhas. Os olhares se encontraram sobre a cabeça das meninas. A expressão era de desconfiança, como a de um animal selvagem que fosse ser montado pela primeira vez.

Ted não conseguiu desviar o olhar. Na verdade, nem ao menos tentou.

Evelyn respirou fundo e continuou a encará-lo como se pudesse, assim, deixar de ser notada. Ted era mais alto do que ela imaginara, e os ombros, ainda mais largos. O quadril, mais estreito. O queixo era firme, e a expressão, forte como a da foto. O olhar tão direto e desafiador que Evelyn chegou a sentir-se tocada com intimidade.

O poder e a força que Ted emanava a fez ter medo e estremecer. Sem graça, baixou o olhar e inclinou-se para pegar o filho no colo.

— Tio Ted, venha ver o bebê! — disse Gracie, pulando da cadeira. — Ele é tão fofo! — Exclamou, alegre, dançando pela cozinha até pegar a mão do tio. — Venha ver. Se você lavar as mãos, ela poderá até deixá-lo segurar o bebê.

Ted, fascinado, desviou o olhar e concentrou-se em sua exuberante sobrinha mais nova.

— Meninas, por que não vão brincar lá fora um pouco? — sugeriu ele. — A senhora...

De repente, percebeu que não sabia nem ao menos o nome dela. Tinha ficado tão furioso com Gus que não se preocupou em perguntar. Olhou para a candidata mais uma vez, esperando que ela dissesse; porém, estava prestando atenção ao bebê que tinha nos braços e fingia não notar o que acontecia. Ted sabia que aquilo era apenas um disfarce. Ela devia ter consciência da presença dele, assim como ele tinha da dela.

Ted olhou para a sobrinha.

— Essa senhora e eu precisamos ter uma conversa de adultos.

— Ela será nossa nova governanta? — indagou Gracie.

— Você disse que talvez tivéssemos uma nova governanta.

— Vamos ver — respondeu ele, tentando desviar-se da pergunta.

Gracie não ficou satisfeita como que ouviu.

— Quero que ela seja nossa governanta. Gosto dela. E, além do mais, ela tem um bebê, tio Ted — argumentou a pequena, deixando claro que, para ela, o fato o convenceria a aceitar seus planos. — A última que tivemos só tinha um gato velho e fedido.

— Vamos ver — repetiu o tio, sem querer discutir com a determinada Gracie. — Agora, vá brincar para que possamos conversar. Gus deve estar precisando de ajuda no curral. Ele deve estar misturando suas poções para aplicar em Furacão.

— Venha, Gracie, vamos — disse Laura, puxando a irmã pelo braço. Ela queria ser veterinária quando crescesse e nunca perdia uma chance de ajudar a cuidar de algum dos animais. — Você poderá brincar com o bebê mais tarde.

— Vá também ajudar Gus — Ted disse a Amanda enquanto as duas irmãs menores iam para o curral.

— Preciso ver o mingau, para que não queime.

— Pode deixar que eu cuido disso — disse Ted, gentil. Ele sempre falava com delicadeza com Amanda. Embora fosse a mais velha, parecia ser a mais frágil, e mais ainda nos últimos dias. — Vá lá fora com suas irmãs ou então para o seu quarto, se preferir. Preciso falar com a senhora...

— Reardom — completou Evelyn dessa vez, incapaz de continuar a fingir que não o via observando-a e analisando-a. — Evelyn Reardom.

— Preciso falar com a Sra. Evelyn Reardom a sós.

— Não vai deixar o mingau queimar?

— Não. Pode deixar comigo.

Não convencida o bastante, mas obediente, Amanda deixou a cozinha.

Ted e Evelyn ficaram em pé, em lados opostos da mesa, ouvindo o salto da bota ecoar no assoalho de madeira enquanto a menina passava pelo corredor e subia as escadas. Em seguida, ouviram uma porta bater com um pouco mais de força que o necessário.

Ted suspirou, sabendo que a sobrinha mais velha passaria pelo menos

meio dia sem falar muito com ele. Era algo que Amanda vinha fazendo com certa regularidade nas últimas semanas. Preocupado em não piorar mais a situação, foi até o fogão andando com passos lentos e desligou o fogo do mingau. Depois olhou para Evelyn.

— Bem, Sra. Reardon — disse, encarando-a —, suponho que agora possa contar-me exatamente por que está aqui.

CAPITULO QUATRO

Evelyn olhou para Ted por cima da cabeça de Timothy por um longo momento, sem compreender o que ele queria saber com aquela pergunta. Os olhos castanho-escuros que a observavam tinham uma expressão cínica e perspicaz, como se desconfiassem de que Evelyn tinha um motivo escuso por estar ali, apesar de ela não compreender o que poderia ser. Por fim, decidiu responder à pergunta, e não às insinuações.

— Respondi ao anúncio publicado na revista procurando por uma esposa.

— Por quê?

— Eu contei tudo em minhas cartas.

— Conte de novo — retrucou, sem querer admitir que não as lera, ou mesmo escrevera, o artigo citado. — Quero ter certeza de que entendi bem às especificações da situação.

Evelyn hesitou, sem saber ao certo o que dizer. Já havia contado tudo o que ele deveria saber a respeito. O que mais poderia acrescentar que não estivesse nas cartas que enviou? Que especificações ele... De repente, Evelyn arregalou os olhos.

— Não foi você quem escreveu o artigo na revista! O homem que escreveu não usaria nunca um termo como "especificações da situação". Ele nem ao menos saberia o significado daquelas palavras.

— Não leu minhas cartas nem enviou o dinheiro pedindo que eu viesse o mais rápido possível. Meu Deus, você não sabe nem ao menos o meu nome!

Evelyn segurou Timothy um pouco mais firme contra o peito, lutando contra o pânico que crescia dentro de si. Tinha saído do apartamento, vendido seus últimos pertences de valor e colocado todo o restante no porta-malas de sua caminhonete para viajar para aquele lugar, e Ted nem sabia como se chamava...

— O que está acontecendo? — indagou, aflita e confusa.

— Não misture as coisas — respondeu Ted, sem perceber que estava repetindo a frase que Gus dissera no dia anterior.

— Não está acontecendo nada. Pelo menos não o que você está imaginando. É só um mal-entendido. Só isso. Nada para ficar assustada.

— Nada para ficar assustada?! — Evelyn respirou fundo, procurando acalmar-se. — Quem escreveu o artigo?

— Um velho amigo intrometido chamado Gus Walter, que decidiu que eu não estava conduzindo minha vida da forma e com a rapidez que ele desejava.

— E foi ele também quem respondeu às minhas cartas e pediu-me em casamento... — concluiu, balançando a cabeça, incrédula. — Para casar-me com *você*?

— Sim.

— E você não sabia nada sobre o assunto?

— Não até ontem à tarde, quando Gus me contou o que tinha feito. E era tarde demais para evitar que você viesse.

— Compreendo... — O desespero começava a tomar conta de seus sentimentos. Não sabia o que deveria fazer. — Então essa viagem foi uma perda de tempo para nós dois, não foi? Vim até aqui por nada.

— Bem... — Ted hesitou por um rápido segundo, pensando no que estava prestes a dizer. — Não necessariamente.

Evelyn viu uma pequena luz na escuridão.

— O que quer dizer com isso?

Ted balançou a cabeça.

— Conte-me primeiro por que respondeu ao anúncio.

— Achei que a resposta fosse óbvia — disse, indicando a criança que tinha nos braços.

— Na verdade, não é, não. Vejo um bebê e uma bela mulher. — Ele falava dos fatos de forma direta, como as via, sem procurar agradá-la. — Não vejo resposta alguma nisso, e preciso de uma antes de decidir o que fazer nesse caso.

Sem saber o que dizer ou como dizer o que a fizera tomar tal decisão, Evelyn se manteve em silêncio por um momento. Tinha sido muito mais fácil colocar os fatos em uma carta, de forma verdadeira e circunspecta, descrevendo os pontos principais da situação sem revelar o pânico e desespero que a levava a responder ao anúncio. Parecia muito menos pessoal.

Evelyn não sabia se conseguiria falar tudo, frente a frente, sem deixar transparecer todos os medos e incertezas que a consumiam. Quanto Ted precisava saber? E quanto estava disposto a saber? Quanto o deixaria satisfeito?

— Diga-me a verdade, é o que peço. — Ele observava-a como se lesse seus pensamentos — Toda a verdade.

— Estou desesperada — confessou Evelyn, decidida.

— Desesperada como?

— Sou uma mulher separada, com um filho doente nos braços. Sei que ele parece uma criança saudável — explicou ao ver Ted olhar para o bebê —, mas Timothy nasceu com um defeito no coração. Tem necessidades especiais que tornam uma creche inviável, mesmo que eu pudesse pagar por uma, o que não é o caso. Minhas economias estão quase no fim, e não consegui encontrar um emprego nesses cinco meses em que estive procurando. O próximo passo seria pedir ajuda do Estado, e não quero fazer isso, por mim e por meu filho.

— E o pai dele?

— Abandonou-nos. Não sei nem onde ele está. — Evelyn ergueu o queixo, com orgulho. — Não me importo com ele.

— Você não tem parentes que possam ajudá-la até conseguir estabilizar a situação?

Evelyn negou com um gesto de cabeça.

— Nem seus pais? Irmãos? Um primo?

— Não.

— Então está dizendo que não tem ninguém a quem recorrer? E por isso viajou por todo o Texas para casar-se com um homem que nunca viu antes, um completo estranho para você? Só por segurança? — Ted balançou mais uma vez a cabeça. — É difícil engolir essa história.

— Não entendo por quê. As mulheres têm se casado por segurança desde que o casamento foi inventado. Muitas delas devem ter se unido a pessoas estranhas ou quase estranhas.

— Talvez outras mulheres precisem disso — concordou ele —, mas não alguém como você.

Evelyn o encarou, confusa.

— Por que não uma mulher como eu?

— Porque não faz sentido algum. Você é bonita e muito sexy.

Inteligente também, ou não seria uma enfermeira — disse, lembrando-se de que Gus lhe revelara a profissão da candidata. — Para mim, parece que pode escolher o homem que desejar.

Evelyn deu um leve sorriso diante da ingenuidade de Ted.

— A maioria dos homens não está interessada em uma mulher com um bebê. Menos ainda se for uma criança doente que precise de atenção e dedicação o tempo todo. E aqueles que poderiam se interessar... — Evelyn ergueu os ombros. — Conhecer um homem e deixar que ele a conheça leva tempo, e eu não tenho tempo. Preciso de segurança.

— E o amor? — Ted passou os dedos pelos cabelos. — E a confiança, compatibilidade e o companheirismo? — indagou, lembrando-se do irmão, da cunhada e dos pais. O tipo de relação que ele sempre sonhara ter algum dia.

Evelyn parecia estar irritada, mas a voz estava controlada:

— O que tem isso? Estava pensando em amor e compatibilidade quando decidi continuar com o que seu amigo Gus começou? Está pensando em prosseguir com os planos dele, não é? Foi por isso que disse "não necessariamente", não foi?

— Preciso de alguém que cuide das meninas como uma mãe.

— E eu preciso de segurança para meu filho — declarou, sabendo que levava vantagem na conversa. — Se houvesse outra saída, pode acreditar que eu teria encontrado. Porém, não há. Por isso estou aqui, aceitando casar-me com um homem que não conheço, pela saúde de meu bebê. Não acho que sou muito diferente de você.

— Está certa. Nós dois temos de pensar em outras pessoas além de nós mesmos. Precisa ser capaz de cuidar de seu filho, e eu necessito de alguém que cuide das meninas. É uma situação lastimável... Bem, talvez esteja louco, mas acho que tenho um jeito de lidar com tudo isso dando vantagem a ambos.

Ted sorriu. O sorriso era doce, charmoso, cativante e destacava o canto dos lábios bem-feitos e os olhos grandes e castanhos, que brilhavam convidativos. Se Gus estivesse na cozinha, teria reconhecido como sendo o que Ted usava para conseguir o que queria das mulheres.

Evelyn fitou-o com suspeita, desconfiada daquela expressão tão amável. Ted não conseguiria nada além do que ela poderia dar.

— Por que não se senta? — sugeriu ele, sem saber do efeito que o sorriso tinha surtido nela. — Deixe-me servir-lhe uma xícara de café e

poderemos discutir a situação como dois adultos racionais.

— Eu... preciso trocar Timothy. — Evelyn ignorou o convite para sentar-se. Segurando o bebê com um braço, abaixou-se e pegou a sacola com as fraldas, que estava no chão. — Posso usar algum quarto?

— É claro — respondeu Ted, surpreso por ela não ter reagido da forma planejada. Muitas mulheres o tinham feito acreditar que aquele sorriso era letal e irresistível. — O quarto principal fica no final do corredor, na parte da frente da casa. E a porta da direita.

— Obrigada.

Evelyn saiu a passos largos. Ted, de repente, decidira seduzi-la, e ela não queria ser seduzida. Preferia o tratamento cínico e desconfiado. Pelo menos assim, sabia o que poderia esperar. Homens que usam seu charme para conseguir algo não são confiáveis.

Segundo a mãe de Evelyn, seu pai era um galanteador, assim como Craig no princípio, e Evelyn não confiava em homens desse tipo.

— Preferimos saber onde estamos pisando, não é meu querido? — Evelyn disse a Timothy enquanto colocava a caixa de lenços umedecidos sobre a cama.

Em geral, Evelyn demorava só alguns minutos para trocar o menino; no entanto, fez tudo para ir o mais devagar possível, brincou com o bebê e ficou conversando com ele, procurando acalmar-se para a confrontação que estava por vir. Ted Holt queria algo que não parecia ser muito bom para ela ou Timothy. Um homem não sorri daquela forma a menos que esteja tentando colocar uma venda nos olhos de uma mulher.

Evelyn pegou o bebê no colo e voltou para a cozinha, determinada a enfrentar Ted Holt e todo o seu repentino charme. Se ele quisesse continuar com a idéia de casar-se pelo bem das crianças, estaria tudo certo. Foi aquela a razão que a trouxera até a fazenda. Se não fosse assim... se ele não quisesse... ela teria de arrumar outra solução. Engoliria o que sobrasse do seu orgulho e pediria ajuda ao serviço social do governo.

Evelyn rogou a Deus que não fosse necessário chegar a tal ponto.

— Tenho uma proposta para você — disse Ted, depois que Evelyn colocou o bebê no carrinho e entregou-lhe o mordedor de borracha.

"Proposta?", pensou Evelyn em desespero. "Não é um pedido de casamento?"

Sentou-se e passou as mãos ao redor da xícara de café em cima da

mesa bem à sua frente, procurando esconder o tremor.

— Que tipo de proposta?

— Não é o que deve estar imaginando — explicou ele, usando outro olhar que costumava deixar as mulheres encantadas e um sorriso confiável.

Evelyn encarou-o, fria e direta, esperando que Ted fosse ao ponto.

Ted entendeu o recado, e o sorriso desapareceu de seu rosto.

— Não sei muito do que Gus contou-lhe sobre a situação aqui, mas já tive três governantas desde que meu irmão e minha cunhada morreram. Três em menos de cinco meses.

— Sim, eu sei. Ele me contou isso na primeira carta.

— Gus também falou sobre a mulher do serviço social do Juizado de Menores que está implicando com a forma como estou cuidando das meninas? Ela diz que "não cuida das crianças". Não sei se é só comigo ou se ela tem problemas com todos os homens, mas vem me importunando pelo fato de não termos nenhuma influência feminina estável por aqui. — Era clara a frustração e raiva por ser impotente diante do problema. — Essa tal mulher está fazendo de tudo para convencer seus superiores de que as meninas estão correndo risco sob minha custódia.

— Gus mencionou que ele... que você — corrigiu-se Evelyn — tem tido problemas com alguém do Juizado de Menores.

— No começo ela era só um aborrecimento. Vinha aqui, olhava tudo, mas de uns tempos para cá... — Ted hesitou, sem querer falar sobre as recentes insinuações de Luisie Gillespie. — Está tentando mandar as crianças para a casa de parentes distantes de Carolyn, a mãe delas, primos de segundo grau ou algo parecido, onde, segundo essa mulher, serão criadas de forma adequada. Porém, deverão ser separadas, cada uma irá para um lugar, o que está fora de questão. Essas meninas não irão a lugar algum e jamais serão separadas — afirmou, com determinação. — Josh e Carolyn deixaram bem claro que queriam que eu criasse as filhas, e vou fazer isso, custe o que custar.

— Então concluiu que precisava de uma esposa?

— Não. Gus decidiu que eu precisava de uma esposa. Estou começando a achar que ele está certo. De certa forma, é claro, o que me leva a fazer-lhe a proposta que mencionei.

Evelyn bebeu um fole de café. Sem pensar no que estava fazendo, começou a acariciar a perna de Timothy, procurando por conforto.

- Pode falar, estou ouvindo.
- Casamento é uma decisão muito séria. Concorde comigo?
- Sim. É uma decisão seriíssima.
- Não é algo que uma pessoa deva decidir fazer com pressa, sem pensar muito antes.
- Já pensei muito sobre o assunto — assegurou Evelyn.
- Acredito que você também, ou não estaria aqui discutindo tudo isso.
- Sim. O fato é que eu não queria magoá-la, mas... — Ted parou de falar e passou as mãos pelos cabelos antes de dizer toda a verdade. — Você não é o tipo de mulher que eu tinha em mente para ser minha esposa.

Evelyn era exótica, charmosa e atraente. O tipo que Ted gostava de ter na cama antes de tornar-se um fazendeiro, quando vivia viajando para participar de rodeios. Porém, casamento era outro assunto, e era outro tipo de mulher que se encaixava nos padrões de uma esposa. Sendo um homem de responsabilidades e obrigações, e não mais um caubói aventureiro, precisava de uma companheira, e não de uma amante. Tinha de pensar também nas meninas. Deveriam ter uma mulher que preenchesse o lugar deixado por Carolyn, um modelo de mãe. Apesar do bebê que estava ao lado da mesa, o fato não tornava Evelyn parte do grupo em questão. Ted nunca vira antes uma mulher que não se parecesse com uma mãe como aquela que estava a sua frente olhando para o filho.

— Você também não seria minha primeira escolha para um marido — Evelyn afirmou, com franqueza. Afinal foi ele quem pediu que falassem só a verdade. — Porém, não tive escolha, e é por isso que estou aqui.

— Eu também não tenho muita escolha no momento — lembrou Ted. — Mas acho que podemos tirar vantagem dessa opção limitada que eu, ou melhor, nós temos.

— O que nos leva à sua opção, certo?

— Sim — concordou Ted, fitando-a através da mesa e sobre a cabeça do bebê que ela segurava no colo. — O que estou sugerindo é um período de seis meses de experiência para ver como tudo funciona. Se der certo, talvez possamos pensar em casamento.

Evelyn não piscou, nem parou para pensar.

— Não — respondeu sem dar chance de argumentações.

— Por que não? Isso nos daria uma chance de nos conhecermos, descobrirmos se somos ou não compatíveis. Ver se podemos viver juntos sem

um deixar o outro maluco.

— Sem amostras ou períodos de experiência.

— Não estou sugerindo que sexo faça parte desse acordo.

Evelyn olhou para Ted, desconfiada.

— Não está mesmo?

— É claro que não. — Ele começou a falar, indignado; em seguida, parou e deu de ombros. A forma como Evelyn o encarava não o deixava mentir. — Está bem, admito. O pensamento de levá-la para a cama não deixou de existir. Você é uma mulher muito sensual, e eu sou um homem normal. Pensar em sexo é inevitável. É natural, mas...

— É por isso que não haverá nenhum período de experiência.

— Você não precisa se preocupar — continuou Ted, com voz suave. — Eu não a forçaria a fazer nada do que não quisesse — afirmou, provocando-a com um olhar matreiro.

— Posso assegurar-lhe que nunca precisei forçar uma mulher a deitar-se comigo.

— Tenho certeza de que não — consentiu Evelyn, ignorando a forma sedutora como ele falava e olhava. — Porém, existem muitos tipos de coação diferentes da força física. O sentimento de obrigação de uma pessoa pode ser uma arma muito poderosa nesse caso. E eu estaria nessa situação, morando sob o teto de sua casa, comendo sua comida e sendo sustentada por você. Iria me sentir na obrigação de agradá-lo. Não são obrigações ou gratidão que eu quero nesse acordo.

Não que ela não fosse aceitar se não houvesse alternativa. Como tinha dito antes, suas escolhas eram limitadas, mas primeiro tentaria conseguir o que fosse melhor para ela e o filho.

— Você ficaria tomando conta das meninas e da casa — disse Ted. — Cuidaria da comida e do jardim. É muito trabalho, e é claro que tudo isso compensaria qualquer obrigação que pudesse ter comigo.

— A única coisa com a qual pode apagar qualquer sentimento de obrigação de minha parte é um pagamento mensal. — Evelyn cruzou os dedos embaixo da mesa e continuou:

— Se o nosso trato fizer parte de um acordo de negócios, empregado e empregador, posso então considerar a proposta.

— Já passei por essa situação. Não funciona e, para falar a verdade, não posso pagar uma governanta agora — explicou, pensando no novo cavalo

que tinha acabado de comprar de Dale Meyer, — Ser fazendeiro é um negócio que não deixa muito dinheiro sobrando.

— Concorde em trabalhar por um salário baixo. Não preciso de muito para não sentir-me na obrigação de ficar com você ou para não dar importância ao seu lado masculino de... imaginar-se no direito de ter algo como sexo.

— Como é que é?

— Se fizermos como você quer, ficarei morando na sua casa, dependendo de roce, não como uma esposa, mas provendo todos do serviço de uma esposa, com exceção de um. Assim, você se sentiria no direito de ter sexo também. Não adianta balançar a cabeça, quero a mesma honestidade que você quer. Se eu concordasse com esse "período de experiência", tenho certeza de que, mais cedo ou mais tarde, desejaria ter sexo também, ficaria ressentido por não tê-lo, me pressionaria com seu charme e eu recusaria mesmo assim. Acabaríamos brigando, e eu terminaria na mesma situação que me encontro hoje. Daqui a seis meses, ainda seria uma mulher sem emprego, sem dinheiro, com uma criança doente para sustentar. — Evelyn olhou-o bem dentro dos olhos. — Não pode negar que eu esteja certa.

— Bem... analisando dessa forma, não. Não posso negar que comecei a fantasiar em tê-la nua nos braços dois segundos após ter entrado nesta cozinha e tê-la visto aqui em pé, com as garotas. Porém, não sou mais um adolescente à mercê de seus hormônios. Não a pressionaria para fazer amor comigo, não importa o quanto eu a desejasse. — Os olhos castanhos estavam sérios e determinados. Um dos músculos do maxilar se moveu. — E não vou casar-me com você só para levá-la para a cama também.

— É claro que não. — Evelyn sentiu que procurava defender-se. — Não achei que faria isso. Então, suponho que tenhamos...

— Tio Ted? — chamou uma hesitante voz de criança.

— A Sra. Reardon e eu ainda não terminamos nossa conversa, Amanda — explicou Ted, com gentileza, sem tirar os olhos de Evelyn. — E o mingau não está queimando.

— Não é o mingau, é que... Tio Ted?

— Agora não, Amanda... — Ao virar a cabeça para falar mais sério com a sobrinha, ficou preocupado. O que viu o fez levantar-se da cadeira depressa. — O que aconteceu, meu amor? Está doente? — indagou, ajoelhando-se na frente da menina e passando a mão no rosto dela,

examinando-a. — Você está com febre?

— Não, eu estou... — Amanda recuou, corando. — Estou sangrando.

— Sangrando? — Ted pegou-lhe as mãos e virou-as para ver se havia algum ferimento. — Onde?

— Lá embaixo. — disse, colocando as mãos sobre a barriga. — Minha barriga está doendo e acho que fiquei menstruada, mas não sei o que fazer — explicou tão rápido que a frase parecia ser uma só palavra.

Ted ficou estático, olhando para a menina, boquiaberto, assustado e sem saber também que atitude tomar. Percebendo o embaraço dos dois, Evelyn levantou-se e atravessou a cozinha. Ficou do lado de Ted e, com delicadeza, tocou o ombro da menina.

— Sua mãe contou-lhe alguma coisa sobre menstruação, Amanda?

— Ela deu um livro para eu ler.

— Então sabe que é natural e normal. Não há nada para ter medo, vergonha ou que a faça sentir-se embaraçada — disse, censurando a atitude de Ted. — Isso só quer dizer que está se tornando uma mulher.

— Sei disso, mas não tenho nada para usar.

— Tudo bem, eu tenho. Vamos até o carro pegar minha frásqueira?

Amanda concordou e estendeu a mão para Evelyn, que virou-se para Ted.

— Você pode cuidar de Timothy para mim por alguns minutos? Logo estarei de volta.

Quando voltou, o restante da família Holt estava na cozinha. Gracie e Laura se encontravam sentadas ao lado do tio, falando como matracas, comendo mingau, torradas com geléia e passando os dedinhos nos pés de Timothy. Um velho caubói, de pernas longas e de cabelos brancos, que Evelyn presumiu ser Gus, se encostara na pia, de costas para a mesa, e tirava os restos de mingau do fundo da panela. Um porco gordo com um sino vermelho amarrado no pescoço, encostado na perna do dono, esperava alguma sobra de comida. O cachorro, Urso, deitado entre a porta de entrada e a cozinha, dormia, sossegado.

Ted olhou para Evelyn quando ela se aproximou da mesa.

— Amanda esta bem? — indagou, levantando-se.

— Está. Dei a ela meio comprimido para cólicas e a deixei deitada no quarto com uma bolsa de água quente na barriga e abraçada à boneca. — Evelyn afastou-se um pouco para desviar-se da forte presença física de Ted

e ajeitou a camiseta de Timothy. — Alguém precisa levá-la à farmácia mais tarde. Amanda precisará de algumas coisas.

Ted ficou ruborizado e assentiu com um gesto de cabeça. Em seguida, pegou as mãos de Evelyn. No mesmo instante, ela começou a puxar o braço, sem sucesso. Ted a segurava com firmeza e a fez encará-lo.

— Decidi apostar na sorte.

Evelyn ficou estática.

— Apostar na sorte? — repetiu, sem compreender. Gus virou-se para ver o que estava havendo. As duas meninas, sentindo que algo importante estava para acontecer, pararam de conversar. Até Urso ergueu a cabeça. Só o porco e o bebê pareciam não perceber o clima diferente.

— Estou pedindo que se case comigo. Quanto mais cedo, melhor.

CAPÍTULO CINCO

Evelyn e Ted se casaram no dia seguinte, à tarde, no cartório da cidade, só com as crianças, Gus Walter e a secretária do juiz para testemunhar a união. Evelyn esperava e queria que o casamento fosse uma simples transação legal, sem sentimentos ou cerimônia. Ao trocarem os votos, estariam apenas formalizando um arranjo de negócios.

As garotas colocaram seus vestidos de festa, os mais bonitos, e estavam excitadas com o acontecimento. Gus trocou o lenço vermelho e as roupas empoeiradas por uma calça social, camisa, gravata e um paletó de couro. Ted usava um terno tradicional azul-marinho, o único que possuía, com uma camisa branca e a gravata também tradicional. O vestido de Evelyn era de seda em um tom amarelado, comprado na época em que ainda tinha uma boa renda, e tornou-se um verdadeiro vestido de noiva quando o futuro marido presenteou-a com um buquê de rosas brancas e laços amarelos.

— Pedi que colocassem os laços depois que vi o vestido — informou Ted ao entregar as flores a Evelyn na sala onde seria a cerimônia. — Espero que tenha gostado.

— Está lindo — murmurou, antes de inclinar-se sobre o carrinho de Timothy, procurando esconder as inexplicáveis lágrimas em seus olhos.

Retomou o controle quando o juiz chegou. Fez seus votos com voz suave e constante e prometeu amar, honrar e respeitar o alto e forte estranho que estava em pé ao seu lado.

Quando o juiz pediu por um símbolo de sua promessa, Evelyn balançou a cabeça com firmeza, indicando em silêncio que não havia símbolo algum; no entanto, Gus a chamou e entregou-lhe uma aliança. Evelyn olhou para o velho caubói, sem compreender a aparição dos anéis, assim como não entendera a do buquê de flores.

— Vamos, pegue — sussurrou Gus em um tom que todos na sala puderam ouvir. — Vocês estão se casando. Precisarão de algo que os faça se lembrar disso. — Gus colocou o anel na palma da mão de Evelyn e pegou o buquê, entregando-o a uma das meninas em pé ao seu lado. — Amanda vai segurar as flores enquanto colocam as alianças.

As mãos de Evelyn tremeram ao colocá-la no dedo da mão esquerda de Ted. E as dele pareciam duras como pedras ao fazer o mesmo com ela.

— Agora deve beijá-la, tio Ted — sugeriu Gracie, após o juiz os declarar marido e mulher.

— Sim, beije-a, tio Ted. Beije-a! — insistiram as outras duas, entusiasmadas com o enlace.

Timothy balbuciou algo e sorriu, mexendo as pernas ao ouvir o barulho excitado das vozes das garotas.

— Elas têm razão — disse Gus. — Um beijo sela bem todas essas promessas.

Obedientes, os noivos viraram-se um para o outro e hesitaram. Nenhum dos dois queria tomar a iniciativa. Um ficou olhando para o outro como se perguntassem a Deus o que tinham acabado de fazer, ou se seria tarde demais para voltar atrás.

— Vá em frente e dê um beijo nela, caubói — ordenou Gus, dando um tapa nas costas de Ted. — Não estará terminado até que faça isso.

Aquele era todo o incentivo de que Evelyn precisava. Engoliu em seco e fechou os olhos, oferecendo os lábios para que Ted selasse o acordo que tinham acabado de fazer. Considerando a forma como ele tentava seduzi-la desde o momento em que se conheceram e o fato de ter até confessado que a imaginara nua, Evelyn esperava que ele estivesse mais entusiasmado com o primeiro beijo para, de certa forma, acalmar um pouco seus instintos. Tinha se preparado psicologicamente para o fato. Estava determinada a mostrar ao marido desde o princípio que ela aceitaria bem as consequências do que havia feito.

Ted colocou o indicador sob o queixo de Evelyn e com delicadeza

ergueu-o e tocou-lhe a boca. Os lábios dele eram ternos, quentes e sensuais. O tempo que ficaram unidos foi muito curto, mas Evelyn surpreendeu-se com a reação que o gesto provocou.

Abriu os olhos devagar, sentindo-se um pouco tonta. Encarou-o. Viu uma expressão de satisfação e um meio sorriso muito sensual. No mesmo instante, Evelyn sentiu um nó no estômago.

— Não foi tão ruim quanto pensou que seria, não é? — murmurou Ted.

Evelyn ficou corada. Ted achou graça e afastou-se.

— E agora, quem quer beijar o noivo? — perguntou, virando-se de braços abertos para as sobrinhas.

As meninas jogaram-se sobre ele, eufóricas e alegres.

Gus sorria como um pai orgulhoso, feliz com o sucesso de seus esforços matrimoniais.

A secretária do juiz cumprimentou todos e saiu da sala, para poder espalhar por toda a cidade a notícia de que o solteiro mais cobiçado de Selina acabara de casar-se com uma desconhecida que tinha um bebê de olhos castanhos.

O casamento foi seguido por um jantar no M. M. Café, que ficava a meio quarteirão do cartório, na rua principal. Era o melhor restaurante da cidade, tinha um cardápio simples e caseiro e uma bela vista da praça. A decoração das mesas era toda em azul e branco, com pequenos vasos de flores sobre as toalhas. A garçonete, uma mulher de uns quarenta anos, olhou por cima do livro que lia para a porta quando o sino tocou anunciando a entrada do grupo. Levantou-se ao ver quem havia chegado.

— Olhe só quem está aqui! Mel, venha ver — chamou a mulher, virando-se para os fundos do restaurante e andando na direção dos clientes. — Ted Holt, o nosso demolidor de corações! — cumprimentou, colocando as duas mãos no rosto do amigo e beijando-o. — Onde estava esse tempo todo, querido? Não o vejo na cidade há meses. E nem você velho caubói — disse, dirigindo-se a Gus. — Como estão?

— Muito bem, Sra. Margo — respondeu Ted, tentando se esquivar do caloroso abraço que recebera. — Estamos todos bem.

— Estão parecendo advogados de Filadélfia. A última vez que os vi tão arrumados foi... — De repente, a mulher parou de falar. A última vez que todos usaram roupas tão formais foi no funeral de Josh e Carolyn. — E vocês, garotas? Estão lindas! — elogiou, procurando mudar de assunto. O

olhar dela dirigiu-se para Evelyn, o buquê e o bebê no carrinho. — O que todos vocês estão fazendo na cidade tão elegantes?

— Titio acabou de se casar! — informou Gracie antes que qualquer um pudesse responder, sentindo-se muito importante.

Os olhos de Margo se arregalaram.

— Casar? — repetiu, espantada, virando-se rápido para confirmar com Ted.

Ele confirmou com um gesto de cabeça.

— Meu Deus! Casados! Você ouviu isso, Mel? — indagou ao marido, que saía da cozinha com a camisa da mesma cor do uniforme da esposa, calça jeans e um avental branco amarrado na cintura. — Ted casou-se!

— Minha nossa! — exclamou o homem, estendendo a mão para cumprimentar o noivo. — Eu nunca pensei que veria o dia em que esse...

— Mel! — interrompeu a esposa, apontando para as meninas.

— Fantástico namorador fosse entrar para o rol dos homens sérios. O que aconteceu? O pai de alguém afinal resolveu vir atrás de você com um revólver para forçá-lo a casar-se com a filha... — A voz ficou mais fraca quando viu Timothy. A pele avermelhada de Mel ficou ainda mais corada. — Oh! Não quis desrespeitá-la, madame.

— Timothy não é... — Evelyn começou a falar, mas Ted passou os braços pelos ombros dela, puxando-a para perto, fazendo-a calar-se.

— Mel, Margo, gostaria de apresentar-lhes minha mulher, Evelyn. Evelyn, querida, esses são dois dos meus mais antigos amigos. Costumávamos ir aos rodeios juntos antes de eles se cansarem de viver em *trailers* e abrirem este restaurante. Mel era um dos melhores laçadores do circuito antes de se aposentar.

Mel sorriu.

— Prazer em conhecê-la, madame.

— E Margo foi campeã na corrida de tambores.

— Isso foi há muitos anos, querido. — Falando mais alto e mais efusiva que o marido, Margo pegou a mão de Evelyn.

— Como uma moça tão bonita e respeitável foi casar-se com esse caubói?

— Bem, eu...

— Evelyn é enfermeira — interferiu Ted, como se estivesse explicando tudo, o que pareceu também para todos, exceto para Evelyn.

Ela olhou para o marido, querendo perguntar-lhe em que a profissão dela era importante para explicar algo.

— Isso confirma aquele velho ditado — disse Gus, antes que Evelyn pudesse abrir a boca. — "A principal razão de os caubóis montarem em touros é para conhecer enfermeiras."

Mel achou graça.

— E você, Ted, deve ter conhecido várias!

— Conheci, sim — assumiu Ted, dando um beijo rápido na testa de Evelyn. Depois, abaixou-se para pegar Timothy.

— E este belo menino é Timothy. E estamos famintos — afirmou, antes que alguém quisesse uma explicação mais clara. — Casar aumenta muito o apetite de um homem — declarou com um sorriso sexy e malicioso para Evelyn.

Margo entendeu que mais perguntas não eram bem-vindas.

— Bem, então sentem-se ali. — Mostrou a mesa perto da janela com vista para a praça. — O prato especial de hoje é filé de frango frito, ervilhas e purê de batatas com molho — informou, observando a Sra. Holt pegar o bebê dos braços do marido. — E de sobremesa, torta de morangos, de Mel. Vocês querem isso ou desejam ver o cardápio?

Ted olhou ao redor procurando um consenso e esperando Evelyn terminar de ajeitar Timothy no carrinho.

— O prato especial está bom para você? — Ted esperou um pouco, mas ela não respondeu. — Evelyn?

Ela olhou para cima ao escutar seu nome.

— Desculpe-me. O que disse?

— O prato especial está bom para você, querida? Ou prefere algo diferente?

— Não, esse está bem — respondeu, desconcertada pela forma como Ted a tratava e pelo que aconteceu antes. Não imaginava o que era o prato especial, nem estava interessada em comê-lo. Sentia-se muito apreensiva.

— Seis especiais, Margo. Com chá gelado para todos, por favor.

— Por que você fez isso? — indagou Evelyn, quando a garçonete se afastou.

— Você não quer chá gelado? — indagou Ted, inocente.

— Sabe do que estou falando. Por que apresentou Timothy e eu daquela forma? É óbvio o que eles vão pensar.

— Todos saberão da notícia até o final desta noite — disse Gus, aprovando o que foi feito. — Aposto como Mel está ao telefone da cozinha falando com Pete Donnelly. Os dois são piores que qualquer fofoqueira da cidade. Com ele e Nanette, a secretária do juiz, espalhando a novidade, não haverá nenhuma alma amanhã que não saberá que Ted se casou.

— Mas por quê? — perguntou Evelyn, perplexa com o que o marido tinha feito e também um pouco triste. Não tinha pedido que ele assumisse a paternidade, nem queria que o fizesse. Timothy era só dela. — Se isso for algum tipo de tentativa de legitimar meu filho para os olhos de seus amigos, eu...

— O que é legitimar? — indagou Gracie.

— Tornar legítimo — explicou Ted. Inclinou-se para trás, balançou-se nos dois pés traseiros da cadeira e colocou a mão no bolso do paletó. — Olhem, aqui estão algumas moedas. Por que você e suas irmãs não vão ver se tem alguma música de casamento naquela *juke-box*?

— Vamos — chamou Amanda, olhando para cima enquanto saíam da mesa. — Eles querem ter mais uma conversa de adultos.

Evelyn ficou em silêncio, esperando que as meninas estivessem ao redor da máquina discutindo sobre qual seria a música indicada para a ocasião. Em seguida, dirigiu-se a Ted.

— Não era necessário fazer seus amigos pensarem que é o pai de Timothy. Não tenho vergonha da verdade. Não há nada de que precise me envergonhar

— Não sugeri que havia. Só estava cuidando do que é meu e...

— Seu?! — Evelyn estava indignada.

— Um homem tem o direito de tentar preservar o nome de sua esposa — interferiu Gus. — Não será um homem de verdade se não o fizer.

Ted olhou sério para o amigo, como se pedindo para que ele ficasse fora da discussão. Sem dizer nem mais uma palavra, Gus empurrou a cadeira para trás e foi ajudar as meninas a escolherem a música.

Ted encarou Evelyn.

— Nós dois sabemos que não nos casamos pelos motivos comuns. Sabemos também que nenhum dos dois teria escolhido um ao outro se tivéssemos tido tempo para pensar ou escolher, porém, não precisamos ficar remoendo esses fatos. Estamos casados, e agora as razões que nos levaram a isso não importam mais. Você é minha mulher, Evelyn. E isso faz com que

você e seu filho sejam de minha responsabilidade.

— Não sou responsa...

— É minha responsabilidade, sim. E isso incluiu tornar as coisas mais fáceis para você. Deixar as pessoas pensarem que Timothy é meu tornará tudo mais fácil para nós dois. Jurei amor, honra e respeito até que a morte nos separe. Ambos sabemos que não te amo, assim como também não me ama, porém pretendo honrá-la e respeitá-la. Evelyn, isso é o mínimo que um marido deve fazer pela esposa. — A expressão nos olhos de Ted ficou mais suave, menos intensa. — E pretendo tratá-la com carinho. Se deixar, é claro.

Evelyn negou, balançando a cabeça.

— Não. Eu não quero... eu...

— E com meu corpo, farei tudo para satisfazê-la — murmurou ele, cortando a frase confusa. O olhar de Ted era possessivo. Admirava o rosto, o pescoço, o colo de Evelyn e o contorno dos seios sob o vestido de seda amarelo. — Esse foi outro juramento que fiz a você hoje — declarou, inclinando-se sobre a mesa para tocá-la.

Ergueu-lhe o queixo e passou a ponta dos dedos nos lábios carnudos, fazendo-a lembrar-se do beijo que a fez estremecer. Evelyn respirou fundo.

— Farei tudo o que puder para que se sinta satisfeito — prometeu Evelyn, com voz fraca.

Com uma estranha secura na garganta, engoliu seco. Por baixo da mesa, pressionou o ventre com uma das mãos, procurando amenizar a angústia que sentia.

— Eu...

— Desculpe-me interromper o romance, queridos. — Margo aproximou-se, sorrindo para Ted, com uma larga bandeja nas mãos. Colocou os pratos e os copos com chá gelado na mesa. — Mas terão muito tempo para isso mais tarde, e eu fico muito irritada quando não comem minha comida enquanto ainda está quente. Meninas, venham jantar! Você também, Gus. Venha, antes que esfrie.

Ao colocar a comida na frente de Evelyn, disse: — Coma bem, Evelyn — aconselhou num tom que só o casal podia ouvir. — Dizem por aí que esse caubói é indomado e insaciável. É claro que já sabe disso, não é? — brincou Margo, olhando para o bebê, que sorria deitado em seu carrinho.

Evelyn ficou corada e olhou para baixo. Ted achou graça.

Margo gargalhou e virou-se, levando a bandeja de volta para a cozinha.

Ted pegou o garfo.

— Evelyn? — murmurou, esperando que a noiva envergonhada olhasse para ele.

— O quê?

Sorrindo confiante e esbanjando charme, como sempre, ele respondeu:

— Coma bem, e bom apetite.

CAPÍTULO SEIS

"Dizem que esse caubói é indomado e insaciável..."

"Farei tudo para satisfazê-la."

Em pé, no meio da suíte principal, vestindo uma camisola branca de algodão, Evelyn olhava a colcha que cobria a cama de madeira que tinha servido a várias gerações da família Holt, e que agora seria sua, e lembrava-se do que Ted dissera. Evelyn não sabia o que mais a assustava, se a noite que estava por vir ou se a vida que deveria enfrentar.

Uma vez tomada à decisão e aceita a proposta de casamento do homem que ela pensou ter respondido às suas cartas, deveria aceitar tudo o que o futuro lhe reservava.

Pensou na consumação do matrimônio como um simples ato físico, sem emoção alguma, feito em silêncio, no escuro, os corpos em contato sob os lençóis. Na melhor das hipóteses, tudo seria rápido e logo terminaria, e, na pior, seria embaraçoso e talvez até dolorido. O que quer que acontecesse, Evelyn superaria o fato e seguiria em frente.

Não poderia ser tão ruim. Ela não era uma menina ingênua, com medo ou ansiedade diante de um leito. Era uma mulher madura e experiente. Uma mãe.

Ver Ted Holt na cozinha da fazenda a fez reavaliar suas expectativas. Não havia nada de comum e calmo no alto e atraente caubói, que estava encostado no batente da porta, fitando-a com uma expressão no rosto que era tanto uma investigação quanto uma forma descarada de especulação sexual, a primeira conversa que tiveram proveu que Ted era muito mais complicado do que Evelyn imaginara.

Seu marido não era um homem tímido e inexpressivo. Era um desafiador e corajoso aventureiro como dezenas de heróis de filmes de

faroeste. Um galanteador, um homem sensual que todas as mulheres sonhavam ter ao lado. E Evelyn sabia que Ted não ficaria satisfeito com uma rápida união debaixo dos lençóis. Com toda a fama que tinha, deveria gostar de muita paixão e entrega. Deveria agir como um homem ansioso em mostrar seu repertório de habilidades e não ficaria satisfeito se não fossem apreciadas. A mulher com quem Ted faz amor deveria gostar de participar do ato com desejo e satisfação.

Isso Evelyn não conseguiria. Não queria uma noite selvagem e paixão desenfreada com um homem que nem sequer conhecia. Nem queria um romance imaginário no qual os dois fingiriam um sentimento que não tinham.

Evelyn queria que a noite de núpcias fosse apenas uma união simples de dois corpos, sem expectativas. Não queria mais aquelas emoções em sua vida, eram fatores que só serviam para mascarar a verdade e deixariam a situação mais difícil de ser enfrentada.

Evelyn tinha se casado com um estranho. Uma pessoa que a tomaria nos braços e entraria no seu corpo em menos de quarenta e oito horas após terem sido apresentados. Nenhuma fantasia ou desejo mudaria os fatos.

Era hora de chamá-lo para o quarto e enfrentar a realidade. Mesmo assim, Evelyn hesitou por um momento, adiando o inevitável por mais alguns minutos. Atravessou o aposento e foi até a saleta, que tinha sido transformada no dormitório de Timothy. Viu se o filho estava bem. Evelyn o amamentara antes de ir tomar banho, assim os seios estariam sem leite quando fosse deitar-se. A menos que Timothy acordasse, estranhando o silêncio do campo, ele deveria dormir até as seis horas do dia seguinte, deixando a mãe e seu novo pai com muito tempo para se conhecerem na intimidade.

Sabendo que não poderia mais fazer Ted esperar para ter seus direitos, Evelyn foi até a janela e puxou a pesada cortina.

Ele estava em pé na varanda, de costas para a casa, encostado num dos pilares perto da escada. Olhava a paisagem iluminada pelo luar. O contorno do corpo de Ted era digno de uma pintura. Os ombros largos, o tronco forte e as pernas perfeitas. A amiga Bárbara estivera certa quando dissera que ele era muito bonito e atraente.

Evelyn respirou fundo e bateu de leve na janela.

Ted virou-se ao ouvir o barulho. Um ficou olhando para o outro em silêncio, como se estivessem se questionando. Foi quando Evelyn assentiu

com um movimento de cabeça respondendo à forma como ele a encarava.

O som das botas no assoalho e das esporas ecoavam à medida que Ted andava. Houve uma pausa. A porta da frente não se fechou logo que ele passou. Evelyn achou que talvez Ted tivesse tirado as botas.

Evelyn sabia que deveria ir para a porta do quarto, abri-la e dar boas-vindas com um sorriso estampado no rosto, como qualquer boa esposa faria. E ela queria que tudo desse certo, comportar-se como era esperado. No entanto, o instinto de proteção foi mais forte que suas boas intenções, e ela ficou parada. A respiração acelerou. Seu olhar se fixou na maçaneta da porta.

Quando ouviu os passos no corredor, percebeu que Ted ainda estava de botas. Tentou em vão controlar o batimento acelerado de seu coração. Então, a porta se abriu. As esporas estavam penduradas na mão de Ted, e o chapéu cobria-lhe os olhos. Ao entrar, fechou a porta.

Evelyn reteve a respiração, incapaz de fazer algo além de ficar parada, imóvel, esperando que ele deixasse claro seus desejos e com esperança de poder satisfazê-los sem que o esforço exigisse muito dela mesma.

Ted ficou olhando-a sob a aba do chapéu, considerando o momento, procurando decifrá-la, achar a essência daquela mulher, que, por mais incrível que pudesse parecer, era sua esposa. Não a que ele tinha escolhido e também não a que amava, porém, era a mulher com quem havia se casado, e Ted era um homem que sempre procurava tirar proveito de toda situação. Enfrentou por toda a vida os fatos olhando o lado positivo deles. E o melhor que poderia acontecer naquele momento era apaixonar-se por Evelyn e vice-versa. E Evelyn estava ali, a dez passos, esperando docemente que ele exercesse seus direitos.

Ela era sensual e sedutora. Havia algo de tentador e exótico no rosto de traços perfeitos. Os cabelos avermelhados caíam sobre os ombros em ondulações suaves. O olhar vivo e cauteloso, os lábios pressionados para esconder o temor, davam-lhe um toque tentador. O corpo escultural tremia com o nervosismo por baixo da camisola sem mangas.

Evelyn tinha o direito de estar nervosa, pensou Ted. Naquelas circunstâncias, qualquer mulher estaria, se tivesse bom senso, e ele suspeitava que ela era bem inteligente.

Ted sabia como lidar com mulheres nervosas, como acalmá-las, deixá-las à vontade. Transformava o temor nervoso em curiosidade e desejo até

chegar à excitação ideal para o ato, e era esperto o bastante para não falar nada sobre o assunto. Tinha prática em lidar com animais e garotas assustadas desde pequeno. Seu charme e o primeiro prêmio numa prova de montaria de touros ajudaram-no a perder a virgindade quando tinha dezesseis anos.

O pai tinha orgulho do poder de sedução do filho, tanto com o sexo oposto quanto com os animais. Alguns homens nascem com esse dom, e Ted tinha uma habilidade invejável. O tom da voz, o toque gentil, muita paciência e algumas táticas infalíveis acalmavam qualquer animal ou ser humano. E por Evelyn, colocaria tudo o que sabia em prática... e por ele também.

Devagar e com cautela, Ted pendurou as esporas e o chapéu em um mancebo perto da porta. Em seguida, olhou para a esposa sem a sombra das abas sobre seus olhos.

Parado, fitou-a, analisando cada detalhe do rosto, do pescoço, dos seios firmes e do corpo de Evelyn. A cintura e os quadris sob a camisola mostravam quão encantadora ela era. Deixou-a perceber que estava sendo analisada, admirada e desejada até que Evelyn pressionou os dedos dos pés contra o chão de madeira, e o ritmo de sua respiração se alterado mais ainda. Depois, Ted encarou-a e sorriu.

— O bebê está dormindo bem? — indagou, com carinho, erguendo a mão até o botão de sua camisa de forma bem natural.

— Ah... sim — respondeu Evelyn, atrapalhada com a discrepância entre o sorriso e a pergunta, que não combinava com a intensidade e o desejo do olhar. — Timothy adormeceu assim que o coloquei no berço e apaguei a luz. Acho que vai dormir a noite toda.

— Que bom. — A possibilidade de um bebê interrompê-los não estava nos planos de Ted, porém, ele fez o comentário como se o fato, caso ocorresse, não viesse a incomodá-lo. — Ouvi dizer que crianças pequenas nem sempre dormem bem em lugares novos.

— Acho que isso acontece com algumas delas, mas não com Timothy.

Evelyn não sabia mais o que dizer. Ted começou a tirar a camisa da cintura da calça. Quando foi puxar a parte de trás, o peito e a barriga com a musculatura bem definidas ficaram evidentes, e ela ficou sem fala.

— O bebê dorme muito bem — concluiu, afinal.

Ted procurou disfarçar o sorriso de satisfação. Não era um homem convencido, pelo menos não mais que qualquer outro campeão de rodeios. E

não era gentil um homem demonstrar consciência do poder de sedução que exerce sobre o sexo oposto. Ted sabia quantas mulheres tinham ficado excitadas pelo simples fato de vê-lo sem camisa, mas deveria ficar quieto. Não que ele esperasse muito entusiasmo e paixão de sua noiva por correspondência. Evelyn estava muito nervosa, e era muito controlada para isso. A forma como se dominou e prendeu a respiração o agradou. O entusiasmo viria mais tarde, prometeu a si mesmo, quando a colocasse na cama.

Ted espreguiçou-se. Em seguida, aproximou-se dirigindo-se para a cadeira de balanço ao lado da janela onde Evelyn estava. Ela o olhava, desconfiada. Ted chegou perto e parou.

Ele ainda estava de botas, e ela, descalça, o que a fez sentir-se ainda mais vulnerável. O peito forte e os ombros largos pareciam ainda maiores. Embaixo do lado direito do peito, perto das costelas, algumas cicatrizes chamaram-lhe a atenção. Pareciam antigas e resultantes de um acidente, e não de uma cirurgia.

— O que aconteceu, Ted? — indagou quase sussurrando, incapaz de conter a curiosidade.

— Fui pego quando caí — explicou depressa, referindo-se ao acidente que pôs fim à sua carreira nos rodeios. — O velho Vortex me furou.

— Furou-o? Você foi ferido por um touro? — Evelyn esqueceu-se por um momento da proximidade e da atração que sentia, pois desejava esclarecer o fato que a alarmou.

Ted assentiu com um gesto de cabeça.

— É um assunto de que não gosto muito de falar — confessou, desviando o olhar.

— É claro que não...

Era óbvio que Ted se incomodava com o acidente. E, afinal de contas, ela não tinha nada a ver com o fato.

— Sinto muito, Ted, eu...

— É que é muito embaraçoso ver que um touro pôde tirar-me tantas coisas e como tudo refletiu na minha carreira. Eu era um campeão de rodeios... — O olhar de Ted demonstrou grande tristeza.

Evelyn não viu necessidade de proteger-se até perceber que ele estava brincando com a situação.

— Alguns até acharam que deveriam me tirar às medalhas, já que fui

parar no chão.

Evelyn não conseguiu evitar o riso diante da expressão indignada no rosto de Ted. Aproveitando a situação, ele estendeu os braços para ela.

O sorriso de Evelyn desapareceu e, sem perceber, apertou o tecido da camisola.

Fingindo não ter visto tal reação, Ted colocou a camisa no encosto da cadeira de balanço e chegou mais perto, invadindo o espaço de Evelyn e tentando impor sua presença.

Estática, ela ergueu o queixo, criando coragem para enfrentar o que estava por vir.

Ted deu mais um passo e inclinou a cabeça para baixo.

— Você está perfumada. E jasmim?

Confusa, Evelyn piscou várias vezes. Tinha a certeza de que seria beijada, o que não aconteceu.

— Sim. Jasmim.

— Achei que fosse — disse, satisfeito com o sucesso de seus atos.

O truque era fazê-la sentir o poder e a força da presença dele sem que se sentisse ameaçada. Queria que Evelyn o olhasse e o desejasse. Deixaria que ela ficasse ansiosa para acalmar seus medos. Deveria ver que não seria machucada, só assim poderia relaxar e confiar nele.

Ted sentou-se na cadeira, tornando-se ainda menos ameaçador, colocando-se em uma altura inferior. Começou a tirar as botas.

— A seleção de músicas que as meninas escolheram foi interessante, não achou? — Ted divertia-se ao lembrar. — Quem imaginaria aquela música como algo apropriado para um casamento?

— Laura me contou que a escolheram porque era uma das músicas favoritas do pai — explicou Evelyn, vendo-o puxar com força as botas.

— E aquela outra *Papai Amava Mamãe*? — indagou, sorrindo.

Evelyn correspondeu de forma tímida.

— Tenho certeza de que nenhuma das meninas tem idéia do que diz a letra.

— Espero que não, mesmo, Evelyn. Que tal ajudar-me com isto? Essas botas estão bem justas.

— Ajudar?

— É só dar um puxão na altura do calcanhar. Apóie nas suas pernas — explicou, esticando o pé para cima.

Evelyn abaixou-se um pouco, pegou o calçado e tentou puxá-lo. O esforço foi em vão.

— Precisa de mais força. Para funcionar como alavanca.

Evelyn tentou mais uma vez, olhando atenta, porém mais calma e com menos suspeita. Começava a relaxar um pouco. Ted analisava as pernas e o contorno do corpo dela sob as sombras da camisola, e desejou-a.

— Está bem. — Evelyn fez um movimento rápido e puxou. A bota voou pelo quarto e bateu forte no encosto da cadeira, que foi de encontro à parede. Os dois olharam para a saleta onde Timothy dormia, apreensivos, mas o bebê não acordou.

— Que tal tentarmos com um pouco menos de força com o outro pé? — sugeriu Ted. — Você segura, mas não puxa até que eu esteja preparado. Pronta?

— Está bem.

Evelyn segurou o tornozelo de Ted próximo às suas pernas. Embora quisesse afastar-se, obedeceu as instruções.

— Puxe agora, devagar. Isso mesmo.

O calçado saiu sem problemas. Evelyn perdeu um pouco do equilíbrio, e Ted inclinou-se e puxou-a pela cintura, para seu colo. Tensa, procurou desvencilhar-se dele, e não conseguiu. Ted a segurou com firmeza, fazendo-a ficar onde estava.

— Relaxe, Evelyn. Não vou machucá-la.

— Sei disso.

Evelyn realmente sabia que não seria machucada, não de propósito. Forçou-se a aceitar o abraço e encostar-se no corpo do marido, que não se enganou com a aceitação repentina. Tornara-se um campeão de rodeios por sua habilidade de compreender as intenções e razões de cada gesto sutil, de cada movimento. Podia dizer quando um animal estava doente, com medo ou raiva só pela forma como a orelha, a cabeça ou um músculo se mexia. O processo não era muito diferente com seres humanos. Apesar de Evelyn ter se encostado, parecendo aceitar a proximidade, ela não estava sentindo-se à vontade. As mãos estavam fechadas, e os músculos tremiam com a tensão.

Nem o irresistível charme de Ted nem suas táticas inteligentes dariam certo com ela. Talvez se falasse claro sobre suas intenções, tudo ficasse mais fácil para Evelyn.

— Não precisa ter medo de mim. Não vou forçá-la a fazer nada que não

queira — afirmou com delicadeza, sem perceber que mais uma vez repetia as frases ditas no dia anterior. — E isso é uma promessa que faço. Pode pedir para que pare a qualquer momento — assegurou, confiante de que aquilo nunca aconteceria. Nenhuma mulher jamais pediu que ele parasse, muito pelo contrário. — Não importa o quão longe tivermos ido, tudo depende só de você. Se quiser adiar este encontro até que nos conheçamos melhor, está bem para mim. Evelyn ficou tentada a aceitar a oferta, mas sabia que não importava o que Ted estava dizendo. Se o recusasse na noite de núpcias, o dano ao casamento seria irreparável antes mesmo que ele começasse. Estava nervosa e tinha certeza de que, se adiassem o encontro, a situação iria piorar.

— Não estou com medo. Quero ficar com você... hoje — disse hesitante.

— Tem certeza? Não quero forçá-la a nada.

— Sim, está tudo bem — Evelyn respondeu com firmeza e esperou pelo que ele iria fazer em seguida.

Ficaram alguns segundos em silêncio.

— Bem... e então? — Ted indagou.

Evelyn notou que o marido queria que ela tomasse a iniciativa. Decidida a fazer o que deveria ser feito, ajeitou-se no colo dele, fingindo ignorar a evidente excitação que pressionava suas nádegas. Devagar, ergueu a mão e passou-a pelos ombros fortes e nus.

Ted sorriu, tentando encorajá-la, fitando-a com desejo. Sem conseguir encará-lo, Evelyn fechou os olhos e ofereceu os lábios para serem beijados, porém, ele a surpreendeu mais uma vez. Em vez de beijar-lhe a boca, Ted acariciou-lhe a face com beijos delicados.

— Você está muito cheirosa e é muito atraente.

Ted desceu a mão pela cintura e acariciou-lhe o corpo sobre o tecido até alcançar os quadris. Evelyn era tentadora e toda dele. O pensamento de tê-la nos braços deixou-o ainda mais excitado e querendo tirar de uma vez aquela camisola e deitá-la na cama. No entanto, seu bom senso o impediu. Ela se assustaria se assim o fizesse.

Com a outra mão, colocou os cabelos de Evelyn para trás e beijou-lhe o lóbulo da orelha e depois o pescoço. Com a língua, provocou-a ainda mais e a sentiu estremecer. Satisfeito, continuou.

Evelyn se conteve, ficou quieta como se não soubesse o que fazer. A

respiração estava ofegante, e Ted sabia o que provocava. Puxou-a para mais perto, sentiu os seios contra seu peito e, com dedos experientes, percorreu-lhe as costas.

Arrepiada, Evelyn apertou-lhe os ombros e suspirou, porém, não se mexeu, não ficou mais próxima nem tentou afastar-se.

Ted sentiu os seios firmes em sua mão. Dominado pelo desejo, passou a língua nos lábios da esposa esperando uma resposta, um beijo de verdade. Evelyn consentiu, obediente, Deixou-se envolver até perceber que passava as mãos nos cabelos de Ted e o puxava. Quando viu que o desejava tanto quanto ele a ela, entregou-se ao prazer.

Foi um beijo íntimo. Evelyn sentiu-se protegida, abrigada, uma mulher desejada, respeitada e amada. Ficou zonzá e, no mesmo instante, afastou-se.

Sem compreender e confuso com a reação dela, Ted ficou a encará-la.

— Eu a machuquei? — murmurou, alarmado com a possibilidade de ter sido descuidado.

Sabia de sua própria força e em geral tomava cuidado com ela, mas algo em Evelyn quase o fez perder o controle.

— Não... você não me machucou. E que... eu... — Evelyn não sabia o que dizer.

"Faça amor comigo, mas não me ame! Não tente fazer-me amá-lo!"

— É que o quê? — ele indagou, gentil.

— Nada. — Evelyn passou a mão no pescoço de Ted e tentou puxá-lo de novo. — Não foi nada.

Mas Ted não queria ficar sem uma explicação. Fitou-a por um longo momento, ansioso para saber o que estava acontecendo. Algo que viu nos olhos de Evelyn o fez desanimar.

— Não gosto de sentir-me como um aproveitador. — Ted não queria que ela se entregasse por obrigação. — Se não for o que você quer, tudo o que tem a fazer é dizer "não".

— Não é isso. Eu quero você. Quero sim. É que...

— Não minta. Deseja-me tanto quanto deseja um espinho no olho. — Ted empurrou-a de seu colo. Continuou segurando-a por um braço para evitar que ela fosse embora. — Gostaria de saber o que está acontecendo aqui, Evelyn. Por que toda a encenação? Eu disse que esperaria até que você quisesse.

— Eu quero agora — respondeu, certa de que não seria ela quem acabaria com o casamento.

— O fato é que há várias formas de se querer, e eu tenho certeza de que não quero fazer amor com uma mulher que vai deitar-se comigo negando cada minuto que estiver ao meu lado. Eu me odiaria por obrigá-la a fazer isso.

— Não é assim. Apenas não o conheço...

— Esse é o ponto, não é? Não me conhece e isso a deixa nervosa e com um pouco de medo. — Ted aproximou-se e tocou-lhe a face, com muito carinho. — Eu disse que esperaria até que estivesse pronta...

— Estou dizendo que estou pronta agora.

— Pronta para o quê? Cumprir sua obrigação de esposa? — indagou, balançando a cabeça. — Não é isso o que quero. Não faço amor com uma mulher a menos que ela queira. Posso esperar.

— Vai esperar para sempre, então — advertiu Evelyn, forçada a ser honesta diante da teimosia de Ted. — Nunca mais vou desejar estar com um homem.

A expressão de espanto no rosto de Ted chegou a ser cômica.

— Quem foi que disse uma besteira dessas? Uma mulher como você... — Ted balançou a cabeça, demonstrando seu descrédito total. — Meu bem, uma mulher como você foi feita para amar, desejar e ser desejada.

— Eu não quero *nenhum* homem dessa forma — afirmou, deixando os fatos bem claros para Ted. — Nunca mais acontecerá comigo.

— Você não quer... — Solto o braço de Evelyn e recuou, encarando-a, confuso, e com certa frustração. — Então, por que casou-se comigo? Por que, se é assim que se sente?

— Você sabe por quê. Já lhe disse. Preciso de segurança para meu filho.

— Foi violentada? — indagou, preocupado, achando que pudesse assim explicar a relutância de Evelyn. — Foi o que aconteceu? E isso o que a torna incapaz de sentir-se atraída por um homem? Existem pessoas com quem pode falar, mesmo em uma cidade pequena como...

— Não. Não é nada disso. Não tenho problemas com homens, é só que... não quero deixar-me envolver. Não pretendo corresponder à forma como você quer, com sentimentos.

— E porque não me conhece o bastante para entregar-se — concordou,

ainda procurando encontrar uma razão plausível para a frieza de Evelyn.

— Não. É porque sou assim e honestamente não acho que há chance de algo mudar, não importa o quanto eu venha a conhecê-lo. — Evelyn estendeu a mão e colocou-a sobre o braço de Ted. — Sou sua esposa e quero satisfazê-lo. Isso não é o suficiente?

Ted não acreditava no que ouvia.

— Satisfazer-me? — repetiu, chocado. Ele era conhecido como um conquistador e um dos homens mais cobiçados de Selina, quatro vezes campeão do Torneio Nacional de Montaria, o mais bonito caubói do circuito de rodeios, e ela só pensava em cumprir suas obrigações. — Quer satisfazer-me?!

— Sim, como sua esposa devo fazer isso.

— Droga! — Com a rapidez que o fez campeão, Ted aproximou-se de Evelyn. — Quer satisfazer-me? — repetiu furioso e indignado. — Ótimo. Pode começar.

Ted colocou a língua na boca de Evelyn sem preocupar-se com prazer ou desejo. Deslizou as mãos pelas costas e pressionou os quadris, apertando-a contra a frente de seu corpo.

Evelyn ficou parada, incapaz de corresponder, de mover-se ou tentar qualquer coisa para livrar-se do domínio sexual de Ted. Afinal, ela mesma dissera que estava pronta para ser sua mulher, sabia que não tinha o direito de recuar. Ele tomava o que tinha sido oferecido, porém, Evelyn não conteve um soluço e o choro.

A pressão nos lábios ficou menos forte diante do som, as mãos másculas ficaram mais gentis, e o movimento dos quadris, menos intensos.

Evelyn gemeu e arqueou a cabeça para trás, desejando que Ted fizesse com ela o que ele quisesse.

Afastando os lábios dos de Evelyn, Ted pegou-a no colo e deitou-a na cama. Beijou-a mais uma vez de forma sedutora e deu um passo para trás.

Ficaram olhando um para o outro. Ted ainda podia ver o medo e a incerteza nos lindos olhos azuis. Evelyn não queria assumir que também desejava participar do ato com paixão.

Determinado, disse:

— Você poderá me encontrar no celeiro quando estiver pronta para fazer mais, além de satisfazer-me.

Em seguida, virou-se e saiu do quarto.

CAPITULO SETE

Gus esperou até as nove horas da manhã seguinte para pôr o nariz onde não fora chamado.

— Está pronto para contar-me como veio parar aqui no celeiro comigo na noite de seu casamento, em vez de estar com sua bela esposa?

Ted nem ao menos olhou para o amigo. Manteve o olhar fixo na cerca que consertava.

— Não — respondeu, esperando terminar ali a conversa, mas sabendo que a curiosidade de Gus não permitiria. Ele era tão persistente quanto um repórter.

— Ela o mandou embora antes mesmo da consumação do casamento?

Ted levantou a cabeça e fitou Gus, recusando-se a responder à pergunta. Com as botas velhas e sem o chapéu, que tinha ficado no quarto e que ele não pegaria enquanto Evelyn estivesse lá, o olhar ameaçador tinha um efeito mais ameno.

— Julgando por sua aparência, eu diria que ela o chutou antes de ser domada — opinou Gus, abaixando-se. Slik, ao ver o dono parado, deitou-se a seu lado. — E com razão, suponho. Uma mulher inteligente e do nível da Sra. Evelyn deseja um padrão mais elevado.

— O que quer dizer com isso?

— O que você entendeu. Está acostumado a um certo tipo de mulher — argumentou o velho caubói, pegando um ramo de alfafa para mascar. — A Sra. Evelyn é diferente.

— Até parece! — respondeu Ted, tentando defender-se — Ela não encontrou o filho em uma cesta, e você sabe disso.

— Veja só, é sobre esse ponto que estou falando. Isso são modos de falar de sua esposa? Não me admira que ela o tenha mandado embora. E também não ficaria surpreso se não cumprisse as promessas feitas ontem.

— Evelyn não me mandou embora — respondeu Ted, irritado com a injustiça das acusações. — Fui eu quem decidiu adiar os acontecimentos, e ela também não está pensando em desistir de nada. É tarde demais para isso.

— Nunca é tarde para se voltar atrás. Em especial quando se trata de uma mulher. Acho que você precisa consertar algumas coisas nesse

relacionamento, e também fazer a corte de forma bem-feita se quiser que esse casamento dure mais que uma semana.

Ted jogou as ferramentas que usava no chão.

— Quando eu precisar de conselhos sobre como tratar minha esposa, pedirei! — exclamou, entre os dentes cerrados. — Antes que isso aconteça, apreciaria muito que mantivesse sua opinião só para você. Tenho mais o que fazer além de ficar aqui — concluiu, saindo em direção ao curral. — E tire seu porco de meu caminho!

Ted não tinha nada a fazer. Andou de um lado para o outro, colocou água nos bebedouros do gado e dos cavalos e vistoriou os animais. Com exceção de Furacão, que se feriu, todos os outros estavam em perfeito estado. Ficou ao lado do touro e viu que os ferimentos estavam cicatrizando rápido; logo ele poderia participar dos rodeios, derrubando bons caubóis do circuito e trazendo dinheiro para a fazenda. Por um momento, Ted lastimou não ser um dos participantes das provas.

Andando por outro curral verificou Sangria, que estava preso em sua baia. Era um cavalo muito bom para provas de laço e apartação. Ajudava muito com o gado e tinha uma habilidade excepcional para pegar garrotes, parecia saber qual rês seria selecionada.

Com os braços apoiados na cerca e as mãos cruzadas, Ted ficou observando os cavalos soltos correndo no piquete. Analisando os negócios da fazenda, chegou à conclusão de que tudo estava indo bem. Em três anos, a Rocking seria conhecida como uma das principais fornecedoras de animais para rodeios, com os touros mais bravos e xucros e os melhores cavalos de provas das redondezas.

Se sua vida pessoal também estivesse em ordem...

Sabia que muito do que tinha acontecido, ou melhor, *não tinha acontecido* na noite anterior era por sua própria culpa. Sabia que agira mal. Mas Evelyn o deixara tão irritado! Como poderia querer apenas satisfazê-lo? Isso não era coisa para falar a um homem. Era o suficiente para tirar-lhe qualquer intenção de romance.

— Quase toda. — murmurou para si mesmo.

O fato de pensar em Evelyn deixou-o excitado. O pior era que Ted tinha certeza de que ela o satisfaria, porém, não queria um relacionamento tão frio. Ele queria...

Ted forçou-se a parar para pensar. Afinal, o que pretendia da mulher

com quem tinha se casado? Sexo, com certeza. Isso ele poderia ter tido na noite anterior. Paixão? Sim, também. Estava certo de que também teria conseguido se não tivesse ficado tão irritado com uma questão de semântica. Sua esposa era a mulher mais sensual que ele conhecera; o efeito provocado pelos beijos eram prova disso. Se tivesse passado a noite com ela, teria conseguido todo o calor e a paixão que queria.

Então, o que mais desejava? Uma mãe para as sobrinhas? Com certeza. Uma companheira? Sim. Uma amante? Sem a menor sombra de dúvida.

No entanto, Ted também queria uma mulher com quem pudesse se divertir, conversar e que o apoiasse nos bons e maus momentos, alguém que o ajudasse a construir um futuro ao seu lado. Queria o que os pais tiveram. Talvez não fosse possível ter tudo com a mulher com quem se casou, pois não a conhecia bem o suficiente para fazer tal afirmação. Evelyn também não o conhecia. Como poderia ir para a cama com um homem que parecia só querer sexo?

Gus estava certo. Se houvesse a menor chance de o casamento dar certo, Ted teria de fazer muita corte.

Evelyn acordou um pouco depois do amanhecer, com o balbuciar de Timothy no berço. Ao abrir os olhos, sua primeira visão foi o chapéu e o par de esporas pendurados ao lado da cama. A noite anterior não tinha sido um horrível pesadelo, afinal.

Depois de prometer a si mesma que se comportaria como a esposa que gostaria de ser, agiu como uma completa idiota e mandou o marido ansioso para fora do quarto e, ainda por cima, irritado. Por que não ficou com a boca calada? Se tivesse fingido estar louca de desejo desde o começo, ele não teria notado nada. Mas, ao contrário, contou que não poderia sentir nada por ele.

Que homem aceitaria tal fato? Em especial em se tratando de um caubói conquistador com um ego tão grande quanto o estado do Texas!

Evelyn achou que naquele momento ele já poderia ter chamado um advogado para pedir a anulação do casamento. Ou será que Ted lhe daria mais uma chance? E ela, será que queria uma chance?

Suspirou, jogou os lençóis para o lado e levantou-se. Foi ao banheiro e depois até o berço do filho.

— Bom dia, meu querido. — Abaixou-se para pegá-lo no colo.

Timothy sorriu no mesmo instante, satisfeito por ver a mãe após uma

longa noite. Evelyn beijou-o e resmungou alguns sons parecidos com os dele, como se estivessem conversando. Depois de alguns minutos brincando, trocou-lhe as fraldas e colocou-lhe um macacão.

Decidiu que queria fazer o casamento dar certo. Precisava, então, de uma nova chance, e a razão dessa decisão era aquele sorriso banguela e os olhinhos cor de chocolate.

— Não se preocupe, meu amor — assegurou ao filho, ao sentar-se na cadeira de balanço para amamentá-lo. — Sua mãe vai dar um jeito na situação. Eu espero... — completou, olhando nervosa para o chapéu de Ted.

Vestiu-se com esmero redobrado. Escolheu uma calça jeans justa e uma blusa com um decote discreto, mas que deixava os contornos dos seios meio à mostra. Não tendo botas, um problema que deveria ser solucionado em breve, colocou um par de sandálias de tiras. Com o filho no colo, saiu do quarto e foi para a cozinha.

As garotas estavam sentadas ao redor da mesa, juntas, com os cabelos em desalinho, discutindo sobre um livro de receitas. Todas olharam para Evelyn ao vê-la entrar.

— Estamos preparando o café da manhã — anunciou Gracie, colocando algumas mechas para trás da orelha. — Torradas francesas. É meu prato favorito depois de panquecas com geléia de amora, mas Amanda disse que panqueca é muito difícil de se fazer. Então, teremos torradas francesas especiais, porque nos casamos ontem.

— Nós não nos casamos — corrigiu Amanda, sorrindo.

— Foi tio Ted e tia Evelyn. Você quer café, titia? Eu mesma fiz há alguns minutos.

— Sim, por favor — respondeu Evelyn, pega de surpresa ao ser chamada de tia.

Por alguma razão, Evelyn ainda não tinha pensado naquilo. Como filha única, nunca se imaginou como tia de alguém. Gostou do som de "tia Evelyn".

— Está bom? — perguntou Amanda, olhando ansiosa para Evelyn, assim que ela tomou o primeiro gole.

— Maravilhoso — assegurou, procurando não fazer caretas com o gosto forte demais.

Amanda sorriu, aliviada.

— Tio Ted sempre faz o café antes de sair para trabalhar. Acho que hoje ele se esqueceu... — A menina ficou corada, embaraçada como qualquer

adolescente ao imaginar as razões do atraso do tio.

— Mas tenho certeza de que ele não poderia ter feito um café melhor do que este — elogiou Evelyn, tornando mais um gole e colocando a xícara sobre a mesa para acomodar Timothy no cadeirão, dando tempo a Amanda de recompor-se.

— Sinto muito por ter estragado a surpresa de vocês — disse Evelyn, sorrindo para Gracie, dando-lhe permissão, com o olhar, para que mexesse no bebê, — Não o deixe colocar o dedo na boca. — Olhou para as outras duas garotas.

— Acho que eu deveria ter ficado no quarto até que me chamassem para o desjejum.

— Tudo bem, tia Evelyn, não faz mal. — Laura subiu em um banco para alcançar o armário. — Não era uma surpresa de verdade, como uma festa de aniversário. Era só uma pequena homenagem. — Ao abrir uma das portas, virou-se para a irmã mais velha. — Qual vasilha eu pego?

— A amarela grande — explicou Amanda, jogando os longos cabelos para as costas, inclinando-se para consultar o livro de receitas. — Precisamos de ovos, leite, baunilha e pão. E canela em pó.

Evelyn observou-a, impressionada ao ver uma menina tão competente na cozinha e mais ainda ao constatar que ela podia mexer no fogão sem a supervisão de um adulto. Iria conversar com Ted a respeito daquilo.

Amanda estreitou os lábios, estudando a receita.

— Aqui diz que dá para oito pessoas — disse, um pouco desanimada —, e somos seis e... — Olhou para a porta dos fundos em direção ao curral. — Tio Ted sempre me ajuda quando os números não são exatos e devo calcular frações.

Evelyn olhou na mesma direção, nervosa, pensando que Ted poderia estar entrando naquele momento. Não sabia ao certo se ficou aliviada ou preocupada por não vê-lo ali.

— Sou muito boa com frações — Evelyn disse a Amanda.

— Quer que eu ajude até seu tio chegar?

Calcularam as porções dos ingredientes e misturaram na batedeira com o leite e os ovos. E os homens da casa não chegaram nem depois de as torradas francesas estarem prontas.

— Talvez Furacão não tenha melhorado com os remédios que Gus aplicou. — Laura oferecia uma possível desculpa pelo fato de os dois não

estarem presentes no café da manhã.

— Acho que vou ver o que aconteceu.

Evelyn colocou a mão no ombro da menina de nove anos, impedindo-a de sair.

— Acho que devemos nos sentar e tomar nosso desjejum antes que esfrie — disse, testando sua autoridade pela primeira vez. — Colocaremos o prato de seu tio Ted e de Gus no forno para que eles comam quando chegarem.

Evelyn prendeu a respiração por um momento, temendo que as meninas pudessem fazer objeção a qualquer interferência. Para seu alívio, elas concordaram, como se a tia tivesse todo o direito de dizer o que deveriam ou não fazer, e sentaram-se para comer.

"Com certeza foi fácil", pensou Evelyn ao tomar seu lugar à mesa. "Pena que não seja tão simples lidar com o tio delas."

Para satisfação das meninas, o desjejum tornou-se uma reunião de mulheres que faziam confidências, tímidas no começo, mas muito divertidas no final. Discutiram os mistérios da feminilidade, a razão de os meninos agirem como bobos e a idade em que as garotas deveriam usar maquiagem.

Quando a louça estava lavada e guardada, Evelyn sugeriu que Gracie cortasse um pouco os cabelos.

— Pode não parecer, mas sou muito boa nisso. Sei lidar com penteados, e se quiser...

— Acho seus cabelos lindos! — exclamou Laura, insinuando-se para ter os seus cortados também.

Todas juntas armaram uma espécie de salão de beleza no jardim, atrás da casa. Usaram os bancos da cozinha e levaram toalhas. Depois, acomodaram Timothy no carrinho embaixo de uma árvore perto da mesa de piquenique.

Evelyn colocou Gracie no banco e cobriu-lhe os ombros com uma toalha. Enquanto Amanda e Laura olhavam, atentas, Evelyn cortou as pontas e a franja da pequena. Em seguida, fez duas longas trancas e amarrou-as com laços de fita vermelha.

— Pronto! Pode olhar. — Evelyn segurou um espelho para que a garota visse o resultado.

— Oh! Ficou tão bom! — Gracie balançava a cabeça de um lado para outro, contente com o efeito do penteado, — Não estou bonita? — indagou,

olhando para trás de Evelyn.

— Está linda como uma flor — elogiou Ted. Evelyn assustou-se e quase derrubou o espelho.

— Vejo que todas estão se dando muito bem — comentou Gus, olhando para Ted, certificando-se de que ele também havia notado a amizade que nascia.

Ted tinha reparado, não havia como não fazê-lo. Porém, o que mais chamou-lhe a atenção foi a mulher de quem havia se afastado na noite anterior, com os cabelos soltos sobre os ombros e com as curvas do corpo tão mareadas ria calça jeans que chegava a dar água na boca. Quando Evelyn inclinou-se para tirar Gracie do banco, ele sentiu o coração bater mais acelerado e a garganta seca.

— O que... — Ted gaguejou. — O que vocês estão fazendo?

— Tia Evelyn está arrumando nossos cabelos — informou Gracie. — Ela cortou as pontas e minha franja, está vendo? — Dançando pelo quintal, expôs sua nova aparência ao tio.

— E nos ajudou a preparar as torradas francesas para o desjejum, porque é perigoso crianças usarem o fogão sem a supervisão de um adulto. Tia Evelyn também nos deixou passar o batom dela. Mais tarde, faremos biscoitos, e talvez demos uma volta em Selina para alugarmos a fita de vídeo *A Bela e a Fera* ou *Aladim* para assistirmos comendo pipoca amanhã. Estou feliz por você ser nossa tia, Evelyn, porque é muito melhor que a última governanta, não é, tio Ted?

— Com certeza — concordou Ted, olhando para Evelyn.

— É *muito* melhor.

Evelyn fitou-o por um instante e depois desviou o olhar. Não sabia como definir a expressão do rosto de Ted, e era incapaz de suportar a força e o exame íntimo em plena luz do dia. Ele a olhava da mesma forma como na noite anterior, no entanto, havia algo novo, uma especulação mais que sexual, que a deixou nervosa.

— Quem será a próxima? — indagou, alegre, batendo com a mão no banco.

— Laura — sugeriu Amanda, andando em direção à porta dos fundos da casa. — Tia Evelyn colocou algumas torradas no forno para mantê-las quente, tio. Vou arrumar tudo enquanto Laura corta os cabelos.

— Eu ficaria muito satisfeito, minha querida, mas você vai ficar aqui e

divertir-se com as outras. — Com as mãos nos ombros da sobrinha, virou-a e levou-a de volta ao grupo.

— Pode deixar. Gus e eu poderemos arrumar tudo sozinhos.

— Bem, agora eu diria que está tudo dando certo — comentou Gus, subindo os degraus da varanda ao lado de Ted, seguido pelo porco. — Não acha que ela e as crianças estão bem integradas? Tudo o que tem a fazer agora é certificar-se de que ela ficará.

— Evelyn vai ficar — assegurou Ted, enchendo uma xícara do café de que tanto precisava.

Evelyn não podia partir. O que quer que acontecesse entre eles, se seriam ou não compatíveis, se ficariam ou não apaixonados um pelo outro, não importava. Evelyn tinha de ficar, para o bem das sobrinhas. Em uma só parte da manhã, deu-lhes muito mais do que Ted imaginara ser possível.

Nunca tinha pensado no perigo de deixá-las perto de um fogão sozinhas. Não percebeu que precisavam cortar os cabelos, que caíam-lhes sobre os olhos, nem cogitou alugar filmes para que se divertissem durante uma tarde. Fazer biscoitos era uma idéia que nunca passara por sua cabeça também. E tinha ainda a história do batom e laços de fita, torradas francesas e sabia-se lá o que mais. Era enorme sua ignorância no que se referia às necessidades das meninas.

Tomou um gole e ficou a pensar em como seria traumático o primeiro passo de Amanda no mundo das mulheres se ele tivesse de lidar com a questão sozinho.

— Hum... Isso parece bom! — Gus olhou para a travessa de torradas ainda quentes que tirou do forno. Transferiu metade delas para seu prato e colocou uma generosa porção de cobertura de chocolate sobre elas. — Parece que sua esposa é ótima cozinheira. Venha experimentar também.

— Obrigado — disse Ted distraído, pegando o prato que lhe foi oferecido.

Com a xícara em uma das mãos e o prato na outra, Ted saiu da cozinha, atraído de maneira irresistível pela mulher que tinha conquistado o coração das meninas e que o deixava tão intrigado, pois nunca imaginara que uma mulher fosse capaz de ser boa dona de casa e muito sedutora ao mesmo tempo.

A vida era curiosa. As aparências enganavam, e a única forma de saber a verdadeira essência era experimentando cada momento e desejando obter

um bom resultado. Arriscar a sorte era fundamental.

Em um rodeio, um caubói lança a sorte ao montar. A. aparência do touro não conta em nada, e sim sua habilidade em fazer o montador pontuar ou não.

Ted deveria arriscar mais também em sua vida pessoal. Sua esposa tinha tudo o que as meninas precisavam. Era hora de descobrir o que ele precisava também.

CAPÍTULO OITO

Evelyn observou o marido pelo canto dos olhos quando ele se acomodou na mesa de piquenique embaixo da árvore, imaginando o que estaria pensando. Percebeu que estava para fazer algo, tinha um olhar determinado que ela começava a reconhecer.

— Olá, companheiro! — Ted puxou o carrinho para mais perto e acariciou as pernas de Timothy, que sorriu, satisfeito. Evelyn sentiu-se apreensiva, pois tinha medo de que ele pudesse machucar a pele delicada do bebê com as mãos fortes e marcadas pelo trabalho, mas o sorriso do filho, deixou-a mais tranqüila.

— Timothy gosta de brincadeiras e que passemos a mão nos pés dele — informou Grade, subindo no banco para ficar ao lado do tio e mostrar como fazer. — É assim. Agora, tente você.

Ted imitou a sobrinha. Passou o dedo no calcanhar de Timothy, com cuidado. O bebê encolheu as pernas e começou a balbuciar alguns sons, sorrindo e erguendo os braços.

Evelyn ficou emocionada. Craig nunca tocara no filho, nem ao menos o viu. E ali estava Ted, quase um estranho, brincando com o menino e preocupado em não machucá-lo. Disse a si mesma que o fato não significava nada. O marido estava tentando conquistá-la através da criança, porém, Evelyn precisou parar o que estava fazendo porque não conseguia concentrar-se e não queria estragar os cabelos de Laura.

— Ele não parece mesmo uma criança doente — comentou

Ted, brincando com o bebê pela última vez antes de pegar o garfo para comer as torradas. — O que há de errado com ele?

Evelyn explicou, concentrando-se no que fazia, porque olhar para Ted

atrapalhava seus movimentos e porque aprendera que só conseguiria falar dos problemas do filho se assumisse uma posição de profissional, não de mãe.

— Mais tarde, ele terá de fazer uma cirurgia no coração para solucionar o defeito — concluiu, amarrando os cabelos de Laura com uma fita rosa.

— Uma cirurgia no coração? — Ted olhou para o peito delicado e frágil do bebê. — Mas ele ainda é tão pequeno! — objetou, horrorizado ao pensar em um ser humano tão indefeso ser submetido a tal procedimento.

— É por isso que, quanto mais tempo a operação puder ser adiada, melhor. Cada grama que ele ganhar melhorará o prognóstico. — Evelyn ajudou Laura a descer do banco e chamou Amanda para ocupar o lugar. — O que você acha? Devemos só aparar ou quer mudar um pouco o corte? — perguntou, colocando a toalha nos ombros da menina.

Amanda olhou-se no espelho.

— Vamos cortá-los — decidiu, afinal, e juntas, optaram por repicá-los para dar um ar mais adulto, já que ela era quase uma adolescente.

Evelyn terminou o corte e fez um penteado preso por uma fivela prateada.

— Eu gostei — disse Amanda, rindo para si mesma ao espelho. — Obrigada, tia Evelyn.

— Foi uma honra — assegurou Evelyn.

— Sabe também cortar cabelos de homem? — perguntou Ted, empurrando o prato vazio.

Surpresa, Evelyn parou de balançar a toalha e olhou para o marido.

— O quê?

— Acho que preciso cortar os meus também — disse, como se a desafiasse.

Evelyn compreendeu a mensagem e sabia que deveria enfrentá-lo sem os medos de uma inexperiente adolescente. Era a chance que esperava, a oportunidade perfeita para mostrar a Ted que estava pronta e era capaz de cumprir as tarefas de esposa.

— É claro que posso fazer isso, Ted — afirmou, encarando-o.

Ted sorriu, reconhecendo a determinação e a esperteza nos olhos azuis de Evelyn. A esposa ainda tentava satisfazê-lo, e daquela vez ele permitiria que o fizesse. Até certo ponto. Até onde percebesse que o desejava tanto

quanto ele a ela. Aí então, veriam quem satisfaria quem.

Levantou-se devagar e andou em direção a Evelyn com passos lentos. Parou do outro lado do banco. Parecia ainda maior e mais bonito, como um herói mitológico saído de um filme. Não importava se os cabelos estavam um pouco compridos ou se as botas que ele usava eram velhas e gastas. A aparência continuava deslumbrante, era puro sexo e sedução escondidos sob uma calça jeans e uma camisa de algodão. Era a tentação com olhar confiável.

Seria irresistível se Evelyn fosse o tipo de mulher que se deixasse seduzir ou que confiasse em alguém.

Evelyn ajeitou os cabelos para trás e bateu no banco.

— Vamos. Sente-se — chamou, sem querer acovardar-se pela segunda vez diante da masculinidade de Ted.

Ele passou a perna por cima da banqueta como se estivesse montando em um cavalo, e sentou-se.

Sem dizer uma palavra, Evelyn colocou a toalha nos ombros largos. O movimento a fez ficar de frente para ele, entre suas pernas, com os braços erguidos sobre a cabeça de Ted e a curva dos seios quase embaixo do nariz dele. Estavam frente a frente, a menos de vinte centímetros de distância.

Ted podia sentir o perfume de jasmim misturado com o talco de bebê que emanava do corpo dela, e Evelyn, sentia o cheiro de cavalos e do homem másculo e viril que era seu marido.

Ted aproximou-se mais e respirou fundo fazendo-a ter de se conter para controlar a ansiedade. Ele a fitava e sorria de lado, sabendo que a provocava e desafiava.

Evelyn quase não conseguia piscar. Encarou-o com coragem e ajeitou a toalha no colarinho da camisa. A pele sob o tecido era quente, assim como o hálito que sentia em seu colo.

Evelyn sabia que as meninas estavam ao redor do carrinho de Timothy, brincando com ele e conversando a respeito dos novos penteados, mas a todo momento prestando atenção ao que acontecia com o tio e ela. Sabia também que Gus e o porco tinham saído de casa e estavam em pé, perto do portão, observando-os. E que Urso tinha abandonado a sombra da árvore e andava pelo jardim. Porém, nada distraía o olhar intenso que o marido tinha sobre ela.

Ted não a tocou, nem disse uma só palavra. Ele só a olhava com atenção,

deixando nos lábios um sensual sorriso.

Era irritante e excitante ser observada daquela maneira. Nenhum homem a fitara assim antes. Era como se nada, além dela, existisse naquele momento. Nem mesmo durante as noites íntimas, Craig a olhara como o marido por correspondência fazia durante um dia claro e ensolarado.

Evelyn achou que fosse ser beijada, ali, na frente de Deus, das crianças e de Gus.

Depois, ficou sem saber por que ele não o fizera.

Ted ergueu a sobrancelha como se o ato fosse uma resposta para os pensamentos de Evelyn, desafiando-a e provocando-a ainda mais.

E ela sabia por quê.

Não importava até onde eles fossem, tudo só dependeria dela para acontecer. E Ted deixava a critério da esposa. Sem dúvida, era um homem esperto.

Determinada a não entregar-se, Evelyn ergueu a cabeça e inclinou-se, encarando o marido.

Os lábios dos dois quase se tocaram quando Urso saiu correndo e latindo pelo gramado chamando a atenção de todos.

Ted olhou para o cão, curioso de saber o que estava acontecendo. Toda a sedução e o ar desafiador desapareceram de sua expressão.

— Urso! — gritou ele, em tom autoritário.

O animal parou a meio caminho de seu objetivo e ficou quieto, abanando a cauda e olhando para o dono enquanto um automóvel azul se aproximava pela estrada e parava ao lado da picape vermelha que estava estacionada próxima a casa.

Evelyn não tinha sido informada de que a mulher que saía do carro era do Juizado de Menores, porém tinha conhecido muitas assistentes sociais por toda a vida e sabia reconhecer uma a metros de distância.

Quando era criança e morava na Louisiana, recebia visitas freqüentes nos apartamentos do Estado que ela e a mãe chamavam de lar. As melhores assistentes, embora fossem simpáticas e preocupadas com o bem-estar das duas, sempre ditavam regras e se intrometiam nas vidas daqueles que ajudavam. E as piores sentiam prazer de usar do poder que tinham com o aval do Estado e não só se intrometiam, mas também intimidavam e controlavam a vida alheia.

Evelyn não precisou ver a expressão de medo das três meninas ou o

olhar desolado do marido para ter certeza de que a mulher de expressão fechada marchando pelo gramado em direção a eles fazia parte do grupo das piores.

Vinha como uma missionária ao encontro dos nativos para salvá-los deles mesmos. Irradiava desaprovação e condenação a cada passo que dava. Parecia achar-se a dona da verdade e estar certa de que só ela sabia o que era melhor para as pobres e infelizes crianças que estavam sob seu cuidado.

O cachorro virou-se e, quando a mulher passou ao seu lado, seguiu-a. Não como companheiro, mas como se suspeitasse que algo ruim pudesse acontecer e precisasse vigiá-la.

— Sra. Gillespie — cumprimentou Ted, levantando-se do banco com as boas maneiras de um homem que nasceu e foi criado no campo. — A que devo a honra dessa visita inesperada?

Luisie Gillespie não perdeu tempo com as formalidades.

— Soube que o senhor casou-se ontem, Sr. Holt. É correta essa informação?

— É claro que sim — assegurou Ted, procurando parecer agradável, apesar de exalar insatisfação por todos os poros com a presença daquela intrusa.

Olhava Luisie Gillespie como se estivesse na frente de uma cobra venenosa, cauteloso, por saber que a qualquer momento ela poderia dar o bote.

Instintivamente, Evelyn acompanhou-o e colocou a mão sobre o braço de Ted.

— E presumo que essa é a mulher em questão — disse a assistente social, com ar de desaprovação, olhando para Evelyn e analisando-a dos pés à cabeça.

— Essa é a minha esposa — apresentou Ted, sem se esforçar para ser educado, mas ainda de forma civilizada. Aprendeu desde criança a tratar mulheres com respeito, mesmo que elas não o merecessem. — Evelyn, querida, esta é a Sra. Luisie Gillespie, a...

— O senhor sabe, Sr. Holt — interrompeu a assistente —, que não deve mudar nada na vida das meninas sem antes me comunicar, não é? Eu deveria ter sido informada de suas intenções em relação a essa... pessoa. Quem é, o que ela é terá efeito no que eu decidir em relação ao bem-estar de suas sobrinhas.

— Quem é o que ela é, Sra. Gillespie? Evelyn é minha esposa, e isso diz respeito *a mim* — declarou Ted, devagar e com calma, mas Evelyn sentiu os músculos do braço sob sua mão se contraírem. — Assim como minhas sobrinhas e o bem-estar delas.

— O Estado do Texas não vê as coisas dessa forma. — Luisie Gillespie permitiu-se dar um leve sorriso, cheio de satisfação. — E *eu* sou a representante do Estado. Tenho todo o poder de remover essas crianças de um lugar que considero um lar inadequado para elas. E assim o farei a menos que eu consiga algumas respostas que me satisfaçam. Agora, quem...

Ted deu um passo à frente irritado com o que ouvia. Evelyn segurou-o. Urso rosnou. Gracie adiantou-se.

— Vá embora! — gritou a menina, com o pequeno corpo tremendo de raiva. — Não queremos você ou essa droga de visita. Que inferno! Vá embora e deixe-nos em paz!

— Vê? — Luisie Gillespie disse, triunfante, e apontou o dedo para Gracie. — E sobre isso que estou falando. Essa criança deveria ter a boca lavada com sabão. Deve ser colocada em um lar adequado onde esse tipo de linguagem não seja tolerado.

Sem parar para pensar no que estava fazendo, Evelyn adiantou-se, colocando Gracie atrás de si e ficando entre Luisie Gillespie e toda a família Holt.

— Esta criança está com medo — disse, furiosa. — E a senhora a amedronta de propósito. Parece que se diverti com isso, mas saiba que *eu* não tenho medo. Sei como o sistema funciona e qual é o seu lugar nele.

Evelyn deu mais um passo à frente. Luisie Gillespie a olhava assustada.

— A senhora é uma burocrata que gosta de interferir na vida dos outros, é pequena e maldosa e está representando muito mal o poder que lhe foi confiado. Meu marido não tinha e não tem de discutir nosso casamento com a senhora, nem agora, nem nunca, e seu trabalho não lhe dá o direito de tornar nenhuma decisão definitiva sobre a custódia de minhas sobrinhas. O máximo que pode fazer é escrever um relatório e fazer recomendações.

— E eu recomendarei que essas crianças sejam levadas deste lugar indigno de uma vez por todas!

— Ora, por favor! — bradou Evelyn. — Quem acha que engana com toda essa bobagem? Sabe tão bem quanto eu que a menos que as crianças estejam correndo algum risco, nada pode ser feito de imediato, com ou sem

relatórios. A única maneira de tirar-nos essas crianças seria com uma ordem judicial, e isso não acontecerá, porque meu marido não é um pobre indefeso que possa ser manipulado ou injustiçado impunemente. Ted vive nesta cidade desde que nasceu, todos aqui o conhecem. Meu marido é um respeitável cidadão de Selina. E uma celebridade local. Um...

— Degenerado que se relaciona com mulheres perdidas.

Evelyn ergueu uma das sobrancelhas.

— Está com inveja delas? — provocou.

Luisie Gillespie ficou corada.

— Cheguei bem perto da verdade, não foi isso Sra. Gillespie? Bem, sei também que nunca vai conseguir tirar as meninas de nós — afirmou com segurança. — Nenhuma delas. E, se persistir em tentar, na melhor das hipóteses será considerada uma tola e na pior delas perderá seu emprego e responderá na Justiça por caluniar o respeitável nome de meu marido. Eu mesma cuidarei de entrar com uma ação. Pense bem sobre isso antes de fazer o próximo relatório.

Não havia nada que a assistente social pudesse fazer a não ser dar meia volta e sair com a dignidade que ainda lhe restava. Urso a seguiu até o carro.

— Isso não terminará assim — ameaçou a mulher ao entrar no carro e bater a porta.

Houve um longo e tenso momento de silêncio enquanto todos olhavam o automóvel se afastar e ficar cada vez menor na estrada até se tornar um ponto de poeira no horizonte. Evelyn ficou observando até não mais vê-lo, como se precisasse ter a certeza de que a ameaça tinha partido. Depois virou-se para encarar a família.

Cinco pares de olhos a fitavam.

O marido tinha uma expressão que ela não conseguiu decifrar. Admiração, respeito, gratidão, talvez algo mais que lhe pareceu orgulho. Gracie segurava firme as pernas do tio e tinha o rosto grudado na coxa dele. Amanda e Laura o abraçavam, uma de cada lado. Todos se mantinham atentos e um pouco assustados com o que havia acontecido. Timothy estava deitado, tranqüilo, no carrinho, os olhos castanhos piscando com lentidão devido ao sono que em nada foi afetado pela discussão que acabara de acontecer. O bebê sorriu e mexeu as pernas quando viu a mãe.

Evelyn correu ao encontro do filho, precisando abraçá-lo, de repente, e

sentir o calor do pequeno corpo contra o seu para ter certeza de que ele estaria seguro e a salvo de pessoas como Luisie Gillespie. Foi aquela a razão de ter se casado tão depressa: manter Timothy seguro, estar certa de que ele não poderia ser afastado dela como Evelyn fora muitas vezes da mãe, que nada podia fazer. Ficou emocionada e sentiu as lágrimas encherem-lhe os olhos. Uma reação retardada à fúria e ao medo que sentiu. Encostou o rosto no do filho, procurando esconder sua fraqueza das meninas. Elas já haviam presenciado o suficiente, e não precisavam vê-la chorar.

— Você fez aquela mulher má ir embora! — gritou Gracie.

— Isso quer dizer que tudo está bem agora? — Laura perguntou, séria e preocupada. — A Sra. Gillespie vai deixar-nos em paz?

Foi Ted quem respondeu à sobrinha:

— Irá se achar que é o melhor para ela. — Ted passou a mão na trança de Laura e acariciou o rosto de Amanda. Depois abaixou-se para pegar Gracie no colo.

— Lembrem-me de não brigar com sua tia Evelyn — brincou ele, comovido com a defesa que a esposa havia feito da família. — Ela é mais perigosa que uma cobra venenos a quando está com raiva. Que mulher danada...

Evelyn ergueu o rosto.

— Ted, é melhor controlar sua linguagem na frente das crianças ou então será você quem terá a boca lavada com sabão!

— Eu, Evelyn? O que eu... — Ted recuou, espantado com o súbito ataque.

Porém, Evelyn tinha se virado e dado as costas para as crianças ao seu redor.

— O que foi que eu disse? — indagou, confuso, apesar de saber a resposta.

Carolyn sempre lhe chamava a atenção, assim como a de Gus.

Gracie achou graça.

— Você disse "Que mulher danada" — explicou Laura, soletrando devagar a palavra sem querer pronunciá-la. — Em quase tudo usa impropérios.

— Isso é um mau exemplo — disse Amanda, confirmando a informação com as irmãs — Crianças ouvem tudo.

— Garotas! — chamou Evelyn, parada à porta. — Vou precisar de ajuda

na cozinha se quiserem biscoitos hoje. — Ela esperou até ver Gracie sair correndo dos braços do tio. — E tragam o banco e o carrinho de Timothy, por favor — pediu, entrando na cozinha, confiante de que as meninas a obedeciam.

Gus abriu a porta para ela.

— Madame... — disse, deixando-a passar a sua frente. Gus continuou segurando a porta para que Gracie e Laura entrassem com o banco e o carrinho, e para Amanda, que carregava o espelho, a tesoura e a toalha. Slik entrou logo atrás e deitou-se no chão da cozinha. Até Urso entrou antes que Gus fechasse a porta.

— Que droga! — exclamou Ted, quando Gus desceu a escada. — Acho que não me saí muito bem de novo, não é?

A sexy e delicada esposa era tão dura e desafiadora quanto um touro selvagem, e não havia nada de que Ted Holt gostasse mais do que um desafio. Exceto, é claro, uma loira de bom coração com olhos de rapina e um traseiro perfeito.

— Ela é mais perigosa que uma cobra venenosa quando fica com raiva — repetiu, admirado.

— É mesmo. — Gus achou graça e concordou, satisfeito, com o andar da situação. — Terá de fazer muita corte para conquistá-la.

CAPÍTULO NOVE

— Graciella Lorraine! Laura Pauline!

As duas meninas sentadas no alto da cerca do curral olharam uma para a outra.

— Oh! — disse Gracie, virando-se para trás na direção da dona da voz.

— Vocês duas deveriam estar se arrumando para a festa — alertou Evelyn, aproximando-se por trás delas. — E não acho que já estejam prontas.

— Estamos só vendo tio Ted trabalhar Sangria por um minuto — explicou Laura, apontando para o centro do cercado, onde Ted treinava o cavalo. — Vê como ele está bem?

A menina se mostrava eufórica, vendo Ted dominar o animal com agilidade e carinho e fazendo-o andar para trás em linha reta.

— Sangria faz isso melhor que qualquer outro cavalo que tio Ted já

treinou.

— Muito impressionante, Laura — murmurou Evelyn, sem saber ao certo se falava do cavalo ou do caubói montado nele

— Algum dia também vou treinar cavalos para apartação — falou Gracie. — Tio Ted disse que vai me *aprender* quando eu crescer um pouco mais. Também participarei de corridas de tambor, assim como a Sra. Margo. Serei também uma patinadora de gelo.

— Seu tio *vai ensinar* — corrigiu Evelyn, sorrindo diante da confusão causada pelo entusiasmo.

Gracie era um espírito livre, a mais alegre das meninas. Vivia voando como unia borboleta entre um assunto e outro. Laura era mais curiosa em relação a assuntos rurais, preferia estar nos currais ou em pastagens a fazer qualquer trabalho de casa. Amanda era a mais responsável, que gostava de ler e sempre cumpria suas obrigações antes que alguém mandasse.

— Amanda saiu do banho há meia hora — afirmou Evelyn, lembrando o motivo de ter descido até o cercado. Sua voz era suave, mas implacável. — Espero que vocês duas entrem e saiam do chuveiro nos próximos trinta minutos caso contrário, preparem-se para explicar por que não o fizeram.

As duas meninas nem ao menos hesitaram.

— Está bem, tia — responderam juntas e desceram da cerca.

— E não fiquem brincando pelo caminho — ordenou Evelyn, andando atrás delas em direção à casa. — Nossos primeiros convidados vão chegar em menos de uma hora, e quero que todos estejam prontos.

Quando chegasse o momento de conhecer os amigos de Ted, Evelyn queria todos juntos com o aspecto mais familiar possível. Quanto menos dúvidas, menos perguntas a responder. Era o que Evelyn esperava.

— E não parem para ver se Gus precisa de ajuda na churrasqueira. Ele está muito bem.

— Certo, tia.

— E não toquem em nada quando passarem pela cozinha — advertiu, para o caso de as meninas estarem pensando na possibilidade de ver os doces.

Evelyn assou quatro tortas de pêssego e montanhas de biscoitos típicos da Louisiana. Queria fazer mais, porém, Gus e Ted disseram que as outras mulheres trariam o restante. Aquele era o ritual de todas as

reuniões, em especial quando se encontravam para dar as boas-vindas a uma noiva. Mesmo assim, Evelyn achava que deveria ter feito mais alguma coisa para os convidados. Mesmo que eles estivessem vindo recebê-la na nova comunidade, estariam também julgando-a, analisando-a para ver se era o tipo de mulher que Ted Holt merecia. Evelyn queria causar uma boa impressão.

— Você é muito boa nisso — elogiou Ted, chegando o cavalo perto da cerca e fazendo-a parar antes que se afastasse junto com as meninas.

Evelyn virou-se e colocou a mão na frente do rosto, em pala, para proteger-se do sol. Sentiu um nó na garganta, que aumentava a cada segundo pelo nervosismo. Ted não tinha pedido nada, e ela covardemente nada oferecera.

— Sou boa em quê?

— Fazer com que as meninas a obedeçam sem precisar ficar repetindo ou discutindo a questão. — Ted ergueu a aba do chapéu com a ponta do dedo indicador e inclinou-se sobre a sela, sorrindo com as rédeas presas na mão. — Sempre tenho de repetir duas ou três vezes para que elas prestem atenção a mim.

— Essa foi à terceira vez que mandei, e acho que devo ir atrás para ver se estão mesmo fazendo o que eu disse. Senão, Gracie acabará limpando o rosto com um pano úmido e dirá que tomou banho.

Os dois trocaram sorrisos. Gracie não gostava de água, parecia um gato.

— Timothy deve estar acordando.

— Amanda fará Gracie tomar banho — assegurou Ted. — E você tem a babá eletrônica; se Tim acordar, o alarme tocará.

— Não sei se funciona estando tão distante do quarto. — Evelyn pegou o aparelho preso no cinto que usava.

— Se não funcionar, uma das meninas a chamará. — Ted chegou mais perto da cerca. — Por que não sobe aqui e descansa por um minuto antes, de toda loucura começar? Ainda temos tempo.

O cavalo balançou a cabeça como se também a chamasse. Ted ajeitou as rédeas.

— Sangria e eu mostraremos o que podemos fazer.

Evelyn assentiu e fez conforme Ted sugeriu. Afinal, ele pediu com muita gentileza, e, além disso estava dormindo com Gus desde o casamento.

Mas, sobretudo, Evelyn sabia que nunca viriam a ter um casamento de verdade se o mantivesse afastado, e ela o desejava muito.

Assim, subiu na cerca com cuidado e acomodou-se onde as meninas estiveram até minutos antes. Demorou altura tempo para ajeitar-se, pois a calça era justa, e o tênis tinha o solado muito fino.

Olhando para Evelyn, Ted decidiu que na primeira oportunidade compraria um par de botas para a esposa. Os tênis eram bonitos, mas não eram a proteção adequada contra o estêreo úmido ou a lama da fazenda. A calça deveria estar menos na moda e ter um corte mais prático, porém aquele detalhe podia ser contornado, já que o jeans justo ficava muito bem nela...

— Muito bem, Ted, deixe-me ver o que você e Sangria sabem fazer.

Ted parou de prestar atenção ao corpo bem-feito da mulher, ajustou o chapéu na cabeça e começou a fazer o cavalo dançar. A dupla se movia como se fosse um só corpo, a harmonia era perfeita. Com a batida das patas, a poeira se erguia do chão. As franjas da proteção de couro que envolvia a calça dançava no ar de forma delicada e perfeita. O cavalo virou-se para a esquerda, depois para a direita e à esquerda mais uma vez, cheio de graça.

Evelyn ficou encantada. Sempre achou que a profissão de caubói requeria força bruta, onde um homem obrigava um animal a obedecer suas vontades. Mas o que via era um bale, um *pas de deux* do Oeste, onde o cavalo parecia gostar do que fazia tanto quanto o cavaleiro. Ambos habilidosos, talentosos. Era uma apresentação magnífica.

Ao ver a expressão no rosto de Evelyn, Ted caprichou ainda mais. Sabia que ficava bem em cima de um cavalo. Não tanto quanto sobre um touro bravo no meio de uma arena, mas causava uma boa impressão. As cenas do Oeste exerciam certo fascínio nas mulheres, e ele esperava que a esposa ficasse também impressionada. Pelo menos um pouco.

Pouco do que fizera nas últimas semanas parecia surpreendê-la, porém. Evelyn não mostrou nenhuma reação quando recebeu uma caixa de pêssegos especiais que Ted trouxera do mercado, nem com o buquê com as flores que ele mesmo colheu no jardim, ou mesmo com a festa que planejara para apresentá-la aos amigos e vizinhos, ou com a babá eletrônica que comprou no supermercado para que Evelyn pudesse ouvir Tim enquanto estivesse longe do quarto. Evelyn se mostrou um pouco alegre quando Ted consertou um problema na transmissão de seu carro; no entanto, não foi o suficiente para

fazê-la entregar-se de livre e espontânea vontade. Tudo o que Ted conseguiu com todo o esforço foi um sorriso e um "muito obrigada".

Sabia que tudo o que tinha a fazer era dizer uma palavra ou levá-la pela mão para o quarto, e Evelyn o seguiria e consentiria. Mas Ted queria mais, queria que ela o chamasse para ir para a cama.

Ted a desejava com amor e paixão, e queria que houvesse reciprocidade.

Com tal objetivo, terminou sua demonstração e fez o cavalo parar em uma posição onde ambos podiam ser admirados de forma total. Em seguida, iniciou um galope rápido por toda a extensão do curral e parou bem próximo de onde Evelyn estava sentada. Era o tipo de movimento que sempre lhe deu os prêmios nos rodeios e deixava suas admiradoras entusiasmadas.

Evelyn recuou, assustada, e gritou. Chegou a perder o equilíbrio e voltou para a frente, tentando não cair. Entretanto, teve de pular da cerca. Caiu em pé, quase em baixo das narinas do cavalo. O animal bem treinado não moveu um músculo. Nem o caubói que o montava.

Evelyn também não. Olhou para cima, encarou Ted e o viu parado, ainda sobre a sela, fitando-a por entre as orelhas de Sangria.

— Você está bem, querida?

— Sim...

Evelyn endireitou a postura devagar, com medo de que algum movimento brusco pudesse assustar o cavalo, e então Ted notaria o quanto estava amedrontada. Frente à frente com o animal, Evelyn sorriu, nervosa.

— Ele é bem grande.

— Bastante. — Ted se divertia com a expressão da esposa. Naquele momento, ela parecia impressionada, e estava olhando para o cavalo, e não para ele.

Evelyn respirou fundo e pensou em subir na cerca, porém, manteve-se no chão.

— Sangria está querendo tornar-se seu amigo — explicou Ted diante do movimento da cabeça do cavalo que ia na direção do rosto de Evelyn.

— Amigo?

— Cavalos mostram afeição roçando o pescoço dos outros.

Evelyn não achou que pudesse ser tocada por um animal tão grande quanto um cavalo. Então, ergueu a mão e passou-a devagar na cara e depois no pescoço de Sangria, da mesma forma que as crianças faziam.

— Bom menino — ela murmurou, rezando para não ser verdade que os animais detectavam o medo das pessoas pelo olfato.

Sangria abaixou a cabeça e bateu o focinho devagar no peito de Evelyn que deu um passo para trás.

Assustada, repetiu o gesto com os dentes cerrados, decidida a se impor diante do animal e de seu dono.

— Bom menino! — repetiu

"Teimosa e forte como um touro", pensou Ted, com orgulho. Evelyn estava nervosa, mas não com medo. Ele decidiu, então, divertir-se um pouco. Com um movimento sutil da perna direita, fez o cavalo dar um passo para a frente. Evelyn, no mesmo instante, deu um passo para trás.

Ted puxou um pouco para a direita, e Evelyn foi para a esquerda e parou ao perceber que Sangria estava se colocando entre ela e a cerca. O movimento seguinte de Evelyn foi puramente instintivo: deu dois passos para trás e virou-se, procurando segurança perto da cerca que estava atrás dela.

Cavalo e cavaleiro bloquearam sua passagem mais uma vez, fazendo-a ir para o centro do curral.

Evelyn tentou escapar, e Ted viu um sinal de medo nos olhos dela. No mesmo momento recuou, deixando-a livre. De repente, o medo desapareceu ao constatar que estava sendo manipulada de propósito.

Evelyn parou no meio do caminho. A falta repentina de movimentos fez com que ambos usassem de toda a habilidade para não passar por cima dela.

— O que você acha que está fazendo, Ted?!

— Só estou mostrando do que um cavalo apartador é capaz.

— Sei. — Evelyn encarou-o sem o menor receio. — Bem, acho melhor que se afaste — ordenou, tentando passar ao lado dos dois para sair dali.

Ted virou o cavalo e bloqueou-lhe o caminho.

Evelyn andou em direção contrária. Ele a bloqueou de novo e assim fez várias vezes.

— Você ouviu o que eu disse. — Evelyn estava séria. Apesar da vontade de rir, controlou-se, sem querer encorajá-lo. — Pare com isso agora.

Sorrindo, Ted balançou a cabeça e pegou uma corda que trazia amarrada à sela. Segurou as rédeas na mão esquerda e, guiando o cavalo com os joelhos e movimentando o corpo, começou a armar o laço com a mão direita.

Evelyn arregalou os olhos.

— Você não ousaria...

Ted começou a rodar o laço, deixando a corda tomar sua forma, enquanto Sangria conduzia Evelyn para o lugar desejado pelo dono. Ambos a perseguiram como se ela fosse um bezerro indefeso.

— Tome cuidado com o estrume, querida — advertiu Ted, vendo-a mover-se com rapidez de um lado para o outro. — Um bom cavalo de apartação pode mover-se com uma agilidade inacreditável. Você não tem chance.

— O que não tenho é tempo para essa bobagem — retrucou Evelyn. Em seguida, saiu correndo em linha reta na frente dos dois, passou perto da cabeça de Sangria e dirigiu-se para a cerca, sem saber se seria laçada como um bezerro.

Estava a dois passos da liberdade quando a corda passou na frente de seus olhos, leve como uma pluma e, de repente, amarrou-a pelos braços, prendendo-os um de cada lado, fazendo-a parar sem machucá-la. Evelyn virou-se para encarar o captor e o viu soltar a corda da sela, desmontando.

Ted bateu na anca de Sangria, fazendo-o sair trotando para o outro lado do curral. Em seguida, puxando a corda sobre os ombros, começou a andar em direção às baías, assobiando e forçando Evelyn a segui-lo.

Ofegante e indignada, com vontade de rir e de xingar ao mesmo tempo, Evelyn tentava livrar-se do laço com as duas mãos, procurando soltar a corda para passá-la por cima da cabeça. Tinha conseguido um pequeno progresso, pois a corda estava quase na altura dos ombros, mas ficou irais ajeitada, prendendo seus braços de novo. Evelyn olhou para a frente e viu Ted em pé na entrada da cocheira., encarando-a.

Ela também o fitou. Ted sorriu.

— Venha cá — provocou ele, puxando-a.

Seguindo os instintos femininos que a levaram a resistir, Evelyn andou, relutante, na direção indicada.

Ted ignorou sua tentativa de fuga. Era como se não visse nada, e trazia devagar seu prêmio para perto de si, tirando-a do calor do sol e trazendo-a para a agradável temperatura da cocheira.

Quando Evelyn estava ao seu alcance, puxou o nó da corda que estava na altura dos seios macios e trouxe-a de encontro ao peito.

O riso desapareceu.

Assim como a indignação.

— Peguei! — murmurou Ted, em voz sedutora. Evelyn ergueu o rosto. A intensidade do olhar era intimidante, excitante, desafiadora. Algo desconhecido tomou conta dela. Inclinou-se no peito do marido em busca do que procurava.

— E agora que me pegou, caubói, o que vai fazer comigo?

— Eu... — Algo na mente ágil de Ted o bloqueou. Todas as frases de efeito cheias de charme desapareceram. Ele sabia o que queria fazer com ela, só não encontrava as palavras, ao vê-la cheia de desejo.

Ted a cortejara por quase uma semana, mas essa era a primeira vez que Evelyn o olhava com mais do que simpatia e aceitação. O fato o deixou extasiado.

— Evelyn...

Era incapaz de pensar em outra coisa para dizer. Ergueu a mão que estava livre para tocar-lhe o rosto. Desconcertado por um momento, quis sentir a pele suave sob seus dedos. Incapaz de desviar o olhar e sem querer soltar a corda que a segurava junto a ele, Ted ergueu a mão e tirou a luva com os dentes, jogando-a ao chão. Só então tocou-lhe o rosto.

— Evelyn... — Inclinou a cabeça para beijá-la. Evelyn suspirou e entregou-se. Deu a Ted tudo o que ele queria: um beijo cheio de paixão e de livre e espontânea vontade. Ele era seu marido, e isso a consolava. Ted tinha direito aos prazeres que Evelyn poderia proporcionar. Porém, a verdade era que ela desejava isso: dar-lhe todo o prazer possível. Abraçou-o com vontade.

— Quero mais — sussurrou, sem perceber que confessava seus desejos.

Ted amparou a nuca de Evelyn e puxou-a para mais perto, beijando-a com volúpia. Com a outra mão, soltou a corda e apalpou-lhe o seio.

Evelyn gemeu quando os mamilos enrijeceram, sensíveis ao toque. Ficou na ponta dos pés e arqueou-se, querendo ficar ainda mais próxima, precisando senti-lo junto ao seu corpo para aliviar o desejo que aumentava a cada instante. Mexeu os quadris na ânsia de encontrar o que procurava. Ted esqueceu-se de tudo, de todos os planos para seduzi-la e fazê-la render-se. Não tinha nem consciência de que atingira o objetivo. Só sabia que a queria assim como Evelyn o desejava.

Ainda beijando-a, guiou-a para uma das baias, que estava vazia, no final da cocheira. Iria deixá-la nua e deitá-la sobre uma manta, no feno, e fazer

amor com sua esposa ali mesmo. Era a fantasia que alimentava desde o instante em que a conhecera. Queria tocá-la, conhecer cada detalhe do corpo de Evelyn.

Evelyn esperava ansiosa para entregar-se. Porém, um som vindo do outro lado da cocheira, mais alto que o normal, interrompeu o momento.

— Ted, você está aqui? Sra. Evelyn? Alguns convidados estão vindo pela estrada.

Ted gemeu como um homem ferido, afastou os lábios dos de Evelyn e afundou o rosto no pescoço dela.

— Droga! Droga! Droga!

— Eles estarão logo aqui — preveniu Gus. Ted suspirou e ergueu a cabeça.

— Dê-nos um minuto.

— Alguns minutos é o tempo que têm. Bob Mejer e sua família acabaram de parar o carro atrás de sua caminhonete. Trouxe o *trailer* com o cavalo xucro que comprou na semana passada. Vai querer trazê-lo para a cocheira.

— Só um minuto! — gritou Ted, colocando as mãos no ombro de Evelyn e afastando-a, gentil.

Evelyn levantou-se, sempre olhando para ele, com os cabelos desarrumados e os lábios avermelhados. Os braços ainda estavam presos pela corda.

— Sinto muito, querida. — Ted afrouxou o laço. — Essa não era a hora de começar tudo isso.

Indefesa, confusa com as novas emoções e desejando-o mais que tudo, Evelyn concordou.

— Eles vão demorar um pouco para descarregar o cavalo. Dez ou quinze minutos, se fizerem tudo certo. — Ted ajeitou a blusa de Evelyn com as mãos trêmulas. — Gus fará o possível para atrasá-los.

Tendo feito o possível para arrumá-la, pegou-a pelo braço e guiou-a para a porta do estábulo.

— Se você for por aqui, por trás da casa e eu pela frente, ninguém a verá. Será melhor assim, Evelyn?

Ela parou à porta e olhou para ele. Seus olhos ainda tinham uma expressão intensa devido às fortes emoções e ao rompante de paixão. Ted aproximou-se e deu-lhe um beijo no pescoço.

- Acabaremos essa conversa mais tarde.
- Está bem — concordou, sentindo um ligeiro mal-estar devido ao nervosismo. — Mais tarde.

CAPITULO DEZ

Evelyn entrou na casa sem que ninguém a visse. Foi direto para o quarto, escondida, como uma adolescente após um encontro clandestino, e fechou a porta, depressa. Encostou-se nela e, com as mãos ainda na maçaneta, fechou os olhos, sentindo o coração bater acelerado.

Sentia-se assustada com o que tinha acabado de acontecer.

Encantada e com medo.

Não estava nos planos de Evelyn desejar alguém daquela forma. Não queria se apaixonar assim, a ponto de vê-lo e perder o controle. Pretendia só cumprir seus deveres e oferecer tudo o que uma esposa oferece, mas sem emoção alguma. No entanto, algo deu errado. Havia alguma coisa cativante na forma como Ted a olhava na cocheira sob a aba do chapéu, sorrindo, em pé, com as pernas um pouco abertas e com o protetor de couro usado dando maior destaque à sua masculinidade. Os ombros largos sob a camisa de algodão a deslumbraram.

No momento em que Ted sussurrou o nome dela, como numa oração, como se fosse morrer por desejá-la daquela forma, Evelyn achou que não fosse resistir. O toque no rosto foi tão gentil e delicado, que pareceu que Ted tocava uma peça de cristal. Suas mãos tremiam, como as dela, agora,

E depois, foi acariciada e conquistada. Evelyn tinha jurado para si mesma que nunca mais se envolveria profundamente com homem algum. Não era seguro entregar-se, pois ficaria muito vulnerável.

Pressionou a mão contra o ventre e respirou fundo mais uma vez. Repetiu o ato, procurando acalmar-se. Tinha convidados para receber. As meninas deveriam precisar de ajuda para arrumar os cabelos, e Timothy precisava ainda ser trocado e amamentado. No momento que colocou a mão sobre os seios, sentiu a blusa molhada. O leite descera quando Ted a tocou na cocheira.

Querendo arrumar uma explicação para o que sentia, Evelyn concluiu que a reação a Ted era só física, uma resposta natural para os estímulos. Não havia nada emocional. Ele a acariciou e beijou, ela só correspondeu. Ted

tocou-lhe os seios, eles ficaram rijos, e um corpo contra o outro provocou o amolecimento das pernas e a falta de ar. O corpo de uma mulher é feito para responder ao toque sensual de um homem, da mesma forma como reage a todos os outros estímulos.

O desejo que sentia era só físico.

Talvez depois de saciado, desaparecesse.

Evelyn saiu do quarto meia hora mais tarde. Os cabelos estavam presos para trás com um laço amarelo. Usava uma camisa branca de listras finas, também amarelas, com um nó na cintura, e segurava o filho no colo. Havia meia dúzia de automóveis na frente da casa e ao redor dela, e outros chegavam pela estrada deixando rastros de poeira pelo caminho. O quintal estava cheio de pessoas. Homens usando camisas típicas da região e chapéus de caubói conversavam sobre fazendas, o tempo e o último jogo de beisebol do Texas Rangers. As mulheres, usando jeans ou leves vestidos floridos, carregavam potes plásticos e panelas para as mesas, sorrindo e conversando com as amigas, que não viam desde o último domingo na igreja. As crianças pareciam estar em todos os lugares, correndo, excitadas, pela festa, umas atrás das outras, entre os carros estacionados e os adultos.

Urso corria de um lado para o outro, latindo alto, eufórico. Clara estava presa e puxava a corda, gritando em protesto contra sua falta de liberdade. Slik também estava agitado, diante de tantos odores de diferentes comidas.

Evelyn identificou cada uma das sobrinhas no primeiro olhar pela janela. Gracie brincava de pega-pega com as crianças menores. Laura andava abraçada com outra garota, e as duas seguravam uma lata de refrigerante, trocando segredos. Amanda, com os cabelos bem penteados, usando um macacão sobre uma blusa azul-clara, estava em pé, conversando com o jovem filho de um dos fazendeiros que a tratava com todos os mimos.

Gus ajudava três homens a descarregar as caixas de cerveja, refrigerante e gelo de uma picape.

Ted estava junto a um grupo de pessoas perto de um carro verde, rindo como se alguém tivesse contado uma piada.

Evelyn reconheceu algumas pessoas a quem já havia sido apresentada. Margo e Mel, do restaurante, o juiz que realizara o casamento e uma moça morena que trabalhava na mercearia onde faziam, compras todas as semanas. Também estava lá o jovem que parou na estrada para perguntar se

ela precisava de alguma ajuda.

Evelyn ajeitou Timothy na cintura e empurrou a porta, ficando no alto dos degraus.

Ted a viu no mesmo instante e aproximou-se. Estava atento, sabendo que a qualquer momento ela sairia. Ofereceu-lhe o braço, convidando-a a unir-se ao grupo, e passou-lhe o braço sobre os ombros para apresentá-la ao círculo de amigos.

— Evelyn, querida. — Cumprimentou-a, dando-lhe um leve beijo nos lábios. — O bebê já está trocado e alimentado? — perguntou, dando a ela uma ótima desculpa por estar atrasada.

— Sim. — Evelyn sorriu para o marido, tentando parecer uma feliz recém-casada e não pensar no que sentiu ao ser tocada por Ted. — Ele está sequinho e satisfeito. Pelo menos, por enquanto.

— Tim é um bonito garoto, e muito bom — disse a morena da mercearia. — Vi isso no dia em que estive na loja fazendo as compras. Ele é adorável, assim como o pai — declarou, sorrindo para Ted.

Ele correspondeu ao sorriso. Ted estava certo, era mais fácil deixar que todos pensassem que Timothy era seu filho. Assim ficariam livres de perguntas constrangedoras e, afinal, o fato só dizia respeito ao casal.

Ted puxou-a para mais perto, encorajando-a e fazendo-a perceber que ele também achava ter agido da melhor forma.

Juntos percorreram todo o quintal. Ted apresentou Evelyn a todos. Em seguida, juntou-se ao grupo inicial.

— O juiz Griffin estava nos contando uma história que vai lhe interessar muito, querida — disse Ted. — Vamos, juiz, conte a Evelyn.

— Recebi um telefonema do Juizado de Menores de Dallas alguns dias atrás. Uma mulher, uma assistente social chamada Gillespie, fez um relatório sobre Ted, contando sobre a má influência que ele exerce sobre as sobrinhas, corrompendo a moral delas com seu modo de vida indecente.

Evelyn prendeu a respiração, assustada, e olhou para o marido. Ele balançou a cabeça, em silêncio, pedindo com o olhar que esperasse e ouvisse a história.

— Bem, acho que ele podia corromper a moral das moças que conquistava, enquanto ainda era solteiro, é claro, madame — afirmou o juiz, inclinando um pouco a cabeça para o lado de Evelyn.

— Sim, é claro — murmurou, séria, olhando para o marido de um modo

que fez com que todos rissem.

— Mas argumentei que Ted Holt nunca seduziu nenhuma moça com menos de dezoito anos de idade, e jamais o fez contra a vontade de quem quer que fosse. — O juiz deu uma gargalhada. — Nosso garoto aqui é um campeão nacional de rodeios em montaria de touros. Ele não precisa fazer nada, as mulheres andam atrás dele e, além do mais, agora é um homem casado. Disse ao Juizado que Ted está bem, que tem uma bela esposa e seu próprio filho. Expliquei que é um fazendeiro local muito admirado e respeitado na região. Um verdadeiro membro de destaque em nossa comunidade. Isso fez com que eles repensassem as acusações feitas pela assistente social. Tenho certeza de que desistiram de qualquer ação contra vocês.

— Obrigado por sua interferência, juiz — disse Ted, após tomar mais um gole de cerveja. — Não me importo em confessar que a Sra. Gillespie estava começando a me incomodar.

— Foi um prazer, meu filho. Fiquei feliz em poder ajudá-los. Por que não me chamaram quando tudo isso começou? Eu teria mandado essa louca de volta para Dallas bem depressa.

— Não queria incomodá-lo. De qualquer forma, muito obrigado, juiz.

— Pode me chamar se essa tal Gillespie voltar aqui para perturbá-los de novo, ou mesmo qualquer outra pessoa do Juizado, está bem? Não gosto de intrusos vindo para nossa cidade e achando que têm direito de nos dizer o que devemos ou não fazer. Jim Belmont! — exclamou ao ver um amigo. — Desculpem-me, preciso falar com ele.

O juiz bateu a ponta do dedo na aba do chapéu e saiu do grupo em direção a um amigo influente que não via desde a última eleição.

— Se me derem licença... — disse Evelyn, lembrando-se de suas obrigações como anfitriã. — Acho melhor mostrar às senhoras onde devem colocar os pratos que trouxeram.

Ted segurou-a pelos ombros, não deixando-a escapar.

— Todas elas sabem onde fica a cozinha.

— Mas...

— Não precisamos nos preocupar com as formalidades por aqui — explicou Margo.

— Mas...

— Você é a noiva, querida. Só precisa se divertir e conhecer seus novos

vizinhos.

— Mas...

— Venha, Evelyn — chamou Ted, beijando-a na testa enquanto se afastavam do grupo. — Vou apresentá-la aos que estão chegando.

Nas horas seguintes, Evelyn conheceu mais pessoas do que poderia lembrar. Os amigos mais próximos eram pessoas que moravam em uma fazenda ao lado, um pastor que os esperaria na igreja no domingo seguinte, Herbert Grayson, gerente do banco de Selina, e a dona do salão de beleza (que ofereceu desconto de vinte e cinco por cento a Evelyn, entre outros).

Na festa havia todo tipo de caubói, alguns casados, que tinham uma vida bem familiar em suas terras, outros que trabalhavam como autônomos em fazendas e outros que viviam viajando de um lado para outro seguindo o circuito de rodeios.

— Ora, vamos, Ted — disse um deles, sentado na cerca do curral, olhando dois meninos que tentavam montar um bezerro. — Não venha me dizer que não sente falta das competições.

Gus estava no curral, também cuidando para que as crianças não se machucassem. Não era mais tão ágil como costumava ser, porém, fazia seu serviço com perfeição.

— É claro que sinto um pouco de saudade — admitiu Ted.

— Só um pouco? — indagou outro caubói. — E de viajar livre com os amigos? Ser seu patrão sem precisar dar satisfação a ninguém?

— Ainda sou meu patrão.

— E as mulheres? — insistiu o homem. — Não vá me dizer que não sente falta de todas aquelas garotas lindas que se jogavam a seus pés.

— Sou um homem casado agora — respondeu, procurando Evelyn para ver se ela estava escutando a conversa. Porém, sua esposa dava atenção aos meninos dentro do cercado, com uma das mãos sobre a boca. Não parecia estar ouvindo nada daquilo. — Não preciso de mais do que uma mulher.

— E toda a excitação das festas? O prazer de vencer uma prova? A descarga de adrenalina quando monta em um touro como o velho Vortex até terminar o tempo?

— Ninguém nunca ficou sobre Vortex durante os oito segundos.

— Mas alguém conseguirá algum dia. Não existe touro que não possa ser domado ou caubói que não seja derrotado. — O amigo olhou para Ted pelo canto do olho e sorriu. — Não gostaria de ser o felizardo de montá-lo e

vencê-lo?

— Sim — confessou Ted. — Claro que sim, mas tudo isso faz parte do passado agora. Eu mudei.

— E Vortex não está mais fazendo parte do circuito Bristol o vendeu depois de ele ter machucado Ty Gates em Reno no mês passado. Disse que era só uma questão de tempo para aquele touro matar alguém, e ele não queria ter esse peso na consciência.

Ted deu um sorriso sem graça. O touro tinha sido um belo e difícil adversário, por isso não gostou de saber do destino do animal.

— Será que Vortex acabará sendo um hambúrguer duro de mastigar?

— Bristol não o vendeu para o matadouro — informou o caubói. — O peso na consciência seria também grande nesse caso. Vortex foi vendido para uma pequena companhia de rodeios no leste do Texas, perto de Tyler, pelo que ouvi falar. O dono do negócio está fazendo apostas e dará um belo prêmio para quem conseguiu montá-lo durante os oito segundo. Quarenta mil dólares, acho.

O caubói, sentado ao lado de Ted, chegou mais perto.

— Nunca é tarde amigo. Ainda pode montar aquele touro e vencê-lo.

A festa começou a findar pouco após o pôr-do-sol. A metade dos convidados, aqueles que moravam mais longe ou que tinham algo para fazer, tinham ido embora. Dos homens que ficaram, muitos se uniram ao redor da churrasqueira ou do curral para beber os últimos copos de cerveja longe das esposas.

As mulheres, que estavam sentadas na varanda ou na cozinha, tomavam café e lavavam a louça, divertindo-se nos últimos momentos de trabalho conjunto antes de irem embora com a família. Muitos bebês e crianças pequenas dormiam no colo das mães, e as maiores continuavam brincando no gramado.

Alguns adolescentes se reuniram à mesa de piquenique para conversar, flertar ou roubar beijos longe das vistas dos pais.

Evelyn estava sentada na varanda com Margo e Tillie, a moça morena da mercearia. Timothy dormia, calmo, depois de ter sido amamentado. O dia foi longo e um pouco cansativo em alguns aspectos, mas, no geral, muito agradável. Evelyn gostou dos amigos e vizinhos de Ted e foi bem tratada por todos eles.

— Tia Evelyn? — Laura apareceu ao lado dela e cutucou-lhe o braço. —

Tia Evelyn?

— Sim, Laura — respondeu virando-se e sorrindo para a menina. — O que foi, querida?

— Gracie está passando mal.

— Passando mal? — Evelyn levantou-se depressa da cadeira e foi até a porta, determinada a localizar a sobrinha mais nova, porém, estava um pouco escuro, e ela nada pôde ver. — Onde está?

— Perto da horta. Estávamos brincando no jardim quando Gracie disse que não estava se sentindo bem e vomitou.

— Deixe-me segurar Timothy para você — ofereceu-se Margo, estendendo os braços para pegar o bebê. — Eu o coloco no berço enquanto vai ver o que aconteceu com Gracie. Sei onde fica.

Evelyn hesitou por um momento.

— Ele dorme de bruços — informou, entregando o filho, enfim.

Evelyn encontrou a sobrinha sentada no chão perto da horta, com os braços apertados contra a barriga e com lágrimas nos olhos.

— Oh, minha querida... — Evelyn abaixou-se para ficar ao lado da menina. — O que está acontecendo? Onde está doendo?

— É meu estômago — resmungou Gracie, encostando-se na tia. — Estou muito enjoada.

Gracie estava um pouco quente também. Evelyn colocou a mão na testa e no pescoço da garota, mas a temperatura alta podia ser resultado do esforço físico. Gracie Holt não parou de correr um só minuto naquele dia.

— O que você comeu hoje?

— Só churrasco — disse a menina com a voz enfraquecida. — E feijão, e também sorvete de morango. Melancia e torta de pêssego...

— E tomou três refrigerantes — completou Laura. — E muitos biscoitos.

— Isso tudo é muita coisa para uma menina tão pequena — murmurou Evelyn, consolando-a. — Não é de se admirar que tenha passado mal. Vamos para casa deitar um pouco, está bem, meu amor? Você estará melhor amanhã cedo.

Evelyn carregou Gracie no colo e levou-a para cama. Margo estava saindo do quarto principal quando Evelyn apareceu no corredor.

— Tim está dormindo como um anjo — informou Margo. — E Gracie? Está bem?

— Comeu demais. Vou colocá-la na cama e estarei de volta daqui a alguns minutos para despedir-me de todos.

— Não se preocupe com isso. Ted está na cozinha se encarregando das despedidas. Pode ficar aqui tomando conta desse outro anjinho. Nós nos encontraremos outro dia, querida. E a festa foi maravilhosa.

Evelyn sorriu e agradeceu. Ao deparar-se com Laura, disse:

— Ache sua irmã. É hora de as três irem para a cama, pois tiveram um longo dia.

Evelyn demorou quase uma hora para ajeitar Gracie e, ao colocá-la para dormir, concluiu que a menina tinha algo além de um simples enjôo. Estava com febre e reclamava de dor de cabeça. Evelyn deu a ela bicarbonato de sódio infantil para o estômago e remédio para febre. Sentou-se ao lado da sobrinha e começou a contar-lhe uma história para que adormecesse.

Ouviu as vozes das duas mais velhas seguidas pela de Ted desejando boa noite e mandando-as se apressarem para deitar. Em seguida, viu-o entrar no quarto de Gracie e deixar a expressão preocupada de lado ao ver que a menina estava bem e ainda acordada.

— Como está minha levadinha? — perguntou, abaixando-se ao lado da cama.

— Não muito bem — sussurrou a menina.

— Ficar bem, logo, logo — assegurou Evelyn ao marido.

— Boa noite, tio Ted.

— Boa noite, meu amor.

— Descerei logo que ela dormir — anunciou Evelyn.

Demorou mais uns dez minutos para que Gracie adormecesse. Evelyn passou no quarto das outras meninas e desejou-lhes bons sonhos, verificando se elas também não estavam com febre.

Entrou na cozinha para ver se tudo estava certo. Parou na pia e lavou as mãos e os braços com desinfetante que pegou na despensa. Não queria levar nenhum germe para Timothy.

Achou que Ted estivesse esperando por ela na cozinha ou na varanda, porém, como ele não estava lá, achou que talvez fosse melhor assim. O dia tinha sido longo para todos. Havia esperado muito tempo para a consumação dos votos de casamento, poderiam esperar por mais uma noite.

Evelyn passou pela sala apagando as luzes, colocando as cadeiras no lugar e olhando ao redor antes de entrar em seu quarto.

Então, deparou com Ted em pé ao lado do berço de Timothy, com o bebê no colo, cantando uma canção de ninar.

— Você deixou a babá eletrônica na cozinha — disse ele, como se precisasse dar uma explicação por estar ali. — Ouvi quando ele reclamou, e pensei que talvez estivesse na hora de trocar a fralda, mas só queria companhia. Já dormiu de novo. — Ted colocou-o com todo o cuidado no berço. — Vou dormir agora e deixar que você descanse um pouco.

Evelyn fechou a porta do quarto e encostou-se nela. Não poderia esperar até o dia seguinte. Não conseguiria esperar nem mais um minuto sequer.

— Quero que fique comigo! Esta noite!

CAPITULO ONZE

Ted ficou estico. Os músculos tensos, a respiração ofegante. Até o coração parecia ter parado de bater por um instante.

— Você tem certeza de que é isso mesmo o que quer?

— Não disse que terminaríamos mais tarde o que começamos na cocheira? — Evelyn desencostou-se da porta e puxou a trava, trancando-os no quarto.

— Foi um dia muito longo e cansativo. Você esteve atarefada com a festa, Gracie e... — A voz de Ted falhou diante da forma como Evelyn o encarava. — Não quero que faça nada se for só por mim. Nem agora nem nunca.

Evelyn ficou surpresa. Apesar de tudo o que Ted tinha feito, de todo o flerte, do encontro na cocheira, ele não tomaria nenhuma iniciativa, não pediria nada. Ela teria de oferecer-se. Naquele instante, tudo só dependeria dela.

Evelyn atravessou o quarto, devagar, sem desviar os olhos dos dele. Ao chegar bem próximo, passou os braços ao redor do pescoço do marido.

Ted, apesar de toda emoção que sentia, continuada com os braços estendidos ao lado do corpo. Ele a seduzira naquela manhã, forçara-a a responder aos estímulos feitos e estava decidido a não repetir o fato.

— Você não está querendo só me satisfazer, está querida?

Evelyn ergueu-se na ponta dos pés e passou os lábios no rosto dele. Sentiu o quanto ele estava excitado ansioso. Ela queria provar que o

desejava da mesma forma como era desejada. Com as pernas esticadas, abraçando-o, beijou-o como se o convidasse para um encontro ainda mais íntimo.

Ted aceitou o convite. A princípio, correspondeu, com suavidade; em seguida, tomou-a nos braços com paixão.

Ficaram em pé, com os corpos juntos por alguns minutos. Aos poucos, Ted acalmou-se e pôde concentrar-se mais no que fazia. Acariciou-lhe as costas e segurou-a como se nunca fosse deixá-la afastar-se. Encarou-a, precisando da certeza de que Evelyn sentia, como ele, a importância daquela união.

— Você acha que estou só pensando em satisfazê-lo? — murmurou Evelyn, louca de paixão.

— Não. Por Deus, não!

Ted inclinou-se e pegou-a no colo, carregou-a até a cama e deitou-a. Apoiado nos cotovelos, olhou para a esposa.

Sua esposa.

Queria fazer tudo certo. Sexo sempre foi para ele uma aventura que não duraria mais que uma noite ou uma semana. No entanto, agora tudo era diferente e especial. Seria para sempre, assim como o casamento.

O que acontecesse naquela noite repercutiria no resto de suas vidas e, pela primeira vez, Ted estava nervoso diante das expectativas.

— Ted? — murmurou Evelyn, sem entender por que ele simplesmente não a beijava.

Ela queria tudo o que tivesse direito. Precisava sentir a paixão dos corpos e a excitação que experimentou na cocheira, que a deixou fora de si.

O que Ted estava esperando? Evelyn convidou-o, mas talvez não tivesse sido convincente.

Evelyn acariciou-lhe a cabeça e puxou para mais perto.

— Beije-me, Ted. Beije-me.

Como se fosse um milagre, o nervosismo de Ted desapareceu. Uma mulher reclamando amor, desejando-o, era tudo do que ele precisava.

Beijou-a. Delicado a princípio e depois com mais ardor. Soltou-lhe os cabelos e despiu-a, acariciando cada parte do corpo para conhecer cada curva e detalhe. Louca de prazer, Evelyn gemeu, abraçou-o com força e esfregou o quadril contra o corpo másculo e viril.

— Por favor — suplicou, sem poder agüentar mais tanto desejo.

Ted ficou ainda mais excitado. Esqueceu-se de toda a técnica e estratégia para levar uma mulher ao êxtase. Só queria satisfazê-la e possuí-la.

— Seu corpo é perfeito, Evelyn — sussurrou, passando o dedo sobre os mamilos rijos.

Ao aproximar-se para beijá-los, Evelyn arqueou-se de tanto prazer.

— Por favor, por favor — repetia, tentando não gritar.

— Estou machucando você?

— Não, é claro que não. É que... — Evelyn precisou respirar fundo para continuar. — Nem eu sabia que essa região era tão sensível.

— Tanto assim?

— Sim. Não... Oh! — Evelyn gemeu mais uma vez quando Ted começou a provocá-la, passando a língua nos dois seios.

— Assim é melhor?

— É...

Ted explorou todos os pontos sensíveis do corpo de Evelyn, até que, não suportando mais, penetrou-a.

Os movimentos lentos adquiriram força e rapidez.

— Estou amamentado... — interrompeu Evelyn. — Eu não estou...

— Não está o quê? — indagou, procurando manter-se calmo.

— Não estou tomando pílula, nem usando nenhum contraceptivo.

Ted levantou-se, pegou na gaveta da mesa-de-cabeceira um preservativo e abriu a embalagem.

Evelyn sentou-se ao lado dele e ajudou-o. Depois, Ted voltou a deitar-se e penetrou-a com ainda mais vontade.

A seguir, só houve muito prazer e satisfação para ambos, até que chegaram juntos ao clímax.

Abraçada a Ted, Evelyn descansou.

— Sinto muito, querida. Será melhor da próxima vez.

Evelyn não compreendeu a que ele se referia.

— Foi maravilhoso, Ted!

— Eu perdi um pouco o controle da situação no final.

— Sei disso — confessou, sorrindo. — E gostei.

— Mesmo?

— Sim.

Orgulhoso, encarou-a.

— Mas posso fazer melhor. E só me dar alguns minutos e provarei.

— Não precisa provar nada para mim.

— Preciso, sim. — A expressão de Ted era séria.

— Não sei do que está falando.

— Você é minha mulher — disse, tentando explicar da melhor forma possível algo que nem ele mesmo entendia bem. Estar casado mudava a perspectiva do homem sobre vários aspectos. — A esposa tem de ser especial. Diferente. Quero que nossa primeira vez seja especial também.

— Foi e ainda está sendo.

Ted colocou uma mecha dos cabelos de Evelyn para trás.

— Quero que sinta-se bem tratada.

— Foi maravilhoso, Ted. De verdade, você é maravilhoso e me fez sentir muito bem. Não imagino como poderia ter sido melhor.

— Prometo que sempre a valorizarei e respeitarei. Quero poder venerá-la.

— Não seja bobo — respondeu Evelyn, preocupada com o que viu nos olhos de Ted. — Veneração é para santos do altar de uma igreja. Não quero ser venerada. Não...

— Evelyn — Ted pegou-lhe o rosto e passou o polegar em seus lábios delicados. — Evelyn, estou tentando dizer-lhe algo importante. Eu...

Evelyn mordeu de leve o dedo de Ted.

— Não diga nada — murmurou de forma sedutora. Ela não queria palavras e promessas de felicidade, os juramentos de amor e felicidade para sempre. As mentiras. Teriam um casamento simples, de conveniência e que estava melhor do que ambos pudessem ter imaginado. As palavras poderiam complicar o relacionamento, criar expectativas, ressentimentos e lágrimas.

— Não diga nada — repetiu, estendendo a língua devagar para curar a pequena marca que deixara no dedo do marido. Os olhos azuis o convidavam a mais prazer. — Em vez de falar, é melhor agir.

Ted mostrou então tudo o que queria dizer usando o próprio corpo. Tocou-a, acariciou-a com mãos ágeis e gentis, beijando-a dos pés à cabeça, e conheceu a resposta a cada estímulo com mais atenção, fazendo o desejo de Evelyn aumentar cada vez mais.

Evelyn entregou-se por completo e desfrutou do prazer de fazer amor com Ted com alegria e satisfação. Ele sabia mesmo como fazer uma mulher sentir-se realizada, com paciência e habilidade.

Quando terminaram, Evelyn pousou a cabeça sobre o ombro de Ted e aconchegou-se no corpo dele, considerando-se uma pessoa de sorte.

Naquele momento sentiu um medo que nunca tinha tido antes.

Antes dó amanhecer, todos os seus receios tornaram-se realidade. Gracie acordou com ânsia de vômito e dores por todo o corpo, devido a uma forte gripe viral. Mais tarde, Laura começou a apresentar os mesmos sintomas, e, na hora do jantar, Timothy estava com febre e irritado.

À noite, quando Evelyn o segurava no colo para amamentá-lo, ele começou a ter dificuldade de respirar e ficou azulado.

CAPÍTULO DOZE

A enfermeira da recepção olhou para o bebê nos braços da mãe aflita que entrou apressada pela porta do pronto-socorro, gritando instruções e abrindo caminho ao lado do pai.

— Temos um bebê com cianose séria — afirmou a enfermeira a um médico que passava pelo corredor e que puxou-o pelo braço, afastando-o da conversa que tinha com um colega. — Precisamos de você, agora!

— Ele tem quase sete meses de idade — informou Evelyn, enquanto a enfermeira pegava Timothy e o colocava sobre uma cama.

— Ele tem um problema no coração...

— Tire os pais daqui — ordenou alguém.

Uma pessoa levou Ted e Evelyn para a sala de espera, sem considerar os protestos dos dois, e fechou as cortinas da janela, bloqueando a visão para que não pudessem assistir ao que estava acontecendo lá dentro.

Ted podia ouvir o barulho dos monitores e máquinas, as vozes da equipe médica dando ordens urgentes, pedindo por medicamentos com termos que ele não compreendia.

Evelyn, entretanto, entendia tudo. Ted via a angústia no rosto dela e nada podia fazer. Ela ficou em pé, junto da porta, com as mãos no vidro. Estava pálida e com o olhar parado.

A equipe médica ignorou o fato de ela ser uma enfermeira experiente de unidade de terapia intensiva e ter sido a responsável por Timothy ainda estar vivo. Para eles, ela era apenas mais uma mãe preocupada e angustiada, disposta a atrapalhar a conduta deles.

Ted aproximou-se e colocou a mão no ombro de Evelyn, procurando confortá-la.

— Evelyn, querida.

— Não! — respondeu, áspera, saindo depressa do alcance do marido.

Ele tentou mais uma vez.

— Meu amor, vai dar...

— Eu disse não! — bradou, entre os dentes cerrados. — Não me toque. Não agora.

Ted recuou, deixando-a sofrer a seu modo. Algumas pessoas não se permitem ter conforto ou ainda ajuda durante uma crise, e só voltam ao normal depois de ela ter terminado. Teriam de superar o fato, manter o controle, até o perigo passar e Timothy ficar bem.

Ted recuou, mas ficou por perto, sabendo que ela poderia precisar dele quando o médico saísse da sala para falar do estado do filho.

— Senhor e Sra. Holt? — perguntou o doutor, entrando no corredor, depois do que pareceu uma eternidade. — Sou o Dr. Martinez.

Evelyn olhou para ele. Todo o seu corpo parecia congelado.

— E Timothy?

— Seu filho ficará bem — assegurou o médico, com um sorriso para os dois.

— Graças a Deus! — Ted sorriu também.

— Como está ele?

— O menino teve uma crise muito séria. Os batimentos cardíacos dele caíram para menos de cem. Precisamos entubá-lo.

Evelyn fechou os olhos, deixando as lágrimas escorrerem pelo rosto, e ficou esperando que o médico continuasse.

— Demos-lhe a medicação adequada e agora está respirando sozinho, porém, quero colocá-lo na U.T.I. pediátrica o mais rápido possível com oxigênio, e vou começar a administrar os antibióticos, mas tudo com supervisão médica.

— Vai mantê-lo aqui? — perguntou Ted. — Mas porquê?

— Ele pegou uma virose, e, como o quadro é sério, será melhor não corrermos riscos desnecessários. Quero que fique com os pulmões completamente limpos antes de mandá-lo para casa.

O Dr. Martinez aproximou-se e colocou a mão no ombro de Evelyn. Ted não pôde deixar de reparar que ela não se afastou do conforto dado pelo

médico e ficou um pouco triste, mas não havia notado que havia sido tocada.

— Não preciso dizer o quanto essa crise foi perigosa para ele, preciso, Sra. Holt?

Evelyn negou com um gesto de cabeça, sentindo-se culpada e com remorso.

— Se não fosse uma enfermeira bem treinada, ele poderia não ter chegado aqui vivo.

E se ela não tivesse se casado com Ted? Se não tivesse sido tão orgulhosa e recusado a ajuda do Estado? E se não tivesse levado o marido ao quarto, talvez Timothy não estivesse na sala de emergência naquele momento.

— Acho que deveria levar Timothy para o Hospital Infantil de Dallas, assim que puder, para uma reavaliação de suas condições.

— Reavaliação?

— Talvez tenha de marcar uma cirurgia cardíaca mais cedo do que a senhora havia planejado.

— Mas... — Evelyn estava angustiada. — Eu pensei... O médico da maternidade disse que quanto mais pudéssemos esperar, melhor. Afirmou que Timothy não deveria ser operado antes de completar quatro ou cinco anos.

— Não sou cardiologista, Sra. Holt. Então, não posso aconselhá-la quanto à cirurgia. — O Dr. Martinez olhou para Ted, incluindo-o na conversa.

— Mas recomendo que levem seu filho para ser analisado pela Dra. Glen Peterson no Hospital Infantil. Ela é a melhor nessa área.

— Obrigado, doutor — agradeceu Ted enquanto Evelyn permaneceu olhando para ele desesperada. Colocou a mão no ombro da esposa, oferecendo apoio. A crise tinha chegado ao fim, e ela precisava dele.

Evelyn continuou olhando para o médico sem dar atenção ao marido.

— Quero ver meu filho agora — disse ela.

— Está bem — consentiu o doutor, abrindo a porta que dava acesso à sala.

Ted deu um passo à frente para acompanhá-la.

— Gostaria de vê-lo sozinha — Evelyn afirmou, recusando a companhia.

Ted deixou os braços caírem ao lado do corpo. Evelyn moveu-se devagar, passou entre o marido e o médico e foi para o lado do filho. Um homem olhou para o outro.

— É o sentimento de culpa — explicou Dr. Martinez. — As mães sempre sentem-se responsáveis, de alguma forma, ainda mais se a criança tem um defeito congênito. Ela não quis excluí-lo — disse, tentando atenuar a dor do homem que estava à sua frente. — Sua mulher vai reconsiderar a atitude assim que o bebê melhorar.

— Espero que sim. — Ted procurava acreditar no que ouvira.

— Talvez queira ir até a recepção enquanto ela está lá dentro — sugeriu o médico. — Existem vários formulários que precisam ser preenchidos.

Ted hesitou por um momento e depois assentiu. Não haveria nada que pudesse fazer ali na sala de espera.

Timothy ficou no hospital por seis dias. Evelyn permaneceu ao lado do filho, saindo apenas para tomar banho, trocar de roupa e mandar limpar toda a casa e seus moradores. Desinfetantes fortes apareceram em todas as pias, junto com explicações detalhadas sobre como usá-los de forma adequada. Instituiu uma rígida política de não se colocar as mãos no bebê exceto sob supervisão, e explicou tudo sobre germes e defeitos cardíacos, assegurando a Gracie que nem ela nem ninguém eram culpados de nada.

— A culpa foi do germe — disse à criança. — Esses bichinhos maltrataram você, Laura e Timothy, mas ele ficou mais doente porque é muito novinho e nasceu com um problema sério, apesar de ter um aspecto muito saudável.

Evelyn também encarregou-se de proibir a entrada de Slik e de Urso na casa.

E também afastou o marido de sua cama.

Ted acompanhou Evelyn até Dallas e insistiu, em estar presente na consulta com a Dra. Peterson,

— Você é minha mulher — afirmou quando ela objetou e disse que a presença dele não era necessária. — Sendo assim, Timothy é meu filho. Deixe-me estar ao seu lado e ajudá-la, Evelyn.

Evelyn assentiu. Estava muito cansada para discutir e disposta a não confiar demais ou precisar de Ted, pois tinha dúvidas sobre o tempo que ele ainda ficaria ao seu lado antes de fugir, como todos os outros homens de sua vida fizeram em momentos difíceis. O pai abandonou-a quando estava com seis anos, condenando sua mãe e ela à pobreza. Craig partiu quando estava grávida de dois meses, dando as costas ao filho que nem havia

nascido.

Mais cedo ou mais tarde, Ted os abandonaria também, condenando-os à solidão pelo resto de suas vidas.

Evelyn achou que o mínimo que podia tentar era preservar-se de futuros sofrimentos.

— Quero fazer uma ligação temporária entre a aorta e a artéria pulmonar — explicou a médica, usando um modelo plástico de um coração de bebê para mostrar a que estava se referindo. — Vou dar um alívio temporário, aumentando o fluxo sanguíneo para os pulmões, assim diminuindo as ocorrências de cianoses e permitindo que ele cresça e se desenvolva bem até estar forte o suficiente para uma cirurgia definitiva.

Evelyn cruzou as mãos enquanto ouvia.

— Quando será a operação?

— Quanto mais cedo, melhor. Gostaria de marcar uma hora para que o tragam na semana que vem para fazermos alguns exames adicionais. Após termos o resultado e o estudarmos, poderemos marcar o dia da cirurgia.

— Está bem. — Preocupada, Evelyn levantou-se da cadeira em frente à mesa da médica com o filho no colo. Não reagiu quando Ted colocou os braços sobre seus ombros; ela nem ao menos percebeu o que tinha feito.

— E é bom que passem no departamento administrativo — informou a médica ao acompanhá-los até a porta do consultório.

— Alguém lá os ajudará a preencher os formulários do seguro de saúde e ver a forma de pagamento, se caso for necessário.

A funcionária do departamento financeiro os tratou com gentileza e falou tudo sobre os custos.

— Por sorte, o seguro de saúde vai cobrir oitenta por cento dos custos da cirurgia, Sra. Holt. Porém, como Timothy não é dependente legal do Sr. Holt, o plano dele não cobre o restante. Terão de dar os vinte por cento que faltam antes de marcarmos a operação.

— O que quer dizer? Como Timothy não é meu dependente? — indagou Ted, sério e irritado. — Sou casado com a mãe dele.

— É verdade. — A moça entregou o cartão do seguro para Ted e o olhava como se fosse chamar os seguranças do hospital. — Mas, para a companhia do plano de saúde, o senhor não tem grau de parentesco com a criança e não vão cobrir as contas do hospital.

— Que absurdo! — bradou Ted, saindo da sala. — Não é meu

dependente! Como eles podem dizer uma asneira dessas?

Ted passara as duas semanas anteriores sendo colocado de lado pela esposa. Evelyn o olhava como se fosse um estranho. Ted sentia que não havia lugar para ele na vida dela. E ainda teve de ouvir uma secretária dizer que não havia grau de parentesco entre ele e Timothy. Frustração era tudo o que sentia.

— Tim é meu dependente. Se quero assim, quem pode dizer o contrário?

— Não, ele não é — declarou Evelyn, fitando o marido de forma fria e distante. — Ele é *meu* filho. *Minha* responsabilidade.

Ted não podia acreditar no quanto ficou magoado com as palavras de sua mulher.

— Pelo amor de Deus, Evelyn! — gritou, virando o queixo dela e forçando-a a encará-lo. — Eu te amo!

Evelyn o olhava, impassível, recusando-se a acreditar no que ouvia. O pai também dizia que a amava, assim como Craig, e ambos fugiram quando passavam por uma situação mais difícil. Como poderia levar a sério as promessas de amor de outro homem? Crer em Ted e perdê-lo seria intuito duro.

Os acontecimentos da manhã seguinte provaram que ela estava certa.

Ted partiu durante a noite na caminhonete vermelha sem avisar nada. Levou a sela na caçamba e Sangria no *trailer*, engatado ao automóvel.

CAPÍTULO TREZE

Gus certificou-se de que o bebê dormia e que as três meninas estavam do lado de fora da casa antes de entrar. As crianças não deveriam ouvir o que ele tinha a dizer à esposa de Ted.

— O que está tentando fazer com aquele garoto? — perguntou, furioso, ao entrar na cozinha.

Fazia dois dias que Ted partira. Dois dias em que Evelyn não tinha mencionado o nome dele ou mesmo perguntado a Gus onde o marido estava.

— Está tentando matá-lo? É isso? Porque, se for, posso certificar-lhe de que está fazendo um ótimo trabalho.

Evelyn ergueu o rosto, deixando o presunto que cortava de lado.

— Desculpe-me, mas a que está se referindo?

— Você deve mesmo pedir desculpas, e precisa começar pelo tolo de seu marido.

— Sinto muito, mas não tenho a menor idéia do que está falando.

— Por acaso sabe onde seu marido está?

— Não, não sei. Ele saiu sem se despedir — confessou, com amargura.

— Sinto muito.

— E de quem é a culpa?!

— Minha — confessou, em voz baixa.

A admissão fez o velho caubói confundir-se. Ele não esperava essa reação.

— Estava tentando mandá-lo embora?

— É claro que não. Meu Deus! Eu queria que Ted ficasse. Achei que fosse diferente. Pensei que... — Evelyn pressionou os dedos contra os lábios, procurando conter o tremor. — Ted disse que me amava.

— Bem, se disse, então é porque a ama — assegurou Gus, com certeza.

— Aquele garoto nunca diz o que não sente.

— Então por que partiu? — gritou, surpreendendo Gus e ela mesma. — Por que foi embora? Eu precisava dele ao meu lado. Confiava nele, apesar de não dever. — Evelyn abaixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos. — Confiei em Ted, e ele me abandonou quando eu mais precisava.

— Pelo amor de Deus! Você não sabe com que tipo de homem se casou, não é? Ted não a abandonou. Não da forma como está imaginando. Ele não deixaria sozinho um cachorro na sua situação, quanto mais à esposa. Ted Holt é o homem mais responsável, fiel e de bom coração que eu tive o privilégio de conhecer. Fui palhaço de rodeios por quase trinta anos. Eu e Slik, meu porco, costumávamos divertir a platéia e, quando comecei a ter problemas com minhas articulações, Ted disse que precisava de alguém para ajudá-lo a dirigir nas viagens de um lado para outro. É claro que ele não precisava de ninguém, mas é o jeito dele de ajudar os outros. Por que acha que o irmão e a cunhada pediram a ele que cuidasse das meninas? Porque confiavam em Ted, assim como você deve confiar nele. Ted nunca deixará de cumprir sua palavra, ele sempre a honrou.

— Então onde está? — perguntou Evelyn, com os olhos cheios de lágrimas.

— Levou Sangria para uma feira agropecuária e para vendê-lo. Conseguiu dez mil dólares a menos do valor real do cavalo só para pegar uma

parte do dinheiro necessário para a cirurgia do bebê.

— Ele vendeu Sangria para pagar a operação de Timothy?!

— Não foi isso o que acabei de dizer? Ou será que estou falando sozinho?

— Por que Ted faria isso? Tinha grandes planos para aquele cavalo.

— Não dá para adivinhar? Vai ficar me olhando e dizendo que não sabe mesmo o porquê?

Evelyn encarou Gus. Precisava que ele dissesse as palavras nas quais queria acreditar.

— Porque a senhora é a mulher dele. Ted acha que aquele bebê é dele também. Está tentando fazer tudo para ajudá-la da única maneira que sabe. E você? Como o trata? Está sempre culpando-o pelo que aconteceu.

— Eu não o culpo pelo que aconteceu, Gus. Culpo a mim mesma.

— E a ele também — declarou Gus, sem permitir que ela acreditasse em meias verdades. — Culpa-o por ele ser o homem com quem se deitou naquela noite e a fez esquecer dos problemas de Timothy por alguns momentos.

— Não, eu...

— Não tente negar. Acha que não sei onde Ted estava na noite anterior à crise do menino? Quando saiu do lugar onde dormia desde o dia do casamento? Não preciso ser um gênio para saber que vocês dois estavam fazendo o que considero normal entre um homem e uma mulher, e nenhum dos dois é culpado de nada. Nem Gracie deve ser responsabilizada por ter trazido germes para esta casa.

— Ninguém responsabiliza Gracie — respondeu, apressada, assumindo a defesa da criança. — Nada do que aconteceu foi culpa dela.

— Isso mesmo. Ninguém a culpa, porque não há motivo para isso, assim como não se pode culpar você ou Ted também. Pense nisso, Evelyn, e descobrirá que estou certo.

Evelyn ficou pensativa, sentada na cadeira, com as mãos no colo, ouvindo o bater do relógio e o riso das meninas vindo do lado de fora.

— Onde está Ted agora? — indagou mais calma.

— Foi para Tyler montar o velho Vortex e tentar ganhar o prêmio em dinheiro.

— Então ele voltou a participar de rodeios?

— Não, Ted desistiu dessa vida perigosa há dois anos por causa do que

esse touro fez com ele. Não lhe contou nada a respeito?

— Vi as cicatrizes.

— Então sabe que Ted está arriscando a vida montando naquele monstro de novo.

— Arriscando a vida?! Não está exagerando um pouco? Todo mundo que conheci desde que cheguei a Selina fez questão de falar que me casei com um dos melhores peões do país. Sei que ele se machucou antes, mas acha que Ted está correndo tanto risco? Caubóis montam em touros o tempo todo, não é?

— Você nunca foi a um rodeio?

— Não, nunca.

— Bem, deixe-me contar-lhe que esse tipo de montaria é uma atividade muito perigosa. Muitos peões foram mortos na arena, e é ainda mais perigoso para o seu marido. Os médicos disseram que Ted não deveria montar mais, pois só tem um rim. Vortex acabou com o outro.

— Oh, meu Deus!

— Acho que agora compreende melhor a situação.

— Meu Deus! — repetiu. — Precisamos detê-lo!

Gus sorriu pela primeira vez nos últimos dias, aprovando a idéia.

— Esse é o caminho, Evelyn.

Levaram quase quatro horas para chegar a Pyler. Todos espremidos no carro de Evelyn. Ela não poderia deixar Timothy para trás e não poderia partir sem ele. Se levasse o filho naquela aventura louca, poderia também levar as meninas, que pediram tanto para ir. Gus dirigiu o carro, deixando Evelyn livre para cuidar das crianças.

A pequena arena de rodeio estava localizada a oeste de Tyler, no Texas. Era o tipo de empreendimento que era geral não atrairia muito público mesmo em uma tarde de domingo. Porém, com Vortex sendo a atração, pois era o "touro que ninguém conseguia montar", centenas de pessoas foram ao lugar.

Estavam anunciando o evento pelo alto-falante quando Gus estacionou o carro.

— Senhoras e senhores — dizia o locutor —, hoje temos a honra de ter junto aos outros concorrentes o campeon nacional de rodeios, Ted Holt, vindo de Selina.

— Oh, meu Deus! — exclamou Evelyn.

Com cuidado, colocou o filho nos braços de Gus.

— Se quando eu voltar ele não estiver como está agora, me encarregarei de acertar as contas com roce pessoalmente. — ameaçou em tom de brincadeira. — Isso depois de matar esse meu marido maluco.

Evelyn saiu correndo em direção à arena. — Como todos os fãs de rodeio sabem, Vortex e Ted são antigos camaradas com uma conta a acertar. A última vez que esses dois competidores se encontraram, o touro levou vantagem sobre o caubói. Ted está tentando dar o troco hoje na nossa arena. Não se esqueçam, amigos, que Vortex já mandou para o chão três peões, e um foi para o hospital com o pescoço quebrado. Desejamos a Larry Nickels muita sorte e esperamos que ele se recupere.

Evelyn estava quase na cerca, abrindo caminho no meio da multidão. Mais alguns passos e estaria lá. Subiu no redondel, ignorando as pessoas que gritavam para que ela descesse.

— Ted! — gritou com força. — Ted, seu tolo!

Ele não a ouviu, com o barulho do recinto, e não a ouviria mesmo que houvesse silêncio absoluto. A cabeça de Ted estava virada para baixo, concentrado como na foto da revista. O chapéu cobria-lhe os olhos, e o maxilar estava cerrado com determinação.

— Senhoras e senhores, fãs de rodeios de todas as idades, agora vai entrar o concorrente número cinqüenta e três, montando Vortex, o touro indomável!

Evelyn o viu balançar a cabeça uma vez e erguer o braço esquerdo dando o sinal de que estava pronto.

Homem e animal se lançaram para o meio da arena.

— Ted! — gritou Evelyn, mas sua voz desapareceu diante do som da multidão.

Os oito segundos seguintes foram os mais longos da vida de Evelyn. O grande touro era ágil, pulava de um lado para o outro com uma rapidez e altura impressionantes. Tirava as quatro patas do chão e voltava com uma força assombrosa. O marido parecia um boneco nas costas do animal, a mão direita presa sob uma corda e a esquerda erguida para o céu.

— Vamos! Agüente firme — sussurrou Evelyn, rezando para que o sinal dos oito segundos tocasse logo e terminasse com todo o pesadelo.

Quando o gongo soou, a multidão ficou enlouquecida, gritando para saudar o caubói. O touro indomável havia sido derrotado.

Ted soltou a corda, passou a perna sobre as costas do touro e tentou desmontar sem ser atingido pelos longos e perigosos chifres do animal.

Porém, perdeu o equilíbrio e ficou com a mão presa, atrelado a oitocentos quilos de carne.

Evelyn gritou e tentou pular a cerca enquanto os palhaços faziam seu trabalho procurando chegar perto o suficiente para soltar a mão de Ted.

Alguém puxou as pernas de Evelyn, impedindo-a de entrar na arena.

— Solte-me! Deixe-me entrar! — bradou, chutando o desconhecido. — Aquele é o meu marido.

A corda afrouxou um pouco e, de repente, Ted soltou-se. Ele voou pelo ar e caiu de barriga para cima, imóvel no chão de terra.

O touro ficou ainda mais perigoso. Vortex era conhecido por perseguir os peões. A multidão ficou em silêncio, assistindo ao animal enfurecido mover a cabeça de um lado para o outro. Os chifres eram enormes, e o olhar parecia atingir o alvo com dardos. Os palhaços corriam, procurando distraí-lo para que não pegasse Ted, que estava inconsciente. Vortex preparou-se e saiu correndo atrás de um deles.

Evelyn pulou a cerca e chegou antes dos médicos ao local onde Ted estava. Passou as mãos sobre ele com delicadeza, procurando por ferimentos.

— Ted. Por favor, não se mova — disse ao vê-lo movimentar a perna. — Fique quieto.

— Evelyn?!

— Estou aqui, querido. Estou bem aqui. — Evelyn Tirou-se para que ele pudesse vê-la sem mexer a cabeça. — Tente permanecer imóvel. Pelo menos até que os médicos tenham certeza de que está tudo bem com você.

— Eu estou bem, rapazes — disse, sentados e acenando para as pessoas que tentavam ajudá-lo. O olhar não se desviava da mulher ajoelhada no centro da arena ao seu lado, com os cabelos em desalinho e lágrimas nos olhos. — Você me chamou de "querido"! — exclamou, tirando uma das luvas e secando as lágrimas que escorriam com o dedo indicador. — Você nunca me chamou assim antes.

— Daqui para a frente, posso chamá-lo como quiser. Amor, querido, paixão... — Evelyn acariciou o rosto de Ted com as mãos trêmulas. — Meu amor...

Ted piscou depressa para conter o choro. Caubóis e campeões de

rodeios não choram na frente de seus companheiros.

— Isso quer dizer que eu consegui?

— Sim — respondeu Evelyn, sem perceber que Ted não se referia à prova de rodeios. — Sim, conseguiu!

Evelyn aproximou-se e jogou-se nos braços do marido.

— Eu te amo, amo demais.

O público aplaudiu Ted Holt, o homem mais cobiçado de Selina, quatro vezes campeão nacional de rodeios, belo, simpático e o mais famoso caubói do circuito, caído de costas no chão de terra com a esposa nos braços.

— Eu também te amo, querida.

Em seguida, desmaiou por cauda da dor do ombro deslocado.

— Senhoras e senhores, vamos dar uma salva de palmas para Ted Holt e sua bela esposa.

EPÍLOGO

Dois anos mais tarde.

— Que droga, Evelyn! — reclamou Ted. — Não acho que Amanda tem idade para sair com namorado.

— Ela está com catorze anos, e é só um baile da escola — respondeu Evelyn, batendo de leve na perna do marido.

— Pare de se preocupar.

— Mas o que sabemos sobre o garoto com quem vai sair?

— Ele é o filho mais velho de Tallie Sweet, o nome dele é Bobby Ray. Você o conhece há anos.

— É um bom menino — defendeu Gus, olhando para o casal e dando sua opinião. — Ajuda muito a mãe desde o divórcio dos pais.

— Acho Bobby muito bonzinho — argumentou Laura, que fazia um desenho ao lado de Evelyn.

— Bobby é aquele com olhar malicioso? — perguntou Ted, ainda desconfiado.

— O menino não tem olhar malicioso — retrucou Evelyn, achando graça. — E você sabe disso. É um garoto perfeitamente normal.

— Não existem garotos de dezesseis anos perfeitamente normais — resmungou, esticando as pernas. — Os hormônios estão agindo com toda a intensidade.

Evelyn olhou-o pelo canto dos olhos.

— Isso acontece em qualquer idade — murmurou provocando-o, e aproximou-se para acariciar o peito de Ted. — Gracie, querida, ajude Tim. Slik está querendo pegar o biscoito da mão dele.

Timothy era uma criança saudável de três anos. Com exceção da cicatriz que trazia no peito, nada fazia lembrar que ele tinha um problema no coração. O menino gritava para espantar Slik, que queria pegar seu alimento.

— Ela está certa. Deixe Amanda sair com Bobby, caubói. — Gus concordava com Evelyn.

— Caubói — repetiu Tim, virando-se para sorrir para o homem que chamava de pai desde que aprendera a falar.

Ted adotou o menino dois anos antes, mas os papéis eram apenas uma formalidade, pois considerava-se pai de Timothy desde o dia em que casou-se com Evelyn. Abraçado à esposa, passou a mão na barriga dela.

Evelyn usava uma das camisas de Ted e um short largo para dar mais conforto.

— Como está nossa nenê?

— Ansiosa para sair daqui e conhecer o resto da família...

— Suas costas estão doendo?

— Só um pouco.

— Farei uma massagem quando formos nos deitar — prometeu, beijando-a no pescoço, no rosto e nos lábios.

Urso se aproximou, latindo, e interrompeu o romance. Ted virou-se e olhou para a estrada. Uma nuvem de poeira seguia o carro que se aproximava.

— Parece que nosso Romeu está chegando — disse, levantando-se. — Amanda! Bobby Ray está aqui.

— Será que todos precisam ficar aqui na varanda? — indagou Amanda ao sair de casa. — Ninguém pode ter o mínimo de privacidade nesta casa?

— Não — respondeu o tio, sorrindo.

— Tia Evelyn, por favor, não deixe que ele me embarace na frente de Bobby.

— Comporte-se, Ted.— Evelyn advertiu o marido, puxando-o para sentar-se ao lado dela no balanço.

— Você está linda — elogiou Ted, analisando a sobrinha. —

Deslumbrante, maravilhosa como uma novilha...

— Tia Evelyn! Faça-o parar!

— O que foi que eu disse? — protestou Ted, inocente.

— Mulher alguma gosta de ser comparada a uma novilha. — Evelyn apertou o braço do marido, impedindo que ele se levantasse para cumprimentar o visitante. — Boa tarde, Bobby — disse, sorrindo, para o garoto que estava em pé perto da escada.

— Boa tarde, Sra. Holt, Sr. Holt...

— Amanda deve voltar às onze horas. Nada de bebidas, alta velocidade ou paradas em lugares baldios — avisou Ted. — Se eu descobrir que andou fazendo alguma dessas coisas com minha sobrinha no seu carro, eu mesmo acerto as contas com você. Ficou claro?

O garoto ficou corado.

— Sim, senhor.

— Então, podem ir. E divirtam-se.

— Sim, senhor.

— Você gostou disso, não foi? — Evelyn ria do marido, enquanto olhavam os dois jovens entrarem no carro e partir.

— Amedrontar o pobre menino e embaraçar Amanda.

— Muito — admitiu Ted.

Ele gostava de todos os aspectos de sua nova vida. A doce e bonita esposa, as crianças saudáveis, os amigos que tinham, e o costume de sentarem-se na varanda era uma tarde de domingo e ficar admirando o pôr-do-sol nas terras que lhes pertenciam.

"A sorte das pessoas e o destino são fatores interessantes", pensou ele. Um caubói nunca sabe o que pode lhe acontecer se não se arriscar.

FIM